



COPPE/UFRJ

**A PONTE DO RIO: SOBRE O FORMAL E O INFORMAL NO
PLANO DE URBANIZAÇÃO DA ROCINHA**

Luiza Farnese Lana Sarayed-Din

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior.

Rio de Janeiro
Junho de 2009

A PONTE DO RIO: SOBRE O FORMAL E O INFORMAL NO
PLANO DE URBANIZAÇÃO DA ROCINHA

Luiza Farnese Lana Sarayed-Din

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO INSTITUTO ALBERTO LUIZ COIMBRA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA DE ENGENHARIA (COPPE) DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO PARTE DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO.

Aprovada por:

Prof. Roberto dos Santos Bartholo Jr., Ph.D.

Prof. Fábio Luiz Zamberlan, Ph.D.

Profa. Elizabeth Tunes, Ph.D.

RIO DE JANEIRO, RJ - BRASIL
JUNHO DE 2009

Sarayed-Din, Luiza Farnese Lana

A ponte do rio: sobre o formal e o informal no Plano de Urbanização da Rocinha/ Luiza Farnese Lana Sarayed-Din. – Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2009.

XI, 148 p.: il.; 29,7 cm.

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Junior.

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ COPPE/ Programa de Engenharia de Produção, 2009.

Referências bibliográficas: p. 143-148.

1. Formal e Informal. 2. Urbanização de favelas. I. Bartholo Junior, Roberto dos Santos. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE, Programa de Engenharia de Produção. III.

Título.

Dedico aos que atravessam sem perguntar para onde.

MUITO OBRIGADA...

Aos envolvidos no Plano de Urbanização da Rocinha pelas verdades compartilhadas

Ao PC pelo coração, história linda e amizade

Ao Mauro Guaranys pela filosofia, arte e crença no outro

Ao Toledo pelo brilho nos olhos, carinho incondicional e por me fazer acreditar que é possível

Aos amigos espirituais pelas intuições

Aos meus pais por tudo

Ao Wi pela paciência, amor e parceria

À Lari e Isa, pela leitura e críticas amigas

Aos companheiros do LTDS pelo apoio e conversas encorajadoras

Aos amigos da secretaria do PEP pelas risadas e ajudas fundamentais

A Beth pelo café com luz no Jardim Botânico

E ao Bartholo por me lançar ao mar e permitir que eu concluísse que não se mostra o caminho a quem sai para se perder.

Resumo da Dissertação apresentada à COPPE/UFRJ como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Ciências (M.Sc.)

A PONTE DO RIO: SOBRE O FORMAL E O INFORMAL NO
PLANO DE URBANIZAÇÃO DA ROCINHA

Luiza Farnese Lana Sarayed-Din

Junho/2009

Orientador: Roberto dos Santos Bartholo Jr.

Programa: Engenharia de Produção

O envolvimento intenso e a alegria de contar uma história da qual grande parte dos entrevistados se orgulhavam, fazia com que eu apenas ligasse o gravador e perguntasse qual foi sua participação no Plano de Urbanização da Rocinha que depois deu origem ao PAC nas favelas? Eu deixava claro que meu principal interesse era entender como e porque esse plano de urbanização, especificamente, recebeu um aporte financeiro tão grande para seu desenvolvimento e conseqüentemente como uma coisa que surgiu dos moradores teve tamanha repercussão? E para estruturar esta dissertação, inspirei-me em um pintor de quadros. Desenvolvo uma moldura filosófica com Richard Rorty e Martin Buber, e desenho as linhas e contornos a partir da discussão do formal e informal aliada a idéia de risco e confiança da obra de Larissa Adler Lomnitz. No entanto, o preenchimento da pintura é todo feito ao sabor das águas, aproveitando a brisa do mar carioca visto do alto de uma montanha, mais especificamente do Rio de várias faces, do Rio Rocinha, do Rio São Conrado, do Rio mar, do Rio montanha. Uso a metáfora da ponte que liga não só idéias, pensamentos, diferenças, enfim que traz a idéia principal dessa dissertação, a relação. Afinal, não existe ponte se não for para interligar dois lados, para ser o “entre”, seja do rio ou do Rio.

Abstract of Dissertation presented to COPPE/UFRJ as a partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Science (M.Sc.)

THE BRIDGE OF RIO : THE FORMAL AND INFORMAL IN THE
URBANIZATION PLAN OF ROCINHA

Luiza Farnese Lana Sarayed-Din

June/2009

Advisors: Roberto dos Santos Bartholo Jr.

Department: Production Engineering

The intense involvement of the interviewees and the joy to tell their proud history was so great that I only had to turn on my recorder and ask them questions about their participation in the Urbanization plan of Rocinha that later gave origin to CAP in the slum quarters? I left clearly that my main interest was to understand why and how this plan of urbanization, specifically, received a large amount of financial funds for its development and the repercussion for its inhabitants? Structuralizing this dissertation, I was felt inspired in a painter of pictures. I develop a philosophical frame with Richard Rorty and Martin Buber, and began drawing the lines and contours from the discussion of the informal and formal sectors wich is based on the idea of risk and confidence by Larissa Adler Lomnitz. However, the fulfilling of this painting all is made to the flavor of the waters, having used to advantage the breeze of the Carioca sea of seen from the heighth of a mountain, more specifically of the Rio in various faces, of Rio Rocinha, Rio Conrado, of Rio sea and Rio mountain. Using the metaphor of the bridge who not only binds ideas, thoughts, differences, but also brings the main idea of this dissertation, the relation. After all, bridges do not exist without having established connection by two sides, to be “in between”, either of the river or Rio.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1. NOS BASTIDORES | 1 |
| 2. NA BARCA | 3 |
| 2.1. Os encontros | 6 |
| 3. O MUNDO DO RIO NÃO É O MUNDO DA PONTE | 14 |
| 4. FORMAL E INFORMAL..... | 14 |
| 5. UM CONVITE AO RISCO NÃO CALCULADO..... | 20 |
| 6. HISTÓRIAS DE QUANDO A ROCINHA OU RUSSINHA AINDA NÃO EXISTIAM... .. | 22 |
| 6.1. Mesa, comida e amigos | 22 |
| 6.2. A História contada por madame | 26 |
| 6.2.1. Foi uma nova experiência pra nós dois | 31 |
| 6.3. Sou Rocinha: Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é..... | 34 |
| 6.3.1. “Não é a história ensinada nas escolas. São as nossas falações” | 36 |
| 6.3.2. Mãe preta e mãe branca: “é só alguém estender a mão”..... | 40 |
| 6.3.3. Como a história de muitos nordestinos... .. | 46 |
| 7. SALVE-SE QUEM PUDER: A GUERRA DE 2004 | 47 |
| 7.1. Notícias de uma Guerra Particular | 50 |
| 8. TÍNHAMOS DE ENCONTRAR UMA SAÍDA: O FÓRUM TÉCNICO DA ROCINHA..... | 53 |
| 8.1. Encontros, reencontros e desencontros | 56 |
| 8.1.2. As organizações são feitas de gente | 56 |
| 8.1.3. Projeto bem carioca | 60 |
| 9. O MUNDO DO RIO NÃO É O MUNDO DA PONTE | 65 |
| 9.1. O mundo da ponte: o concurso..... | 65 |
| 9.2. O mundo do rio: das pontes surge uma equipe. | 70 |
| 9.2.1. Na Ponte Rio-Niterói..... | 70 |
| 9.2.2. Mesa, comida e amigos: espaços de transformação | 72 |
| 9.3. O mundo do rio:“a rocinha sabe o que quer ;a rocinha sabe o que não quer”.76 | |
| 9.3.1. “Brincando a Sério”..... | 81 |
| 9.3.2. Seminário AMABB | 85 |

| | | |
|---------|---|-----|
| 9.3.3. | Nos bastidores do concurso..... | 87 |
| 10. | E AGORA JOSÉ? | 89 |
| 10.1. | José, e agora?..... | 90 |
| 10.1.1. | Eleições | 96 |
| 10.2. | José, para onde? O outro lado da mesma moeda..... | 98 |
| 10.2.1. | Rumo ao PAC..... | 101 |
| 11. | A PONTE É ATÉ ONDE VAI O MEU PENSAMENTO | 103 |
| 11.1. | É um bom sinal: O Plano do Laboriaux | 103 |
| 11.2. | Estrada da Gávea 487 | 105 |
| 11.3. | Operários em Construção | 107 |
| 11.3.1. | A participação aos trancos e barrancos: Os seminários | 110 |
| 11.3.2. | O Fórum Cultura | 112 |
| 11.3.3. | A Passarela da Rocinha | 115 |
| 11.4. | Em construção? | 120 |
| 11.4.1. | O lixo..... | 120 |
| 11.4.2. | Decreto Nº 28341 de 21/08/07 | 124 |
| 11.4.3. | O desafio da moradia..... | 128 |
| 12. | FIEL DEFESA | 133 |
| 13. | INCONCLUSÕES..... | 139 |
| 13.1. | De volta a Barca | 142 |
| 14. | BIBLIOGRAFIA..... | 143 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| Figura 1: Favela da Rocinha – arquivo M&T- arquitetura, planejamento e consultoria, Ltda. | 23 |
| Figura 2: Mauro Guarany's - arquivo M&T - arquitetura, planejamento e consultoria, Ltda. | 24 |
| Figura 3: Paulo César (PC) - arquivo pessoal PC. | 35 |
| Figura 4: Ediglé - arquivo M&T - arquitetura, planejamento e consultoria, Ltda..... | 46 |
| Figura 5: Projeto Espaço Semente - arquivo Mauro Guarany's. | 64 |
| Figura 6: Toledo e PC - arquivo M&T..... | 69 |
| Figura 7: fotografias realizadas durante a visita - arquivo M&T..... | 77 |
| Figura 8: Escritório improvisado durante o concurso - arquivo David Cardeman. | 80 |
| Figura 9: Demarcação da Área Exemplar na Rocinha - arquivo M&T..... | 81 |
| Figura 10: Reunião com crianças da Rocinha - arquivo M&T. | 83 |
| Figura 11: Criança expondo seu mapa da Rocinha - arquivo M&T. | 84 |
| Figura 12: Atividade com as crianças da Rocinha – arquivo M&T..... | 85 |
| Figura 13: Seminário AMABB - arquivo M&T..... | 86 |
| Figura 14: Utilização das lajes da Rocinha - arquivo M&T..... | 94 |
| Figura 15: Matéria do jornal O Globo (01/07/00) sobre a "Vila Olímpica da Rocinha". | 95 |
| Figura 16: Campanha eleitoral Sérgio Cabral na Rocinha. | 97 |
| Figura 17: Reunião no pátio da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem - arquivo M&T. | 98 |
| Figura 18: Reunião na quadra da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha - arquivo M&T. | 100 |
| Figura 19: Seminário Laboriaux - arquivo David Cardeman..... | 105 |
| Figura 20: Escritório da M&T na Rocinha - arquivo M&T..... | 106 |
| Figura 21: Curso de História Urbana na Rocinha - arquivo M&T..... | 107 |
| Figura 22: Ediglé guiando grupo de estagiários durante diagnóstico - arquivo M&T.. | 108 |
| Figura 23: Divulgação do Plano de Urbanização na Rocinha - arquivo M&T. | 109 |
| Figura 24: Esquema de distribuição dos seminários pela Rocinha. Arquivo Marat. | 111 |

| | |
|--|-----|
| Figura 25: Hilton Berredo - arquivo M&T..... | 112 |
| Figura 26: Cartaz divulgação Fórum Cultural da Rocinha - arquivo M&T..... | 114 |
| Figura 27: Fórum Cultural da Rocinha - arquivo M&T..... | 115 |
| Figura 28: Projeto da Passarela e Centro Poliesportivo da Rocinha - arquivo M&T. .. | 119 |
| Figura 29: Situação do lixo na Rocinha - arquivo M&T..... | 123 |
| Figura 30: Alguns desafios encontrados na Rocinha quanto ao número de pavimentos – arquivo M&T..... | 126 |
| Figura 31:Folder de divulgação do Decreto 28.341 : Posto de Orientação Técnica da Prefeitura do Rio..... | 128 |
| Figura 32: Folder de divulgação do Canteiro Social na Rocinha..... | 129 |
| Figura 33: Matéria publicada no Jornal O Globo (29.01.07) sobre os prédios “ecologicamente corretos”..... | 131 |

1. NOS BASTIDORES

A certeza veio após a entrevista com o PC, o Paulo César da Rocinha. Com a indicação do pessoal da Associação de Moradores de São Conrado – AMASCO, encontrei com o PC e passei a acreditar que existia algo diferente naquela história toda do Plano de Urbanização da Rocinha. Não sabia muito bem em qual teoria pensar ou em qual estrutura aquele caso se enquadraria, só sabia que queria contar aquela história, daquele jeito.

Buscando um método que me permitisse flutuar por entre as regras e mergulhar a fundo na história e em sua complexidade, me deparei com um texto de Alda Alves-Mazzoti, que faz uma análise comparativa das concepções de Robert Stake e Robert Yin sobre metodologia de estudo de caso. Senti-me confortada quando ALVES-MAZZOTI (2006) aponta a seguinte afirmação de Stake:

os problemas ocorrem quando o compromisso com a generalização ou com a teorização é tão grande que a atenção do pesquisador é desviada de características importantes para a compreensão do caso em si. Com sua própria história, única, o caso é uma entidade complexa operando dentro de vários contextos – físico, econômico, ético, estético e outros. (ALVES-MAZZOTTI, 2006: p. 647)

Ou seja, de certa forma, encontrei na fala de Stake uma sintonia com minhas preocupações. A partir disso, percebi que as conclusões da análise comparativa realizada por ALVES-MAZZOTI (2006) iam ao encontro de minhas ansiedades ao afirmar que as questões típicas do estudo de caso estão ligadas a compreensão do como e porquê o fenômeno estudado ocorre. Ou seja, “questões sobre o como e porquê se referem a relações complexas, sobre as quais o pesquisador tem pouco controle; são referidas a um dado contexto, portanto situadas.”(ALVES-MAZZOTTI, 2006: p.643)

E assim, inspirada pela metodologia do estudo de caso, dei início a essa viagem. A partir de um conversa informal com Dona Marlene, da AMASCO e PC da Rocinha comecei a levantar documentos que ambos possuíam bem como identificar quais os personagens faziam e fizeram parte da história do desenvolvimento do Plano de Urbanização da Rocinha. Quanto mais informações eu levantava, mais minha certeza de

que aquele caso era muito emblemático do como fazer algo de forma diferente, valorizando os “quens” do processo.

Com algumas informações em mãos, defini uma série de perguntas para aprofundar no caso e tentar entender um pouco do “como” e do “porque” aquilo tudo aconteceu. Com a entrevista semi-estruturada em mãos fui atrás dos principais atores envolvidos, aproveitando para perguntar se eles achavam que teria mais alguém que eu devesse entrevistar, diferente das pessoas inicialmente programadas.

O mais incrível aconteceu depois das três primeiras entrevistas, em que percebi que não adiantava tentar fazer as perguntas que eu havia identificado como importantes para guiar as entrevistas semi-estruturadas. Isso porque, quando eu encontrava os atores deste caso, o envolvimento intenso e a alegria de contar uma história da qual grande parte dos entrevistados se orgulhavam, fazia com que eu apenas ligasse o gravador e perguntasse qual foi sua participação no Plano de Urbanização da Rocinha que depois deu origem ao PAC das favelas? Eu deixava claro que meu principal interesse era entender como e porque esse plano de urbanização, especificamente, recebeu um aporte financeiro tão grande para seu desenvolvimento e conseqüentemente como uma coisa que surgiu dos moradores teve tamanha repercussão?

Então, a proposta de realizar entrevistas semi-estruturadas foi por água a baixo. O que acabou acontecendo foi a gravação de relatos sobre como aconteceu o Plano de urbanização, o que deu origem a uma nova questão. Era incrível como a mesma história, dentro do mesmo recorte temporal, com o mesmo grupo de pessoas, tinha tantos olhares distintos, mas que de certa forma dialogavam. E assim, após a realização de quinze entrevistas, nas quais na verdade eu gravava o relato dos personagens, concluí que não teria como redigir o caso sem chamar a atenção para os diversos olhares e para a relação entre a dimensão pessoal e a formal que permeavam toda a história.

Foi então que as idéias trabalhadas por Larissa Adler Lomnitz com relação á concepção do formal e informal nas sociedades contemporâneas me saltaram aos olhos. Cabe ressaltar que a opção pela utilização dos estudos de Larissa não foi só pelo fato de eu concordar com alguns dos conceitos trabalhados por ela, mas principalmente pelo seu

olhar antropológico de ver as coisas, de valorizar a experiência da vida-vivida, e acima de tudo, as pessoas envolvidas ao longo do processo.

Dessa forma, inspirada em Larissa Lomnitz e estimulada por meu orientador Roberto Bartholo – que me “provocou” a escrever esse estudo de caso como uma história real, esteticamente comprometida e que chamasse à reflexão – resolvi contar essa história de outra forma. E assim busquei concatenar documentos, relatos, sensações e emoções numa dissertação, que é na verdade o coração desse trabalho. O revestimento – que também assume um compromisso crítico e estético – deixei para Richard Rorty e Martin Buber, que assumem a figura de um velho sábio e são responsáveis pela moldura teórica desse quadro que intitulei “O mundo do rio não é o mundo da ponte”.

Para estruturar a dissertação, inspirei-me em um pintor de quadros. Desenvolvo uma moldura filosófica com Rorty e Buber, e desenho as linhas e contornos a partir da discussão do formal e informal aliada a idéia de risco e confiança da obra de Larissa. No entanto, o preenchimento da pintura é todo feito ao sabor das águas, aproveitando a brisa do mar carioca visto do alto de uma montanha, mais especificamente do Rio de várias faces, do Rio Rocinha, do Rio São Conrado, do Rio mar, do Rio montanha. Uso a metáfora da ponte que liga não só idéias, pensamentos, diferenças, enfim que traz a idéia principal dessa dissertação, a relação. Afinal, não existe ponte se não for para interligar dois lados, para ser o “entre”, seja do rio ou do Rio.

2. NA BARCA

Estava me sentindo perdida e incompreendida, como se todas as regras e métodos que eu lia estavam ali só para me prender, sufocar. Não conseguia prosseguir no que eu estava pensando em pesquisar e então resolvi fazer algo que aprendi a admirar no Rio de Janeiro: andar de barca. É isso mesmo. Muita gente pega a barca do Rio para Niterói para trabalhar, ir ao médico, enfim, se transportar com rapidez entre as duas cidades. Mas vou ser sincera, eu, enquanto uma boa mineira, tive uma das melhores experiências andando na barca. Sentia-me a própria Rose do Titanic. Aquela brisa do mar... Aquela vista deslumbrante. Naquela época ainda tinham as barcas antigas, que eram abertas e permitiam desfrutar a beleza da paisagem. Hoje em dia trocaram as barcas por umas

coisas que parecem mais um avião, com TV de plasma dentro, janelas fechadas e um monte de cadeira, sem espaço para as varandas e janelas em que você podia ir admirando a vista... Mas enfim, o que importa é que peguei a barca, das antigas ainda, e fui sentir brisa no rosto, ver se meu cérebro descansava de tentar achar uma solução e se levava pela sensação daquele momento.

Estava sentada na parte de fora, numa cadeira que parecia aquelas de praça, de madeira escura e já desgastada com a idade, o mar e a exposição ao tempo. Na verdade, antes de me sentar, tive que passar por outro banco em que estava um velho muito simples, que a primeira vista parecia-se mais com um mendigo. Quando passei, percebi que ele havia pintado alguma coisa num pedaço de papel e o estava entregando para um casal – que a princípio não me pareciam ser brasileiros – que estava ao seu lado. O mais interessante é que ele estava se comunicando com o casal em inglês e isso me chamou a atenção. Mas continuei a busca por um banco, e cruzando essa cena me sentei no próximo banco livre.

Sentada naquele banco minha mente foi parar na Rocinha, na conversa emocionante que tive com o PC e nas sensações que aquele encontro despertou em mim. É interessante quando a coisa é para acontecer a gente não precisa perguntar pra ninguém, a gente sente. E foi assim. Eu senti que ali eu encontraria pessoas incríveis, como o PC, mas também uma história peculiar, construída dentro de uma realidade complexa e “ícone” do Brasil e do mundo que é a Rocinha. Confesso que isso foi o único ponto que estava me desmotivando... a Rocinha já é um espaço tão estudado e com tantas intervenções externas que uma das coisas que me veio à mente foi a possibilidade de não estar contribuindo com algo novo. Mas pelo que entendi dessa primeira conversa, tanto com o PC, quanto com a Dona Marlene, essa história ainda não tinha sido contada.

Perdida em meus pensamentos, fui sugada de volta aquele ambiente pelo “Oui. Je suis un artist de la mer”. (Sim. Eu sou um artista do mar - em francês) proferido por ninguém mais que o velho senhor que a pouco falava inglês. Minha curiosidade não me permitiu ficar sentada em outra cadeira e, chegando mais perto, consegui me encaixar no mesmo banco daquele curioso senhor.

_ Boa tarde. – tentei iniciar uma conversa com aquela pessoa no mínimo curiosa.

_ Boa tarde bela senhora. Sentindo a brisa gostosa?

_ Sim. – respondi, já emendando uma outra pergunta. – O senhor é pintor?

_ Sou um artista do mar. Estou aqui sempre aberto para ver o que se fará presente para eu pintar.

Em um misto de confusão e encantamento perguntei a ele sobre a situação anterior em que ele falava inglês e logo depois francês com um acento digno de um europeu. E ele, sem perder a serenidade respondeu com Drummond:

–

Mundo mundo vasto mundo
Se eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
mais vasto é meu coração¹.

Apaixonei! Nunca tinha visto nada parecido com aquele senhor. Simplesmente incrível. Daquele instante até atracarmos novamente na Praça 15 – local onde chegam as barcas no Rio de Janeiro – tivemos uma conversa muito rica em que ele disse se chamar Elias e ter estudado letras na Faculdade de Beirute. Após guerras e sofrimentos hoje ele fez a opção pelo momento. E, segundo ele, essa é a sua profissão: acolhedor de presenças. Mas o mais incrível foi o complemento, pois ele disse que ficava um tempo no mar e um tempo na terra, pois, segundo ele, “A gente tem que ter equilíbrio, pois mesmo a ponte Rio Niterói toda cheia de concreto precisa de uma medida de flexibilidade. A gente também é assim, posso até sentir o que vai pro papel aqui, mas a linha que baliza a pintura que você vê só é possível em terra firme, com um pouco de firmeza nas bases. Mas depois ela baila, livre e sempre está aberta para um sombreamento ou até mesmo uma mudança brusca... dependendo do que apareça.”

E assim desci na Praça 15 e fui para a casa com a sensação de que havia conhecido alguém muito especial e que poderia, inclusive, me ajudar muito. Voltei para a casa pensando nessa profissão, acolhedor de presenças, e na importância que ele deu ao equilíbrio, à necessidade de se estar em solo firme para traçar a linha percebida no

¹ Poema de sete faces. Carlos Drummond de Andrade.

balanço do mar. Nesse momento lembrei da sensação que tive quando saí da reunião com o PC: de que a história de vida dele era linda e que merecia um filme, alguém contando sua trajetória. Essa sensação, aliada a percepção de o que tinha acontecido entre Rocinha e Amasco era também muito especial, tinha me deixado com uma vontade incrível de virar uma contadora de estórias, revelando alguns dos segredos ocultos na vida vivida desses personagens.

No entanto, a partir das palavras do Seu Elias, o velho da barca, tive uma certa percepção de que assim como ele era um acolhedor de presenças, permitindo-se correr o risco de descobrir o que iria acontecer e o que iria se tornar presente apenas ao longo da caminhada... sem previsão, sem contrato e sem forma de controle, eu pensei: para que a Rocinha e a Amasco realizassem esse trabalho em comum foi necessário que tivessem o interesse, no caso, ambas as partes, de correr o risco de estabelecer uma outra relação com aquelas duas realidades tão distintas e que, historicamente, mantinham uma outra forma de se ver e de se fazer presente. E assim, com esse pensamento em mente, voltei para a casa e mal pude esperar chegar o outro dia para voltar à barca e contar essa minha descoberta.

2.1. Os encontros

No dia seguinte à nossa primeira conversa subi ansiosa para contar para o Seu Elias minhas descobertas e, para meu espanto, não o encontrei na barca. Chegamos em Niterói e resolvi então me acomodar em um dos bancos que ficam na varandinha da barca para retornar ao Rio. Ali sentada comecei a observar o movimento das coisas e a notar como tudo está em constante transformação, se mexendo: a água, as pessoas, as nuvens, os carros da Ponte Rio-Niterói. O mais engraçado é notar que por mais que tudo esteja em constante movimento eles sempre contam com uma base, ou até mesmo uma referência fixa: a areia da praia, a ponte, a barca. Enfim, de novo chego ao equilíbrio.

_ O equilíbrio é construído e por isso, pode ser constantemente desconstruído. Ele existe da convivência entre coisas que agora você consegue enxergar com as que eu e os outros enxergam, que não necessariamente são as mesmas que você. Esse equilíbrio é

um exercício constante de entender que existem várias formas de ver as coisas. Mas não só isso, entendendo que essas coisas estão em constante mudança, aceitar que a sua verdade se dá a partir daquilo que você consegue ver agora, e que existem outras formas de ver. Essas diferentes formas de ver, por sua vez, convivem num determinado espaço-tempo e estão sempre á disposição de serem acolhidas, deglutidas e, acima de tudo, respeitadas. – disse Seu Elias como que aparecendo num passe de mágica.

E era essa a forma com que ele aparecia: como num passe de mágica. Apenas quando eu estava com os pensamentos soltos, frouxos, que ele surgia dando continuidade aos meus devaneios loucos e torturantes. E eu, feliz por tê-lo encontrado novamente, não perdi tempo:

_ Nossa Seu Elias! É muito bom ver o senhor de novo! Pensei um monte de coisas depois de nossa conversa de ontem e gostaria muito de lhe contar.

_ Calma minha filha. Você não estava refletindo sobre o equilíbrio? Respire e dê continuidade àquilo que você estava pensando antes de eu chegar.

_ Ah, ta. – respondi como quem acabava de levar um pito da mãe. – Era sobre equilíbrio mesmo? Ah... na verdade pra continuar falando de equilíbrio tenho que digerir um pouco mais isso tudo que o senhor falou. Que existem outras formas de ver a mesma coisa... – dei uma pausa enquanto pensava e de repente retomei. – Na verdade existem várias formas de descrever a mesma coisa. A coisa é ela lá e pronto, não é?

_ Sim e não. Não sei muito bem o que você quis dizer com “é ela lá e pronto”. “Precisamos fazer uma distinção entre a afirmação de que o mundo está dado e a de que a verdade está dada. Dizer que o mundo existe [que está lá e pronto], que não é criação nossa, equivale a dizer, com bom senso, que a maioria das coisas no espaço e no tempo é efeito de causas que não incluem os estados mentais humanos.”² Isso eu concordo plenamente, afinal “o mundo existe, mas não as descrições do mundo.”³ Agora, “a verdade não pode estar dada – não pode existir independente da mente humana – porque

² (RORTY, 2007: p.28).

³ (RORTY, 2007: p.28).

as frases não podem existir dessa maneira, ou estar aí. (...) Só as descrições do mundo podem ser verdadeiras ou falsas. O mundo em si – sem o auxílio das atividades descritivas dos seres humanos – não pode sê-lo.”⁴

_ Nossa mãe. Que profundo... Nem sei muito bem o que eu havia pensado com o “é ela lá e pronto”. Mas só me explica uma coisa direito: o que o senhor chama de descrição do mundo?

_ Falar como você enxerga determinada coisa num determinado momento. Por exemplo, o que você estava fazendo com o cenário a sua volta antes de eu chegar? Estava descrevendo-o.

_ Não só descrevendo. Eu estava pensando sobre ele também. Eu nunca tinha parado para pensar nessa história de movimento e ponto fixo, nessa história de acolher presenças e depois precisar de terra firme para traçar linha. Foi só depois de nossa conversa de ontem que eu passei a pensar dessa maneira. Acho que você me deixou mais maluca do que eu já sou! Hahaha

_ Se louco é aquele que ousa pensar diferente, talvez precisemos de uma dose de loucura em nosso mundo! Mas o que você acabou de contar é exatamente o método filosófico em sua essência.

_ Pronto. Agora enlouqueci de vez: método filosófico?

_ A descrição como havia começado a explicar, é uma maneira de falar, que está diretamente ligada ao seu vocabulário, à sua linguagem. E quando falava sobre a verdade estar ligada à linguagem, ou seja, à construções humanas, o que eu ressaltava é que as “linguagens são feitas, e não descobertas, e que a verdade é uma propriedade de entidades lingüísticas, de frases.”⁵ E como que isso entra no tal do método filosófico? O que você vivenciou foi uma mudança da sua forma de descrever, da sua forma de ver. Você acolheu minha descrição realizada ontem, digeriu e redescreveu a sua forma de

⁴ (RORTY, 2007: p.28).

⁵ (Rorty, 2007: p. 31).

ver. Descreveu a partir de um outro vocabulário, construído a partir de um encontro. “O método consiste em descrever uma porção de coisas de maneiras novas, até criar um padrão de conduta lingüística que tente a geração em ascensão a adotá-la, com isso fazendo-a buscar novas formas apropriadas de comportamento não lingüístico – por exemplo, a adoção de um novo equipamento científico ou de novas instituições sociais.”⁶

_ Então é um método de descrição e redescricao que ocorre a partir de encontros?

_ Sim e não. Depende.

_ Ah não. De novo não!

_ Depende do que você chama de encontro. É necessária a disposição para se acolher outra descrição diferente da sua. Afinal, se a verdade é um atributo de vocabulários, existem várias verdades. O encontro em que esse processo de descrição e redescricao ocorre é livre, acolhedor, sem pré-conceitos. Esse tipo de encontro que lhe falo é algo muito arriscado, você consegue perceber?

_ De certa maneira sim. É você estar aberto à possibilidade de perceber que a sua verdade não é a melhor maneira de ver determinada coisa. E pior, é você conseguir escutar uma diferente descrição do mundo sem querer enquadrar o outro na sua descrição. E isso tudo sem ninguém nem nada para lhe assegurar que você sairá ileso desse encontro. Até porque acho meio impossível sair ileso do contato com outra verdade diferente da sua.

_ Novamente depende. Depende de como você se coloca perante o mundo: contemplando ou experienciando. A diferença é simples: no primeiro caso você se abre ao outro desconhecido num processo de contemplação de algo que você não conhece, sendo a experiência um processo de interação com uma coisa, um objeto que lhe dará a experiência de algo de certa forma já previsto.

⁶ (Rorty, 2007: p. 34).

_ Nossa mãe. Complexo isso.

_ Não é não. É aquilo mesmo que você falou. Se eu entendo que a minha verdade é só mais uma, que não é A verdade, eu me disponho a entrar em relação com outra verdade consciente do risco de uma mudança radical daquilo que me baliza – balizamentos que partem de experiências passadas. Não estou falando que tenho que passar a viver só mudando aquilo que acho que é verdadeiro para mim, senão fico sem referências para seguir adiante, para me relacionar com o mundo. O que estou falando é da importância da convivência entre experiência e contemplação. Ou seja, convivência entre relações em que eu me abro para o mundo como se ele fosse um TU, um algo próximo e presente a ser descoberto, e interações baseadas em minhas verdades, pré-conceitos, e concepções de mundo que me permitem caminhar por ele a partir do meu vocabulário, que não é O vocabulário, mas um dentre tantos outros.

_ Isso é Buber! Relação do tipo EU-TU e do tipo EU-ISSO. Buber fala que “O ISSO é crisálida, o TU a borboleta. Porém, não como se fossem sempre estados que se alternam nitidamente, mas, amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade.”⁷

_ Tente pensar de outra maneira. Conhecendo Buber ou não, isso que estamos discutindo faz parte da vida vivida. Tente refletir sobre as relações... Você já parou para pensar como você se relaciona com o mundo?

E assim desci de mais uma viagem na barca. É incrível como essas coisas acontecem. Estou com um monte de informações que preciso processar, e a pergunta que eu queria fazer para ele quando entrei na barca se misturou com a água do mar.

Nos dias seguintes, especificamente na semana seguinte, não fui para a barca pois tentei entrevistar o maior número de envolvidos no desenvolvimento do Plano de Urbanização da Rocinha. No final da semana, após tantos encontros, comecei a entender porque não tinha conseguido fazer a pergunta que queria para o Seu Elias. Acho que era porque eu precisava entrar mais na realidade daquele caso antes de levantar qualquer hipótese. Isso

⁷ (BUBER, 1974: p.20).

porque a primeira delas, exatamente a que eu estava com a intenção de compartilhar com o Seu Elias naquele segundo encontro – que enveredava para valorizar a importância de se estabelecer um diálogo entre a cidade formal e a cidade informal – eu já começava a colocar em cheque.

Naquele final de semana achei que era a hora de voltar para a barca, e acreditem ou não, eu mal me sentei para sentir aquela brisa leve no meu rosto e ele já estava lá, sentado no banco ao lado, preenchendo umas linhas que havia feito tempos antes, segundo ele ainda em solo firme. Ele me olhou e perguntou:

_ Como andam os pensamentos sobre sua dissertação?

Não me lembrava de ter falado para ele que eu estava angustiada, ou sequer que eu estava fazendo dissertação, mas achei melhor nem perguntar de onde ele tirou aquilo. E concordando, respondi:

_ É complicado, pois na verdade descobri que o valor do que aconteceu no desenvolvimento do Plano de Urbanização da Rocinha, o caso que eu estou estudando, está exatamente em não se estabelecer a diferença que eu, sem perceber, estava estipulando: entre cidade formal e informal. Depois da segunda conversa que tive com o senhor, somada ao brilho nos olhos de muitos dos que entrevistei, vi que o diferencial do caso que estou estudando só é visível aos olhos quando o compreendo a partir de um novo vocabulário. Nesse novo vocabulário, construído por meio de encontros do tipo eu-tu e formalizado em meio a relações do tipo eu-isso, não cabe mais a divisão cidade formal – São Conrado – e cidade informal – Rocinha – , mas sim a compreensão de uma cidade na qual convivem várias maneiras de ver o formal e o informal.

_ Mas qual é o vocabulário, a verdade dominante?

_ Como assim? – perguntei assustada com o fato de nunca haver pensado que o que me levava ao erro da distinção entre cidade formal e informal era a “Verdade” dominante que de certa forma fazia parte de meu vocabulário.

_ Dentro de uma determinada contingência, de um determinado espaço e tempo, alguns vocabulários são tidos como “vocabulário final” de um grande número de pessoas o que leva a ilusão de que aquela seja a única forma de ver o mundo. E é aí que juntamos algumas das peças desse quebra-cabeças, você consegue ver?

_ A idéia de acolher a descrição de uma verdade, de estar aberto ao risco, de redescrever a sua própria verdade e assim criar um terceiro vocabulário capaz de descrever o mundo a sua volta sobre diferentes parâmetros, é um processo que ocorre permanentemente e dentro de uma determinada contingência. Pensando assim, o “vocabulário final” de grande parte da população na época das remoções de favelas no Rio de Janeiro, por exemplo, foi de certa forma alterado, ao se desenvolver, na década de 90, o Plano da Cidade que já não contemplava a remoção como uma alternativa inteligente.

_ Esse exemplo é bom pois mostra como o “método” da descrição e re-descrição pode nos ajudar a entender como as coisas estão sempre entrelaçadas, interagindo, e como é fundamental entender a dimensão humana de nossas estruturas formais. A alteração do vocabulário final de um grande número de pessoas passa, antes de mais nada, por uma estratégia de sedução de quem propõe um vocabulário diferente do aceito por todos. Quando digo quem, digo na verdade quens. Pois dentro de uma determinada contingência há várias pessoas que, abertas à transformação radical do diálogo entre sua verdade e a de outro, redescrevem uma terceira compreensão que, se sedutora, angaria cada vez mais adeptos dispostos a largar suas crisálidas e ver o vôo de uma nova borboleta.

Claro que estou falando de um processo não linear, que não dá para falar que uma hora é isso e em seguida é aquilo. Falo aqui, que dentro de uma determinada contingência o potencial sedutor de um novo vocabulário pode vir a ser aceito e tomado como vocabulário final de um grande número de pessoas, dando a ilusão de segurança necessária aos homens para lidar com o mundo.

_ E é isso que aconteceu comigo. Não dá para pensar a cidade formal sem contemplar que nela existe uma grande dimensão informal e a mesma coisa na dita “cidade Informal”, que tem toda sua formalidade. Na verdade, fico mais a vontade para pensar o informal como o espaço em que o processo de descrição e re-descrição acontece. O

formal, por sua vez, seria o espaço da experiência, com risco calculado e mediada por leis.

_ Ótima descoberta. E com isso a Rocinha, São Conrado, e as pessoas envolvidas nesse plano de urbanização, carregam em si a dimensão formal e informal. Essas são dimensões que convivem e que precisam conviver não só entre as pessoas, mas nas pessoas.

E agora acho que já avançamos bastante... Você já está num processo de criação de metáforas e não mais de utilização de vocabulários. E tem só mais uma coisa que gostaria que levasse com você para refletir:

“O mundo do Rio não é o mundo da ponte.”⁸

Tentando entender o que ele queria com aquela frase me despedi com um até logo e quando ia falar um “até amanhã” fui surpreendida com seu posicionamento.

_ Agora você fica. Não deve subir mais na barca. Vá praticar a arte da poesia. Tente sentar e colocar no papel aquilo que ainda está no mundo das metáforas. São idéias, devaneios, mas que devem buscar um eco no papel. Volte para a sua casa e escreva na intenção de seduzir o outro com seu novo alfabeto. Por enquanto, o que você tem são metáforas que ainda não tem um lugar num jogo de linguagem.

Acredito que é possível despertar o poeta forte que há dentro de você no esforço de seduzir para esse novo alfabeto. Tente!

3. O MUNDO DO RIO NÃO É O MUNDO DA PONTE

Agora estou eu aqui, de volta ao meu computador, só que cheia de idéias para colocar no papel. Tentarei então, conforme sugestão do Seu Elias, colocar um pouco das minhas angústias e quais as “respostas” que nesse momento fizeram sentido quando confrontadas com minhas “perguntas”.

⁸ Frase de Guimarães Rosa no conto “Orientação”. In: GUIMARÃES ROSA, J., 1967, **Tutaméia – Terceiras estórias**. Rio de Janeiro, José Olympio.

Após entrevistar vários atores envolvidos no Plano de Urbanização da Rocinha me senti em meio a algo incrível, com um grande potencial de aprendizagem e reflexão de uma nova forma de se pensar não só o desenvolvimento de um Plano de Urbanização, mas principalmente de se pensar o que hoje se entende por “cidade formal” e “cidade informal”. A partir dos pressupostos que comi, como que em um processo antropofágico, das idéias descritas pelo Seu Elias – o método de descrição e re-descrição da realidade enquanto um exercício da liberdade do indivíduo em reconhecer a contingência da vida vivida; e a existência e convivência de dois tipos de relação interpessoal, a do tipo eu-tu e a do tipo eu-isso – que assumo o leme desse barco e convido vocês a embarcarem. Qual o destino final? Onde quero chegar? Nesse momento só posso convidar-lhe ao risco não calculado desse encontro com outra forma, ou fôrma. Nem melhor, nem pior, apenas outra, mais uma. Quais são os olhos que vêem e que lêem? Está disposto?

4. FORMAL E INFORMAL

Hoje em dia tanto nos noticiários, quanto nos círculos de arquitetos, políticos entre outros, fala-se muito na dicotomia cidade formal e cidade informal. Ao tratarem desse tema, a compreensão comum é que a cidade formal é aquela regulamentada, construída segundo as normas e diretrizes urbanísticas, composta por cidadãos que pagam impostos e que por isso possuem o direito de exigir do Estado o desenvolvimento de políticas e melhorias dentro da cidade formal. Nesse caso, cabe ressaltar que são exatamente os cidadãos da Cidade formal que estabelecem as regras e regulamentos que balizam as ações desenvolvidas dentro desse espaço comum. A Cidade informal, por sua vez, também é composta por pessoas, porém essas, desprovidas dos direitos básicos de seguridade social, sem acesso aos requisitos necessários para fazer parte da Cidade formal, constroem outro espaço. Espaço esse que também possui regulamentos, que também recebe intervenções, no entanto não advindas de um legislador da cidade formal, o que dificulta inclusive a interface entre essas duas cidades.

O Rio de Janeiro, por exemplo, historicamente é contado e cantado por suas dicotomias. A principal delas é exatamente essa: a existência de dois Rios, de duas cidades: a formal e a informal. E foi a partir da vivência no Rio de Janeiro, de viver nessa cidade partida,

que surgiu a pergunta: como essa dicotomia entre a cidade dita formal e a reconhecida como informal ocorre? Existe outra maneira de lidar com essa “oposição”?

Para responder a isso é necessário, primeiramente, compreender o significado da palavra formal e da palavra informal. Afinal, o que seria o formal e o informal?

Talvez a resposta para isso não esteja no estabelecimento de uma oposição, mas de uma complementação. Ao buscarmos no dicionário o significado da palavra formal enquanto aquilo que é “evidente, decidido” e da palavra forma, da qual ela deriva, que significa “configuração, (...) feição exterior, estrutura”, passamos a compreender que algo é formal quando baliza, regulamenta e estrutura alguma coisa.

Seguindo esse raciocínio, definir in-formal, por si só já seria uma ação de oposição, pelo fato de o prefixo “in”, trazer a idéia de negação. Ou seja, in-formal seria aquele que não é formal. Mas porque não pensarmos que antes de qualquer oposição, antes de empenhar esse esforço em se dizer o que não é, é fundamental que se conheça o que é.

E assim fui atrás de autores que buscassem compreender o que se entende por formal e informal. Analisando alguns estudos pude observar a predominância do olhar econômico, da tentativa de compreender o funcionamento da dita “economia informal”, ou seja, àquela que funciona de uma maneira distinta da economia tida como formal. Hernando de Soto, por exemplo, realiza na década de 40 uma pesquisa sobre a realidade da economia peruana naquele momento, permeada pela economia informal. Nesse estudo ele conclui que essa

sociedade paralela e, em muitos sentidos, mais autêntica, trabalhadora e criativa do que a que usurpa o título de país legal – aparece (...) como uma porta de saída do subdesenvolvimento e uma esperança real para muitas de suas vítimas, que estão encontrando uma alternativa econômica para solucionar suas próprias vidas.(DE SOTO, 1987: p.16)

Sem entrar no mérito de suas afirmações sobre qual seria a alternativa para a saída do subdesenvolvimento econômico – questão polêmica que demandaria um trabalho especificamente voltado para isso – o que chamo a atenção da empreitada iniciada por De Soto foi exatamente o esforço de tratar do tema informalidade. Assim como Larissa Lomnitz – outra referência no tema – delimita as características e aspectos do informal a

partir do que se entende por formal, e acima de tudo, colocando os dois – formal e informal – convivendo no mesmo espaço-tempo.

De Soto (1987) entende, por exemplo, que

a informalidade não é também um setor preciso nem estático da sociedade, mas uma zona de penumbra que tem uma extensa fronteira com o mundo legal e onde os indivíduos se refugiam quando os tributos para cumprir as leis excedem seus benefícios. Só em alguns casos a informalidade implica não cumprir todas as leis; na maioria, desobedecem-se disposições legais precisas (...) Também são informais as atividades para as quais o Estado criou um sistema legal de exceção através do qual um informal pode desenvolver suas atividades ainda que sem ascender necessariamente a um status legal equivalente ao daqueles que gozam da proteção e benefícios de todo o sistema legal(...). (DE SOTO, 1987: p. 46)

Larissa Lomnitz, por sua vez, não inicia seus estudos olhando para a economia informal em si, mas sim para o que, em 1969, ela entendia como marginais. Para ela, esse setor “marginal” ia além de habitantes que se estabeleciam às margens dos centros urbanos e não contavam com a infra-estrutura dos espaços de habitação formal, e mais até que um grupo social distinto que começou a ocupar um lugar na economia. Para Larissa o que caracterizava o setor marginal “era la naturaleza informal, no contractual, lo que tuvo como principal consecuencia una inseguridad en sus ocupaciones, en sus ingresos y la falta de una protección laboral legal” (LOMNITZ, 2008: p. 8). E diante dessa situação ela lança seu primeiro livro que tem no título a indagação que norteou a autora a concluir o que, em minha opinião, apresenta-se como o diferencial de toda sua obra e agrega consideravelmente à compreensão do que se pode entender como formal e informal. O livro se chama *Cómo sobreviven los marginados* e a conclusão dessa obra foi que eles sobrevivem devido ao “uso de redes sociales, en las que se efectúa una corriente continua de intercambios basados en las reglas de reciprocidad” (LOMNITZ, 2008: p. 8 e 9)

A partir do aprofundamento no estudo de tais redes de reciprocidade que, balizadas pela dimensão simbólico-cultural, garantiam uma segurança mínima para a sobrevivência desses marginalizados, Larissa Lomnitz inicia uma série de reflexões sobre aquilo que acontecia no “entre”, nos interstícios do que é dado, do que é estabelecido. O que acho válido ressaltar como uma das principais contribuições da autora para a reflexão da dimensão informal foi a ênfase ao que ela chama de uma “clase especial de proximidade psicosocial” (LOMNITZ, 2001: p.140) entre as partes de um intercâmbio dentro da informalidade, ou seja, a confiança. Para Larissa, confiança “*se refiere al tipo*

de esperanza que se debe tener en una persona a quien se está a punto de pedir un favor o un servicio” (LOMNITZ, 2001: p.140).

Dessa maneira, Larissa Lomnitz apresenta o informal não só como aquilo que não é regulamentado, aquilo que não é formal, mas como um espaço em que os indivíduos promovem intercâmbios a partir de outra “moeda de troca” que não o dinheiro, ou os contratos estabelecidos formalmente, mas a partir da confiança.

O aprofundamento nos estudos de Larissa Adler Lomnitz me levou a compreender a audácia de suas afirmações e a preocupação em se compreender o informal pelo que ele é, e não a partir de um olhar embriagado por pré-conceitos do que seria aquela realidade. Esse olhar aberto, esse exercício de liberdade, é a premissa encontrada nos trabalhos de Larissa, que afirma que a antropologia não é uma ciência, mas uma forma de enxergar a vida.

Tenho que confessar que essa forma de tratar as efervescências que eclodem na vida vivida que me levou a aprofundar nos estudos de Larissa. Esse exercício revelou não só a possibilidade de tratar a experiência que escolhi, no caso o processo de desenvolvimento do Plano de Urbanização da Rocinha, de uma forma diferenciada, mas de repensar o que hoje é a compreensão hegemônica do formal e informal. Surgiu a possibilidade de se pensar essa aparente dicotomia a partir das relações inter-humanas.

Mas retomando o aprofundamento na temática proposta por Larissa, ela, assim como De Soto, afirmam que o formal e o informal estão imbricados. No entanto, a autora soma um novo desafio: o de compreender o informal a partir de suas próprias regras, de seus próprios regulamentos. Ao enfatizar a existência de vínculos de solidariedade e ajuda mútua como instrumentos de sobrevivência dos marginalizados, ela traz à tona que o olhar necessário para a compreensão da informalidade é aquele direcionado à predominância da relação interpessoal. Relação essa permeada e assegurada por outro tipo de “contrato”, diferente do estabelecido e controlado pelos regulamentos do espaço formal. Esse “contrato” entre as partes dentro de uma relação informal transfere toda a responsabilidade e o risco de se estabelecer uma relação para as pessoas envolvidas, e não para uma terceira instância de controle que assegura, de certa forma, a realização de um determinado ato ou relação bem sucedida.

Mas a partir dessa reflexão sobre a confiança enquanto aquilo que permeia a relação informal entre pessoas que assumem o risco dessa relação, surgiu outra questão: mas será que no “setor” informal, em meio aos marginalizados, só existe a dimensão informal? Como fica a dimensão formal dentro desses espaços tidos como informal?

Para compreender de onde essa pergunta surge, irei refazê-la dentro do cenário apresentado no começo deste texto: a dicotomia Cidade Formal e Cidade informal. Dentro da dita “cidade formal” as relações de compra, venda e aluguel de imóveis é estabelecida segundo as regras de regulamentação do espaço urbano, que são asseguradas e controladas pelas instâncias responsáveis dentro da cidade formal. Existe o cartório, o juizado, as corretoras, além de outras instâncias. Mas como funciona esse tipo de relação, que na cidade formal é permeada por contrato, testemunha e juízes, dentro da cidade informal?

Gerônimo Leitão, em seu artigo “Transformações na estrutura sócio-espacial das favelas cariocas, ao longo dos últimos cinquenta anos: a Rocinha como um exemplo” analisa exatamente como funciona o mercado imobiliário dentro de uma das maiores favelas da América Latina, a Rocinha. Ao longo do artigo ele mostra que existem diversas corretoras de imóveis na Rocinha também negociando as casas e apartamentos, que a princípio não possuem registro “oficial”, – entendendo oficial como aquilo que foi registrado a partir das normas estabelecidas pela cidade formal – a partir de contratos. Tais contratos são assinados por testemunhas da comunidade e hoje em dia já são reconhecidos, inclusive, pelo juizado de pequenas causas em caso de partilha de bens ou pagamento de pensão alimentícia, no caso de separação. Levando em consideração que metade da Rocinha vive de aluguel, consideramos que esse tipo de relação estabelecida por contratos é mais recorrente do que muitos imaginam dentro da Rocinha. E assim somamos à pergunta inicial mais uma questão: esse tipo de regra estabelecia dentro da cidade informal deve ser considerada informal pelo fato de ocorrer dentro do espaço informal ou pode ser considerada formal?

Acredito que as questões que esse caso nos traz, colaboram para a compreensão de formal e informal que defendo neste trabalho. Se compreendermos o informal enquanto o espaço em que as relações não possuem um mecanismo de controle contratual, mas

sim mecanismos permeados pela dimensão simbólica, pela confiança mútua, o que ocorre no mercado imobiliário da Rocinha não pode ser encarado como informal. Se aceitarmos que existem outras maneiras de expressão do formal, de estabelecimento de relações que buscam minimizar o risco por meio de contratos e outras ferramentas de controle, podemos considerar a existência de uma “formalidade criativa” dentro da cidade informal. Mas e na cidade formal, não existiriam relações informais?

Se compreendermos a “formalidade criativa” como uma diferente concepção de formal, estabelecida a partir de outro vocabulário, – também permeado pela dimensão das regras e do controle para minimização de riscos – , concluiríamos que a cidade agrega várias maneiras de descrever o formal e o informal. Dito isso, acredito estarmos imersos num espaço em que a concepção de formal estabelecida pelos cidadãos da dita “cidade formal” é tida como a única, e tudo aquilo que foge dessa concepção e compreensão da vida vivida passa a ser colocado na caixinha “cidade informal”. Será que já não é chegado o momento histórico de repensarmos o vocabulário que usamos? Será que as palavras que usamos para descrever o que entendemos por formal e informal não podem ser faladas de outra maneira?

E assim, convido você a embarcar na segunda parte desse trabalho, que se propõe a narrar – respeitando as questões apresentadas até então – o desenvolvimento do “Plano de Urbanização da Rocinha”.

“Não oferecerei argumentos contra o vocabulário que quero substituir. Tentarei, ao contrário, fazer com que o vocabulário que prefiro pareça atraente, mostrando como é possível usá-lo para descrever uma série de tópicos.” (RORTY, 2001: p.34)

5. UM CONVITE AO RISCO NÃO CALCULADO

Esse método

“diz coisas como “tente pensar nisso desta maneira”, ou, mais especificamente, “tente ignorar as questões tradicionais visivelmente fúteis, substituindo-as pelas seguintes questões novas e possivelmente interessantes”. (...) Sugere que talvez convenha pararmos de fazer aquelas coisas e fazer outras, mas defende essa sugestão com base em critérios antecedentes comuns ao velho e ao novo jogo de linguagem. Isso porque, na medida em que a nova linguagem for realmente nova, tais critérios não existirão.” (RORTY, 2001: p.35)

Inspirada nesse método filosófico defendido por Rorty que os convido ao risco não calculado de ler o caso a seguir. Na verdade, a partir das reflexões anteriormente apresentadas, o que vem a seguir é o esforço de representar de forma bela e respeitosa os aprendizados e dúvidas que o caso do desenvolvimento do Plano de Urbanização da Rocinha me trouxe. Para entrar em sintonia com a história e sua forma é fundamental algumas explicações prévias:

- i. Essa história funciona como que um barco que parte rumo a terras desconhecidas. Possui uma tripulação de certa forma consciente do perigo mas disposta a enfrentá-lo. Um conjunto de trabalhadores que, cada um a partir de seu olhar, narra aquilo que vivenciou, visualizou e aprendeu ao longo dessa viagem rumo ao desconhecido.
- ii. Esses tripulantes são os narradores da história, e cada um conta a partir do seu olhar uma parte do todo, com sua linguagem, sua vivência, e acima de tudo, suas emoções e impressões individuais ao longo do processo. Com isso, destemido leitor, não se surpreenda ao se deparar com a troca constante do “quem conta” e do “quem vive” essa história. Você se deparará com os seguintes narradores intercambiando suas falas reais ao sabor das ondas do mar: Mauro Guarany, Gilberto (personagem existente na vida real, porém adaptado à história), Paulo César (PC), Seu Nestor (personagem retirado do livro de memórias da Rocinha “Varal de Lembranças”), Ediglé, William, Dr. Britz, Francisco Maiolino, Raquel Coutinho, David Cardeman, Berredo e Toledo.
- iii. Toda a narrativa foi baseada nos relatos gravados de cada um dos personagens, bem como de outros atores dessa história que não foram colocados como narradores, mas que são citados como partícipes dessa viagem. Além dos relatos, a narrativa se apoiou nos documentos levantados, tais como atas de reunião, recortes de jornais, listas de presença, fotos e relatórios de atividades relacionados ao desenvolvimento do Plano de Urbanização da Rocinha, bem como alguns livros, artigos e revistas que contam e analisam a história e algumas variáveis dessa complexa cidade-bairro chamada Rocinha.

- iv. O recorte temporal dessa narrativa é do início de 2004, quando ocorreu a Guerra entre traficantes da Rocinha e do Vidigal pelo comando do tráfico na Rocinha, até fevereiro de 2009, quando tive que encerrar a pesquisa para fechar a presente dissertação. Cabe ressaltar que, utilizando a fala de alguns narradores, aproveitei para inserir o contexto das Políticas públicas de Intervenção em Favelas e como essas políticas públicas – e a ausência delas – influenciaram não só a história da Rocinha, mas a dualidade “cidade formal” e “cidade informal” a qual nos deparamos no Rio de Janeiro, e claro, no Brasil.

- v. O processo pelo qual cada narrador conta uma parte da história foi também ao sabor das ondas, no ir e vir. Após escrever a partir do olhar e da fala dos atores dessa história, existiu o esforço de retornar o que havia sido redigido para a apreciação, crítica, reformulação e ampliação das idéias pelo então “narrador” daquela parte da história. Assim aconteceu de forma intensa com os três principais narradores dessa história (PC, Mauro Guaranys e Toledo) e em menor escala com os demais narradores – que concordaram e apoiaram o processo de “colocar no papel” algo que julgavam de extrema relevância, não só pelo caráter inovador da proposta, mas também pelo potencial que ela tem de mostrar que é possível pensar e fazer de outra maneira.

E assim, convido-os ao risco não calculado dessa viagem!

“E se alguém ainda perguntar se temos certeza de encontrar aquilo que é correto nesta trilha íngreme: mais uma vez, a resposta é não, não existe certeza. Há apenas uma chance; e não há outra além dessa. O risco não nos garante a verdade; e ele, somente ele, nos conduz ao espaço onde o seu hálito se faz sentir.” (BUBER, 2007: p. 117)

6. HISTÓRIAS DE QUANDO A ROCINHA OU RUSSINHA AINDA NÃO EXISTIAM...

“Onde eu nasci passa um rio/ Que passa no igual sem fim / Igual, sem fim, minha terra / Passava dentro de mim”⁹

6.1. Mesa, comida e amigos

Era engraçado me perceber naquele lugar... Parecia muito com o que Gilberto dizia, mas tinham algumas coisas que só a vivência me explicou. Agora ali, naquele bar, éramos amigos, irmãos prontos para dar mais um passo nesse caminho novo, ainda a ser desvendado. Estou nesse bar da Rocinha... Nesse bairro ou cidade, como queira o leitor.

Antes de continuar, uma pausa para esclarecimentos: Rocinha, como vocês devem saber, é uma favela ícone no Rio de Janeiro. Na verdade, tendo sido considerada por muito tempo a maior favela da América Latina, a Rocinha ganhou o título de bairro em 1986. Ela, hoje, emprega muita gente e tem uma população que ninguém sabe estimar ao certo. De acordo com o censo de 2000, há 56.000 moradores na Rocinha. Para a Light – empresa de distribuição de energia – são 100.000 habitantes, enquanto que, na estimativa do grupo que está desenvolvendo o Plano de Urbanização da Rocinha, esse número é de aproximadamente 120.000. Para vocês terem uma idéia de como isso é impreciso, pela contagem dos próprios moradores, a Rocinha abriga um total de 200.000 pessoas.

⁹ “Onde eu nasci passa um rio”, Caetano Veloso.



Figura 1: Favela da Rocinha – arquivo M&T- arquitetura, planejamento e consultoria, Ltda.

Bem, o que vou contar é a história do Plano de Urbanização da Rocinha, de como ele ocorreu, das pessoas envolvidas e de como ele viria a fazer parte do PAC – Programa de Aceleração do Crescimento do governo federal.

Mas, para entender o “como” dessa história, só faz sentido se eu falar do “quem”. E existem vários “quens” importantes ao longo dessa trajetória. Alguns atravessaram a ponte, outros ficaram pelo caminho... Durante essa narrativa, iremos – e aqui eu digo no plural, porque não serei só eu a contar essa história – ressaltar a vida daqueles que ousaram atravessar a ponte e que, com isso, construíram um novo caminho.

Sem falsa modéstia, vou começar por mim: o narrador desse momento.

Meu nome é Francisco Mauro Halfeld dos Guarany's, um brasileiro legítimo, filho de índio com alemão. Minha mãe é da família alemã Halfeld e meu pai, se vocês o vissem não teria como negar, é descendente de índio com o sobrenome Guarany's. Ele era carioca e, durante a faculdade, conheceu minha mãe, que era de Juiz de Fora, mas morava em Ouro Preto. Eles se conheceram nas ladeiras de Ouro Preto, mas vieram viver à beira mar, onde nasci. Então, como vocês podem perceber, desde que nasci, convivo com duas realidades. Índio e alemão, serra e mar. E é essa convivência, dentro

de realidades tão distintas, que vai marcar a minha vida e trajetória. Enfim, que vai possibilitar que eu lide e entenda o mundo com um pouco mais de flexibilidade e ousadia.



Figura 2: Mauro Guarany's - arquivo M&T - arquitetura, planejamento e consultoria, Ltda.

Eu me formei em arquitetura na Universidade do Brasil – que era como a UFRJ se chamava na época – na década de 60. Participei ativamente da efervescência cultural e musical da época e dos movimentos contra aquela ordem que se instaurava. Tenho orgulho de dizer que fiz o cartaz de divulgação do primeiro show que realmente abriu a bossa nova pro público em geral, cuja apresentação aconteceu dentro da Faculdade de Arquitetura e se chamava “Noite do amor, do sorriso e da flor”. Eu me lembro – e isso vocês podem comprovar no livro do Ruy Castro “História da Bossa Nova” – daquele show como se fosse hoje, foi lindo, tinha de Elza Soares a João Gilberto cantando numa mesma noite.

Assim que me formei, o abade do Colégio São Bento, no qual eu havia estudado, me chamou para projetar uma ampliação e reforma do colégio. Esse convite não foi só pelo fato de eu ser ex-aluno, mas também porque, durante a faculdade, trabalhei com o pessoal da área de Patrimônio do Rio de Janeiro que, procurados pelo abade, sugeriram que eu fizesse esse projeto. Como o colégio era tombado, eles tinham a expectativa que eu, pelo que eles conheciam, poderia projetar respeitando as regras do Patrimônio.

E porque estou contando isso? Porque esse projeto recebeu o prêmio do IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil – em 68, por ser o empreendimento que melhor representava o diálogo entre o antigo e o moderno, uma vez que o colégio é uma obra colonial do século 17. Mais uma vez, a convivência entre dois mundos marca minha trajetória. E para reforçar isso, sabe onde eu estava durante uma parte do tempo em que projetei esse trabalho do Colégio São Bento? Na cadeia.

Fui preso em 68 pelo governo militar, acusado de sei lá o quê. Achavam que eu tinha envolvimento com um grupo rebelde que tinha sido acusado de roubar uma metralhadora do Hospital Central da Aeronáutica para usar no assalto a um banco logo depois. Na verdade, eu não tinha feito nada daquilo, mas, com certeza, mantinha relações com esse grupo. O fato é que eu só não fui torturado porque o pai de minha esposa tinha sido ministro do presidente Castelo Branco e sempre perguntava como eu estava para os militares, o que, de certa forma, minimizou aquilo que eu enfrentaria dentro da cadeia.

Bom, mas a vida continua. Além da arquitetura, eu sempre tive uma veia para cartunista e cheguei a desenhar para alguns impressos, como a Revista Senhor, para o Jornal dos Esportes, na mesma época do Henfil e do Jaguar, e para O Pasquim. E assim as coisas caminhavam... Seguia fazendo *cartoons* e trabalhando em projetos de arquitetura como, por exemplo, projetando centros de atividades de operários da indústria para o SESI. E foi quando, na década de 80, separei de minha segunda esposa e fui morar em São Conrado.

Depois de um tempo morando e trabalhando em São Conrado, um belo dia eu quebrei a minha perna e precisei contratar um motorista particular para me auxiliar. Ele se chamava Gilberto e morava na Rocinha. O Gilberto é uma pessoa incrível, que me fez refletir sobre muitas coisas, e claro, estreitou meus laços com a Rocinha. Acabamos por nos tornar bons amigos. No princípio, ele ia caladão trabalhar, ajudando não só como motorista, mas no dia a dia do escritório. Muito atento, escutando sempre tudo com muita atenção, depois de um tempo de convívio ele começou a se soltar. Era ótimo, pois a mãe dele era excelente cantora e eu tive a oportunidade de ouvi-la cantar algumas vezes, bem como fui apresentado a várias partes e comércios interessantes da Rocinha. No final das contas, eu já fazia compras, cortava cabelo e convivia com o dia a dia da Rocinha. E essa transformação aconteceu não só comigo, o homem que convive sempre em duas realidades... O Gilberto, um belo dia, chegou para mim e disse:

_ Sabe Seu Mauro, meus amigos da Rocinha falaram que ta super legal conversar comigo. Falaram que eu levo uns papos diferentes lá pra discutir. Quando a gente conversa, não fica mais só no futebol e mulher, a gente fala sobre um monte de coisa diferente. Achei isso bem legal, porque eu acho que de ficar ajudando o senhor aí no

escritório, conversando com tanta gente diferente sobre coisas diferentes e ouvindo também muito, eu acabei sabendo de muitos assuntos que antes eu não falava.

E eu, muito surpreso e satisfeito, complementei:

_ Caramba Gilberto. Isso é uma ótima notícia, pois para mim também está sendo muito legal essa convivência com você e sua família.

Enfim, o ponto o qual eu queria chegar é que, antes de narrar para vocês a história do Plano de Urbanização da Rocinha, gostaria de chamar o Gilberto para contar um pouco sobre o que ele viveu e ouviu sobre favelas. O legal do Gilberto não é nem ele contar sobre a história da Rocinha, mas sobre histórias que ele ouvia das favelas em geral. Isso porque, como falei para vocês, ele trabalhou como motorista de um monte de gente com um jeito de, como ele mesmo fala, madame. Uma vez ele me contou das coisas que ouvia sem discutir e isso me levou a refletir sobre a forma como muitos de nós vemos o outro historicamente. Bem, chega de tentar explicar o porquê decidi chamá-lo aqui e vamos direto ao ponto. Com vocês, Gilberto.

6.2. A História contada por madame

Madame diz que a raça não melhora
Que a vida piora por causa do samba,
Madame diz o que samba tem pecado
Que o samba é coitado e devia acabar,
Madame diz que o samba tem cachaça, mistura de raça mistura de cor,
Madame diz que o samba democrata, é música barata sem nenhum valor,
Vamos acabar com o samba, madame não gosta que ninguém sambe
Vive dizendo que samba é vexame
Pra que discutir com madame.¹⁰

Oi, gente. Deixa eu contar aqui um pouquinho da minha história... Eu nasci na década de 40, num casebrezinho muito mal acabado. Minha mãe dizia que eles tinham levado a gente pra lá só por enquanto e que iam construir casas muito melhores de onde ela tinha sido retirada. Só que vinha Getúlio e fazia festa, vinha o povo da igreja e falava mais um tanto, mas sair de lá que é bom... nada.

¹⁰ "Pra quê discutir com madame?", Haroldo Barbosa e Janet de Almeida, 1956.

Um pouquinho mais crescido, comecei a trabalhar de “faz tudo” pra uma madame. Minha mãe era empregada da casa e eu ajudava a madame em tudo que ela queria. Ela morava ali no Leblon, perto de onde eu tinha nascido. Claro que ela morava num casão e fazia questão de dizer que o lugar onde eu tinha nascido se chamava Parque Proletário e que, logo logo eles iam retirar aqueles casebres que ainda estavam lá.

O marido dela era advogado e sempre contava pra ela as novidades do mundo da Política. Ela tava sempre atualizada por ele e pelos jornais e, como estávamos lá o dia todo, escutávamos o que ela queria dizer. Concordando, é claro. Pois, pra que discutir com madame?

Diálogo com madame

_ Depois que fizeram aquele censo de favelas em 48, falaram das coisas como se tivessem descoberto a pólvora! A grande questão é que eu não pago imposto pra sustentar preguiçoso! Tem trabalho aí pra todo mundo e acho que esse negócio de tentar construir casa pra pobre já é demais! Tem que retirar esse povo desses locais! Vou eu tentar invadir uma terra e construir minha casa lá sem pagar imposto pra ver o que acontece! Eu vou presa! Me lembro que na época desse censo a gente nem tava muito preocupado com essa história de favela, não... Meu marido trouxe as conclusões e tenho que dizer que sou obrigada a concordar com o que estava escrito lá, olha:

O preto, por exemplo, via de regra não soube ou não pode [sic] aproveitar a liberdade adquirida e a melhoria econômica que lhe proporcionou o novo ambiente para conquistar bens de consumo capazes de lhe garantir nível decente de vida. Renasceu-lhe a preguiça atávica, retornou a estagnação que estiola (...) como ele, todos os indivíduos de necessidades primitivas, sem amor próprio e sem respeito à própria dignidade – privam-se do essencial à manutenção de um nível de vida decente mas investem somas relativamente elevadas em indumentária exótica, na gafeira e nos cordões carnavalescos...¹¹

_ Pois, então. Era isso, mesmo. Depois que começaram a ver que o negócio de favela era algo que o governo tinha que enfrentar, senão ia aumentar cada vez mais o número de bandidos, criaram uma coisa que eu achei excelente! Colocaram a igreja pra atuar junto desse povo. Afinal, ninguém melhor que a igreja católica pra levar a moral cristã

¹¹ (ZALUAR; ALVITO, 2006: p. 13)

pra esse povo! Bem, depois eu percebi que não foi bem assim que a Fundação Leão XIII – era essa a instituição da igreja criada em 1946 – atuou. Eles até chegaram a entrar na Rocinha, mas o que eles conseguiram foi fazer com que esse pessoal se mobilizasse cada vez mais.

Na verdade, essa Fundação, no final das contas, só serviu para reproduzir nas favelas as redes políticas que já existiam na cidade. E quer mais? Eles só criaram essa Fundação por interesses políticos! Eles tinham medo que as idéias comunistas subissem o morro. Além do mais, em 40, tem a abertura política por conta do fim do estado novo e a favela passa a ser um bom espaço eleitoral.

_ Claro madame.

_ Pois então. Essa coisa de política em favela, eu sei bem. Ficou nesse chove e não molha durante muito tempo... Até que entrou alguém com pulso firme: Carlos Lacerda! Ah! Disso eu me lembro bem! Ele, graças a Deus, extinguiu a Serfha – Serviço Especial de Recuperação das Favelas e Habitações e criou, se não me engano, em 62, a COHAB – Companhia de Habitação Popular. Além disso, ele pegou essa bendita Fundação Leão XIII e colocou bem debaixo dos olhos do Estado. Acho que chega a virar autarquia. Com esse arranjo, ele deu início àquilo que eu, particularmente, acho que é a única solução para as favelas: a política de remoção. Essa política foi levada com toda a força também pelo regime militar, que veio logo depois e criou o BNH – Banco Nacional de Habitação - pra implantar de vez a política de remoção do povo de favela para casas construídas pelo próprio BNH. Dizem os jornais que, na época do Lacerda, foram mais de 27 favelas removidas e quase 42 mil favelados deslocados. Com os militares, isso também foi incrível! Entre 68 e 72 eles botaram abaixo mais de 16 mil barracos. O único ponto que os jornais da oposição faziam questão de enfatizar é que, nessa época, 59,5 % dos barracos eram da Zona Sul.

Claro que tenho que reforçar que meu excelentíssimo marido diz que eu não entendo nada de política e ele fala que hoje em dia esse negócio de remoção não funciona mais... Diz que só pararam com isso porque ficava muito caro pros cofres públicos remover e construir tudo de novo. E, além disso, depois de todo esse esforço o povo acaba voltando pro lugar onde morava...

Vejam só. São tão preguiçosos que acham o lugar onde o governo constrói pra eles longe. Vê se pode?

_ Mas, num foi lá a Vila Kennedy, a Cidade de Deus e tal que eles construíram na época? Acho que isso é longe, num é não madame?

_ É só pegar um ônibus, ué! Tinham era que agradecer por ter uma casa dentro da lei agora... E tem mais uma coisa. Foi só depois que as remoções acabaram que começou a surgir tráfico e essa violência toda ficou desse jeito. Tem gente que fala que, na verdade, a culpa é exatamente dos militares, que foram muito repressivos, desagregaram todo mundo e acabaram estagnando aquele processo de integração do favelado com a política que tinha começado lá com a Fundação Leão XIII e que, depois, foi ganhando umas dimensões mais autônomas. Eu tenho cá minhas dúvidas...

Mas, não ficava só nessa madame. Depois de mais velho, quando tinha quase 40 anos, consegui tirar a carta de motorista e passei a dirigir pra um monte de família. Na verdade, eu continuava na mesma: ouvindo calado. Às vezes, mesmo sem entender, essas histórias de madame.

Falando ainda sobre esse negócio de política de favelas – já que comecei contando sobre isso – ouvi muito ainda sobre o favela-bairro. Isso já é coisa atual, na verdade. Já ouvi desde coisa a favor até contra. Eu, sinceramente, não sei muito bem o que achar. Porque, depois de um tempo, eu virei morador da Rocinha e lá eu não vi esse Favela Bairro, não. E olha que eu sei que isso tudo começou lá em 93, quando o César Maia entrou pra prefeito...

Um dos papos era assim:

_ Nossa, vou te contar! Essa cidade tá que é só obras. Não dá pra andar... tá tudo parado! Li no jornal que são mais de 4500 frentes de obras acontecendo ao mesmo tempo¹². A cidade tá parecendo um queijo suíço. Isso é ação do novo prefeito, o César

¹² Jornal O Globo. Domingo, 14/12/2008. Reportagem: “4 anos em 12-A Era César Maia”.p.4.

Maia e o seu Rio-Cidades. E, como se não bastasse, ainda tem o Favela-Bairro. Tenho muita curiosidade de saber se essas intervenções em favela vão surtir algum efeito. Tem jornal que fala que o Favela-Bairro só serve pra construir pracinha, que não resolve nada... Mas, eu já li em outros que falam que o projeto é ótimo, que tem financiamento do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento – e que até já ganhou prêmios aí pelo mundo afora. Eu não sei o que achar. Só sei que a cidade realmente tava precisando de uma revitalizada urbanística, mas... Tudo de uma vez? Tá complicado...

E mais outros papos:

_ Não é possível que não resolvam esse problema! “Quanto custaria o metro quadrado da Rocinha desocupada? Daria para arrecadar, no mínimo, 20 bilhões de reais com imóveis de 100 metros quadrados, em prédios de cinco andares. A remoção custaria 1 bilhão de reais, com apartamentos populares para todos os moradores na Zona Oeste. E quanto custaria o metro quadrado no Vidigal, com aquela vista maravilhosa? E o ganho social e o sossego para essas áreas no entorno?”¹³ Pois é! E aí ficam com essas políticas municipais de Favela-Bairro. Eles tão achando o que? Eu trabalho no mercado imobiliário e sei muito bem do que eu to falando. A Rocinha tem quarto e sala para alugar por R\$ 400 a R\$ 500. Passa a ser até um bom investimento. Outro dia li no jornal que um cara de São Conrado comprou uma quitinete na Rocinha por R\$ 7800 e ta ganhando R\$ 200 por mês de aluguel¹⁴. E isso tudo sem documento, sem regulamentação... E pra ficar pior, existe inclusive imobiliária dentro da Rocinha. Mas é claro! Também, vai querer o que de uma favela que tem praticamente a metade da sua população vivendo de aluguel¹⁵? E agora vem com esses programas de urbanização. Meu imposto eu pago pra arrumar aonde eu ando, caramba!

E assim foi caminhando a minha vida... Escutando uma madame ali, outra lá. Parecia que as coisas eram tão más e ao mesmo tempo complicadas de resolver... E eu vou ser sincero. Talvez por eu conhecer pouca coisa, achava aquilo tudo muito injusto e a solução parecia simples: a gente só queria trabalhar. E num vem achando que se o

¹³ Opiniões enviadas a Veja Rio após a revista de capa “São Conrado Sitiado” de 13/06/ 2007. Opinião de José Luiz de Jesus Salgado. Consultado dia 12/08/08. <http://vejabrasil.abril.com.br/rio-de-janeiro>

¹⁴ Paiva (2002) apud Gerônimo Leitão. Transformações na estrutura sócio-espacial das favelas cariocas, ao longo dos últimos cinquenta anos: a Rocinha como um exemplo. In: Favela & Cidade. p.119.

¹⁵ Dado citado na Ata de Reunião do Fórum Técnico da Rocinha, pela AMASCO.

patrão tem que pagar condução pra você chegar no trabalho, que ele não te troca por outro que mora perto para você ver. O negócio é como eu falei, meio injusto.

Mesmo se o patrão aceitasse pagar condução, geralmente é muito longe e você não viria direito, pois o transporte daquela época das remoções era muito difícil. Tinha um trem só pra cada lado, com pouco horário... o bicho pegava!

6.2.1. Foi uma nova experiência pra nós dois

Bem, e nessa de “pra que discutir com madame”, encontrei um Doutor pra trabalhar. Fui ser motorista do Seu Mauro Guarany's. Nessa época, ele morava em São Conrado e eu já tinha me mudado para a Rocinha. Com ele aconteceu uma coisa engraçada. Eu adorava conversar com ele, sabe? Eu não precisava ficar só ouvindo e concordando. Pra você ter uma idéia, eu até mudei a conversa com o pessoal lá da Rocinha. Eu tava gostando de poder discutir coisas, como política, economia. Claro que não abria mão de falar de mulher e futebol, mas era legal poder falar de coisas diferentes. Eu começava, também, a pensar diferente.

Lembro de uma vez que o Seu Mauro tinha sido convidado pra escrever alguma coisa no jornal da AMASCO, a Associação de Moradores de São Conrado. Ele tava me perguntando sobre como os moradores da Rocinha viam os de São Conrado. Foi muito engraçado! Eu fiquei meio sem graça de responder e o próprio Seu Mauro deu um empurrãozinho:

_ Pode falar, Gilberto. Acham eles metidos, burgueses, o que mais? – perguntou Seu Mauro, dando uma risada.

_ Pode até ser isso, doutor. Mas é que o senhor entende? É muito difícil pra nós. Às vezes, a gente olha lá de cima aquele tanto de prédio, aquele tanto de dinheiro e pensa na nossa situação. Ainda mais quando a gente dá o azar de topar com um desses aí aqui em baixo e ele nem olha pra gente, ou até atravessa a rua. É difícil, o senhor sabe?

_ Entendo perfeitamente, Gilberto. Inclusive, não sei se você sabe, mas pra escrever nesse jornalzinho, resolvi fazer uma pesquisa da situação de São Conrado perante os

outros bairros que o cercam. E é muito interessante verificar que o bairro que tem o maior IPTU do Rio de Janeiro, com o valor dos imóveis cada vez mais altos, conviva com uma favela desse tamanho ao lado. Na verdade, praticamente no mesmo espaço, ligadas umbilicalmente. É incrível pensar nos números quando comparamos Rocinha e São Conrado. Olha só o exemplo: a Rocinha tem cinco vezes mais habitantes que São Conrado e ocupa um espaço físico cinco vezes menor. 16

_ Pois é Seu Mauro. E com esse tamanho todo, com esse tanto de gente, e toda hora saindo no jornal, a Rocinha devia ser olhada com mais cuidado. Não vou falar que não teve umas políticas lá dentro, mas tava quase sempre ligada a um político que era amigo de um cara da associação e que aí ficava aquela maior toca de favores. Não é como se fosse um direito normal de todo morador de lá, sabe? Parece que a gente tem que ter sempre um voto ou alguma coisa para dar em troca.

_ Isso é decorrente de uma quebra da mobilização do movimento de favelas do Rio de Janeiro que aconteceu logo que entrou o período militar. Sem nenhuma articulação efetiva, restou aos moradores de favela rezar pra não ser removido e fazer favores para o governo em troca de um mínimo de paz e serviços. Nessa época, até onde sei, as associações de moradores passaram a ser mais um espaço do governo dentro da favela, do que uma instância representativa da favela junto ao governo.

_ Acho que foi isso mesmo que aconteceu Seu Mauro. Claro que eu não vou ser injusto. Tiveram algumas coisas lá na Rocinha depois de um tempo. Lembro que em 79 teve um primeiro plano pra favela, que foi lá na Rocinha. Foi um povo do Unicef e da prefeitura do Rio, que na época tinha acabado de virar prefeitura - porque antes o Rio era o "Estado da Guanabara"- e pensaram numas melhorias lá pra gente. Mas não foi pra frente não.

Pensando aqui comigo, vou falar uma verdade pro senhor: acho que só começou a ter coisa lá na Rocinha nos anos 80. Acho que o negócio da remoção saiu de moda e aí os políticos resolveram encarar aquele mundaréu de gente de frente. Não to falando que

16 Censo 2000 (IBGE):

São Conrado: Área total: 6,48 km² / Moradores: 11 155 / Domicílios: 1 040 casas e 2 412 apartamentos

Rocinha: Área total: 1,43 km² / Moradores: 56 338 / Domicílios: 12 376 casas e 3 611 apartamentos

fizeram um monte de coisa, mas foi nessa época que a Rocinha ganhou uma RA, uma região administrativa, e depois virou um bairro¹⁷.

_ Isso é uma coisa bem legal mesmo Gilberto. A Rocinha agora é um bairro e realmente precisa ser tratada como tal.

_ Pois é. Eu sei que depois, na década de 90 essa coisa da Rocinha ser bairro virou lei mesmo e a gente tava esperando que o César Maia levasse o favela-bairro pra lá, mas não foi.

_ Eu sei pouco sobre o Favela-Bairro, mas, até onde eu sei, ele foi criado para trabalhar com favelas de pequeno porte, com favelas de 500 a 2500 domicílios. Na verdade, Gilberto, eu acho que o que rola com a Rocinha é um pouco de medo. Ela é muito grande, considerada uma das maiores favelas da América Latina, tem um monte de coisa misturada e fica realmente muito complexo lhe dar com isso. Acho que só é possível algo bem feito na Rocinha se juntarmos todas as instâncias de governo: federal, estadual e municipal. Você não acha?

_ Eu concordo, Seu Mauro. Já tem uns trabalhos da prefeitura, outros do estado, mas tudo muito separado. Se num juntar e conversar todo mundo realmente eu acho que fica difícil.

E desses encontros não saiu só uma grande conversa, mas saiu também alguns ensinamentos que guardo comigo. Dessa vez, eu discutia a política do meu bairro, e não só ouvia o que achavam sobre a política de lá. Eu falei, dei minha opinião, sabe? Afinal, ele que me perguntou. Não teve medo, nem ficou cheio de “Não me toques” com a resposta.

_ É muito bom ouvir isso Gilberto. E sabe de uma coisa? Eu também me transformei a partir do nosso convívio. Essa foi uma nova experiência pra nós dois.

¹⁷ Decreto 5280 de 23/08/1985: criou a XXVII Região Administrativa, responsável pela Rocinha.
Decreto 6011 de 04/08/1986: criou e delimitou o Bairro da Rocinha.
Decreto 6011 é outorgado pela lei 1995 de 18/06/1993.

6.3. Sou Rocinha: Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é

Mauro Guarany apresenta mais um narrador dessa história: o PC.

Bom, agora que o Gilberto já apresentou um pouco dessa parte de políticas em favelas e das nossas transformações depois de certos encontros, vou sair um pouco de cena e passar a palavra para o negão mais boa pinta que conheço: Paulo César ou, como todo mundo aqui conhece, PC:

_ Fala aí, meu amigo Mauro Guarany! É um pouco complicado falar de mim. Sabe como é, né? Mas, já falaram que minha história dá um livro, então quem sabe não vai ser essa a oportunidade. Hahaha!

Bem, sou nascido e criado na Rocinha com muito orgulho. E sobre a Rocinha, tem umas coisas que são legais de contar, tipo o porquê que ela tem esse nome. Alguns dizem que o nome Rocinha surgiu por conta de uma moça bem loira que antigamente morava prá trás da Igreja de São Conrado e que o pessoal vinha de barco até aqui para ver essa mulher conhecida como Russinha. Mas isso eu acho que é lenda. Faz mais sentido a história de que toda casa por aqui tinha um quintal, tinha a sua Rocinha.

Meu avô por parte de pai dizia assim:

_ Quem veio primeiro para a Rocinha foram os negros que trabalhavam nas fazendas que tinham aqui. Depois vieram os portugueses e os mineiros. E daí já viu, foi um juntando com o outro e deu essa mistura de cor aqui da Rocinha. Só depois, muito depois, que vieram os Paraíbas e os Cearenses.

Ah! Disso posso dar meu manifesto. Eu quando menino concordava sempre com os grupos de gente que nem eu – nascido e criado na Rocinha – que se indignava com a selva de pedra que o pessoal do nordeste, que tava acabando de chegar na Rocinha, tava construindo. Na verdade isso dava muita raiva e a vontade que a gente tinha era de expulsar todo mundo que tava transformando a Rocinha naquilo. A gente não queria que eles viessem. Antes cada um tinha espaço pra ter sua rocinha no quintal. Meu avô,

por exemplo, tinha parreira de chuchu, abóbora, jiló, tomate, salsa, cebolinha, alface, couve, bortalha, cana de açúcar, pimenta e batata doce, tudo dentro de casa. E você acha que era para vender? Que nada! Claro que meu avô tinha um cercadinho com uns seis a sete porcos que ele matava e vendia a carne. Minha avó aproveitava e fazia chouriço e usava a gordura. Ela fazia cada comida! Me lembro do cheiro do tutu de feijão, da lenha do fogão... hum! Acreditem ou não, isso era a Rocinha!

Meus avós vieram pra cá por volta dos anos 30, por conta do meu avô ter conseguido um emprego de vigia de obras. Vieram do interior de Minas Gerais e escolheram a Rocinha para morar num tempo em que tudo aqui era iluminado por lamparina.

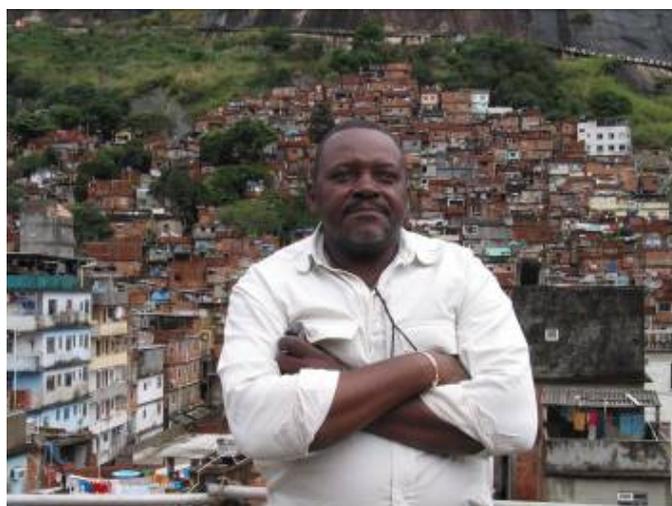


Figura 3: Paulo César (PC) - arquivo pessoal PC.

Nasci em 1951 lá na Rua 2. Era o terceiro de oito filhos. Minha mãe chegou à Rocinha como a maioria das pessoas daqui: um parente ou amigo vem primeiro e depois oferece abrigo e apoio para os próximos que vierem tentar a vida na cidade grande. E foi assim que aconteceu. Ela tinha 14 anos quando veio para a casa dos meus avós paternos – que eram amigos dos pais dela. Minhas avós, que eram muito amigas, acharam que ela no Rio ia ter mais chance de estudar, enfim de crescer na vida. Os pais da minha mãe continuaram em Minas e morreram por lá mesmo.

Mas como nada é por caso nesse mundo, adivinhem o que aconteceu? Meu pai logo, logo se apaixonou pela minha mãe e pouco tempo depois eles já arrumaram uma casinha pra morar, perto da dos meus avós. O negócio não era fácil não. Minha mãe subia e descia o morro todo dia com lata d'água na cabeça, porque água só na bica lá embaixo e a gente morava bem pra cima. E aí foi nascendo filho: foram duas meninas e

seis homens. Éramos muito pobres, com a casa de tábuas, improvisada. E mesmo se quisesse nem tinha jeito de ter uma casa mais arrumada, sabe? Porque a gente sabia que mais cedo ou mais tarde podia chegar um policial ou um agente do governo e tirar a gente de lá sem nenhum drama de consciência. E isso tem muita gente na Rocinha que pode dar testemunho, vocês vão ver.

6.3.1. “Não é a história ensinada nas escolas. São as nossas falanças”¹⁸

Como disse, nasci em 1951, já no começo daquela loucura que foi a política de remoção. Nem sei se vocês se lembram disso. Quando eu já tava com uns 9 anos é que a coisa começou a esquentar. Nessa época a Rocinha começou a receber gente diferente, sofrida com a forma como eram escoraçadas. Era normal, sabe!?

Uma história que é boa de contar só para vocês terem uma idéia é a do Seu Nestor, que veio pra Rocinha com sua mulher grávida exatamente no ano em que nasci. Lembro disso porque sua filha, que também nasceu em 51, é minha amiga até hoje. Vou chamar o Seu Nestor pra contar sua história, depois continuo a minha, tá? Com vocês, Seu Nestor:

Esse PC viu! Sempre moleque desde criança. Ele sabe bem que a minha história é só mais uma – claro que um pouco diferente da maioria se for ver que os engenheiros da prefeitura quebraram meu galho. Acho que foi por conta da Zenite ta grávida. É que “antes de vir pra aqui, nós moramos na Lopes Quintas, ali no Jardim Botânico. (...) O problema do pobre é sempre esse. Ele vai pagando a casa, enquanto o bairro está meio devagar. Depois vem esse problema de imobiliária. (...) Então esse problema de imobiliária é que complica a vida da gente, porque depois de onze anos o português, dono da avenida, teve que vender a avenida. Todos nós tivemos ordem de despejo.

(...)Bom, nós saímos, tivemos que ir lá para Padre Miguel que se chamava Moça Bonita. A casa lá não era minha. Saiu uma casa do IAPI – que eu era da indústria – para um colega que trabalhava comigo. Os apartamentos, naquela época, de pobre eram bons (...). Quer dizer o prédio, a moradia era muito boa, mas era só para fim de semana, sábado, domingo. Segunda-feira começava aquele inferno de novo, de ida e volta e não

¹⁸ (UNIÃO PRÓ-MELHORAMENTOS DOS MORADORES DA ROCINHA, 1983: p. 9.)

era como hoje não. Hoje tem muito mais trem. Naquela época o trem era pouco e não tinha ônibus, entende? Era uma tristeza! Nós moramos lá seis meses. Aí eu disse:

_ Minha filha, não é possível!

(...) Saímos de um paraíso que era o apartamento, mas um paraíso com um caminho cheio de espinhos tremendos, entende? E para vir para esse lugar? [um porão no Morro do Sacopã]¹⁹ O lugar era ruim, mas a gente descia o morro devagarzinho que era mais ou menos quase no alto do morro. (...) O meu barraquinho era de estuque, só que tinha telha. A telha era francesa, essas telhas normais. As portas e janelas, o resto era barro, ele era de estuque. Passamos, nós mudamos e tal. Fiquei feliz, porque já passei a ser proprietarinho da minha residência. Mas infelizmente a alegria de pobre dura pouco! Imagine você que há mais de vinte anos havia um boato que o morro de Sacopã ia abaixo. Depois que eu passei a ser proprietário, com quatro meses que eu já era proprietário, chegaram os guardas. Naquele tempo, era a Guarda Municipal com aquela farda cinza. Chegaram os guardas com os engenheiros da Prefeitura avisando:

_ O morro vai abaixo.

(...) E, ia para onde esse pessoal?

Foram para um lugar que tem em Ramos. Ramos é uma palavra bonita e um bairro também bonito, mas era um lugar que chamava, parece que dentro de lá, de Roquete Pinto. O lugar era pântano. Não fui lá ver porque o pessoal me trouxe até uma conversa muito engraçada que dizia assim:

_ Olha, vizinho, lá a gente não vai pegar o caranguejo, não. O caranguejo vem, que subia pelos pés da madeira e vinha pra dentro de casa.

(...)Quando o engenheiro chegou lá em casa, perguntou:

_ Como é seu nome?

_ Nestor.

_ Você vai para onde, Nestor?

Já estava difícil, eles já estavam encontrando dificuldades para abrigar aquele povo que restava.

_Você vai pra onde?

¹⁹ Observação do autor.

_ Olha, doutor, eu não desmanchei o meu barraco porque o senhor está vendo do jeito que está minha mulher.

Zenite estava com a barriga grande, a minha mulher estava esperando uma garota.

_ Não desmancha não, você fez bem. Não bota sua mulher na chuva, não. O tempo está ruim. Você quer ir pra onde?

Aí eu fui franco. Falei para ele:

_ Olha, doutor, eu queria ir pra Rocinha.

(...) Eu trabalhando aqui no Leblon, ficava mais perto do meu trabalho.

Aí ele virou pra mim e disse:

_ Qual o problema que está surgindo?

_ O problema que está surgindo é o seguinte: lá na Rocinha tem muito lugar ainda pra gente fazer barraco, mas criam muito problema. Os vizinhos que já estão colocados, eles reclamam. Quando a gente chega assim no lugar e diz:

_ Bom, eu vou fazer uma barraquinho aqui.

_ Aí não pode não! Aí é pra eu lavar roupa, aí é pras crianças brincar!

Às vezes a gente via lugar livre. Quando a gente saía dali, no outro dia, a pessoa comprava um pedaço de arame e cercava. Bom, cercou, botou uma cerca a gente já não pode mexer. Nesse ponto eu acho que o engenheiro foi muito amigo, porque ele virou para mim e disse:

_ Olha seu Nestor, o senhor faz o seguinte, o senhor vai lá na Rocinha, veja um lugar livre, que dê para o senhor fazer o seu barraquinho. Vem aqui que eu mando levar suas coisinhas pra você fazer seu barraco lá. Agora, vou lhe dizer uma coisa: você não me entra em terreno particular. Se disser que é terreno particular você não mexe. Se for terreno do Estado, da União você pode. Você diz as pessoas que eu vou lá. Se eles tiverem a escritura, se for proprietário, muito bem. Se não for, eu vou saber deles de quem eles compraram, a quem eles pagaram. Você vai fazer seu barraco.

Aí ele me deu força. Eu criei alma nova. Aí fui procurando, foi quando eu passei aqui, cheguei e encontrei esse lugar livre. Estou aqui até hoje, desde 1951.”²⁰

²⁰ História retirada na íntegra do livro “Varal de Lembranças”. (UNIÃO PRÓ-MELHORAMENTOS DOS MORADORES DA ROCINHA, 1983: P.23 a 28.)

_ Pois é PC. Na verdade, temos que falar que a Rocinha também foi pega por esse papo de remoção. Pra mim isso parecia que não ia ter mais fim. Não sei se você se lembra, mas foi na época em que construíram o Túnel lá no Morro Dois Irmãos.

_ Claro que lembro Seu Nestor, foi em 70, não é? Inclusive já até sei o que o senhor tá lembrando. É daquele mutirão das valas não é? Acho que o mutirão foi um pouco depois, tipo 78, 79... Mas as coisas foram se organizando nessa época.

_ É disso mesmo que eu tava lembrando. A Zenite estava envolvidíssima com o mutirão. Um pessoal começou a reunir por causa dos boatos que iam remover todo mundo lá pra Vila Paciência. A partir daí começamos a pensar “qual seria o problema mais sério da Rocinha pra evitar a Remoção. Depois de algumas trocas de idéias, achamos que eram as valas entupidas que provocam enchentes”²¹. Começamos a reivindicar nossos direitos, mas pra isso era importante que a gente fizesse a nossa parte. Afinal, “quem cumpre com seus deveres tem o direito de exigir”²².

_ É Seu Nestor. Muita gente foi obrigada a sair, uns lá do Laboriaux, outros que moravam logo ali margeando a Lagoa-Barra. Mesmo a gente se mobilizando e mandando abaixo assinado, trabalhando com os políticos, e com a associação desde muito tempo. Na verdade, temos muitas coisas ainda para resolver, como melhorar o saneamento, as ruas, a água... Mas acho que já conseguimos muita coisa. Pra quem viveu na época das lamparinas, ver chegar aqueles postes de três pernas e ver aprovada uma lei²³ que não permite a remoção, ah isso mostra que vale a pena a gente se organizar, né?

Mas agora tenho que retomar a minha história de vida... Senão o Mauro não consegue contar o resto da história do Plano de Urbanização da Rocinha... que vale a pena ser contada.

6.3.2. Mãe preta e mãe branca: “é só alguém estender a mão”.

²¹ (UNIÃO PRÓ-MELHORAMENTOS DOS MORADORES DA ROCINHA, 1983: p. 119.)

²² Ídem.

²³ Plano diretor da Cidade de 1992: Remoção somente em caso de localização em área de risco. (Lei Complementar número 16, de 04 de junho de 1992: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Minha mãe tinha uma facilidade de engravidar, ganhava um bebê, e alguns meses depois já estava ela grávida de novo. E ela foi indo, foi indo. Então aí eu comecei a minha história. Nós não tínhamos assim, uma orientação, como a criança deve agir e como não deve agir. Por exemplo: eu tinha muita vontade de estudar, mas não conseguia porque na época eu não tinha registro de nascimento nem roupas para ir à escola.

Por volta dos meus doze anos, houve a primeira separação do meu pai com a minha mãe. Meu pai bebia muito e minha mãe não aceitava. Ela foi para o Méier com outro companheiro, deixando os filhos na Rocinha. Ela resolveu abandonar todos eles nas mãos do meu pai, inclusive meu irmão menor, que na época, tinha um ano e pouco. Depois o negócio com o rapaz lá não deu certo e ela resolveu voltar pra casa. Acho até que ela só voltou a viver com a gente por pura insistência minha e dos meus irmãos.

Nesse meio do caminho, sem apoio, sem escola e referência de família, passei a dormir na rua e acabei sendo levado pra um caminho que eu não gosto nem de falar muito: pro tráfico. É difícil de explicar como a gente entra nessas coisas. A dificuldade era tanta que eu tinha que arrumar um meio de defender o meu pão de cada dia. E a primeira alternativa que as pessoas da comunidade encontram quando estão desesperadas é se aliar ao tráfico. Na verdade o negócio é um pouco mais complicado e cada vez mais você vê acontecendo na Rocinha e até mesmo em outras comunidades carentes. O menino não tem registro de nascimento, não tem pai nem mãe para direcionar na vida, não tem roupa nem material para estudar e não tem o que comer. Nessas condições não consegue ninguém por ele que não seja o tráfico. Não necessariamente que ele queira, e digo isso por experiência própria. Sofria muito com aquela situação, mas precisava comer e ter alguém por mim. Até por questão de segurança mesmo.

E assim fiquei uns quatro meses da minha vida. Mas, graças a Deus – eu digo isso com todo o orgulho – não matei ninguém, não atirei em ninguém. Mas fiz parte... Não fumei, não cheirei, como até hoje não fumo, não cheiro, não faço nada disso. Mas fiz parte... Vi muita coisa e presenciei coisas que vocês nem imaginam. E todas as perversidades e maldades que eu presenciei me faziam sentir que aquilo não estava em mim, não era de acordo comigo. Eu não podia estar ali se eu não aceitava aquilo tudo. Sabem? Eu não

aceitava que matassem alguém, que batessem em alguém. Eu não aceitava aquilo de trocar tiro. E cheguei a uma conclusão de que aquela vida não era legal, não dava mais.

Queria porque queria largar aquela vida do tráfico. Eu não agüentava mais aquela ruindade. Então qual foi a minha? Um belo dia eu saí e apanhei um bonde e saltei na Praça Santos Dumont, onde tinha uma feira. Andando na feira, eu como quem não quer nada, vi um português, trabalhando sozinho. Todos eles tinham um ajudante, e ele trabalhava sozinho. Vendo que eu não parava de olhar para ele, o português falou assim:
_ Você quer comprar alguma coisa, quer levar alguma coisa? É só falar. Eu dou para você.

E eu disse:

_ Não. Eu quero um trabalho.

_ Tá bom. Eu estou precisando de um garoto para trabalhar comigo. Tu queres trabalhar comigo? – respondeu o português, que ouvindo o meu rápido “Eu quero” falou:

_ Então fica agora trabalhando comigo.

Nesse mesmo dia já cheguei para o chefe do tráfico, e falei da minha vontade de trabalhar. Falei que eu tinha arrumado um trabalho na feira e se ele achava que tinha algum problema se eu fosse trabalhar. Ele falou:

_ Você é meu amigo, foi criado comigo. Pode ir e acho até legal que arrumou emprego... você não leva jeito pra bandidagem. Se precisar de mim, pode vir aqui que eu te ajudo. Certo? Mas vai trabalhar.

A partir daí eu fui trabalhar. Então foi aí que eu encontrei o meu destino, de uma maneira diferente.

Quanto aos meus pais e meus irmãos? O negócio é um pouco mais complicado... Depois de um ano mais ou menos, que eu tava vivendo essa vida na rua, meus pais tornaram a se separar. Só que dessa vez meu pai foi morar numa casa pequena lá em cima, no Cesário – um sub-bairro da Rocinha que tem lá em cima, na Rua Um. Minha mãe vendeu a casa em que a gente morava e foi para Vitória do Espírito Santo. Ela foi embora levando só os dois irmãos caçulas, deixando eu e meus outros cinco irmãos na comunidade.

Meu pai, três meses depois dessa segunda separação foi parar no hospital. Ele fumava e bebia muito... daí ficou internado e morreu. Nós já estávamos na rua e meus irmãos foram para a marginalidade. Foram mortos por isso, até pelos próprios marginais, em briga de facção. E eu, na feira, encontrei alguém que me ajudou.

Sei que um belo dia, eu estava na feira e passou uma madame. Ela era casada com um médico de coração e morava no Leblon. Naquele dia ela pediu que eu levasse o carrinho de compra para ela e disse que precisava de um garoto para trabalhar na casa. Além de me chamar pra trabalhar, ela me ofereceu um quarto que eu nunca pensei ver na vida.

E foi aí que, pela primeira vez na minha vida que eu tive um quarto, uma cama. Nesse quarto tinha colchão de mola e um lençol limpinho. Tinha um radinho, que era realmente bem difícil de ter na época, uma tecnologia já sofisticada. Quando eu recebi tudo isso, que eu entrei naquele quarto, que eu sentei pela primeira vez em uma cama só minha, eu não me segurei. Sozinho, dentro do quarto eu chorei. Olhar aquilo tudo... aquela emoção de estar me sentindo bem, e triste por não poder colocar os meus irmãos da mesma maneira. Porque eu tinha uma sensibilidade, eu adorava os meus irmãos. Mas era uma questão de sobrevivência.

Então comecei a trabalhar no outro dia, de manhã cedo. Um belo dia, na hora do almoço, ela me perguntou se eu gostaria de estudar. E eu respondi:

_ Poxa, mas como eu vou estudar se eu trabalho aqui?

_ Não se preocupe. Vou tirar o seu registro de nascimento e matriculá-lo na escola dos meus filhos e você vai estudar.

Comecei a chorar. E ela, colocando minha cabeça no ombro dela, disse:

_ Não se preocupe, vou tomar conta de você.

Achei aquilo incrível. A partir daquele momento eu deixei de ser um funcionário da casa, e passei a ser um filho que ela adotou. Porque ela me colocou assim, com todos os direitos, com todos os benefícios que tinha a casa. Me apeguei a ela daquele momento em diante. A ela e aos meninos, que eu defendia com unhas e dentes, não deixava que

nada de ruim acontecesse com eles. E eu estudava muito, até para ela se sentir orgulhosa de mim.

No dia do meu aniversário de quatorze anos, ela perguntou para mim:

_ O que você gostaria de ganhar de aniversário PC?

Eu, feliz com essa pergunta, disse para ela, meio inseguro com o que ela responderia:

_ Eu queria muito fazer uma casa na Rocinha para abrigar meus irmãos.

E para minha surpresa ela falou:

_ Mas será que lá tem um lugar para fazer isso?

_ Tem sim. – respondi com toda certeza, pois já tinha até idéia de onde seria.

_ Então você vai até a Rocinha e procura um lugar aonde possa construir. Assim que achar você me fala que eu vou junto com você. Dependendo do que for a gente dá um jeito.

Então vocês imaginam o que foi essa notícia no meu coração. Não perdi tempo. Fui até a Rocinha, convoquei meus irmãos e falei:

_ Eu vou fazer uma casa para vocês. Então vamos pegar um terreno e fazer uma casa.

Na época a Rocinha tava muito diferente, já tinha a imigração dos cearenses, paraibanos e pernambucanos. Mas mesmo assim ainda tinha muito terreno e a gente podia até escolher. Então, escolhemos um terreno, eu trouxe minha mãe branca pra ver e ela construiu uma casa para a minha família. Com isso eu me senti mais livre para estar saindo de lá e vir para a Rocinha, pois eu já tinha passado um ano junto a ela e com isso adquirido sua confiança. Eu podia cuidar dos meus irmãos e ao mesmo tempo ter o meu quarto na casa dela e meu colégio.

Depois de um tempo, quando eu estava com cerca de dezesseis anos eu resolvi trabalhar e não ficar só de mesada. Chamei minha mãe branca e meus irmãos de consideração dizendo que eu queria trabalhar.

_ Poxa, mas trabalhar?

_ Eu quero trabalhar. E se vocês permitem, eu vou trabalhar. Não vou sair daqui, mas vou trabalhar.

Aí eles aceitaram, com algumas restrições:

_ Não vai largar o estudo.

_ Não, não vou largar o estudo. Vou trabalhar durante o dia e estudar à noite.

Nisso eu arrumei um emprego no Laboratório Moura Brasil. Eu entrei lá como contínuo, depois fiz um curso de datilografia no SENAC e eles resolveram me promover pelo meu esforço: virei escriturário. Imagine só eu ali recebendo o meu dinheiro, fruto do meu suor! Trabalhei e estudei até entrar pro quartel, onde servi na paraquedista.

E ao mesmo tempo minha vida na Rocinha também ia avançando. Eu me tornei líder comunitário, tentava fazer o melhor dentro das associações. Trazia livros de lá de baixo, roupas velhas que recolhia para dar para os moradores, fazia um trabalho social. E foi nesse tempo que minha mãe voltou de Vitória do Espírito Santo. Teve um grande problema com o marido dela lá. Ele era casado e ela, sem saber ler nem escrever, botou o dedo num documento que ele passou para ela, não leu. Ele botou a família dele como proprietária de tudo que era dela, no caso uma pensão que ela cuidava. Quando ele faleceu, um desembargador veio e tomou tudo que era dela e deu para a família dele. E foi desse jeito que ela voltou aqui pro Rio, com uma mão na frente e outra atrás, trazendo apenas as roupas do corpo e as dos meus dois irmãos caçulas. Na época eles já estavam com mais ou menos dezesseis anos e eu comprei uma casa para eles e minha mãe aqui na Rocinha. Casa inclusive que minha mãe mora até hoje. Claro que a partir dessa época eu comecei a dar uma assistência maior, e consegui até que a pensão do meu falecido pai fosse destinada para ela.

Ainda nesse tempo tive mais uma decepção, porque meu irmão caçula, que voltou para a Rocinha junto com a minha mãe, foi morto. Acharam que ele estava namorando uma mina de um bandido. E esse bandido, para não perder a mulher, matou meu irmão. Foi

um choque muito grande para mim, mas mesmo assim eu não deixei me abater. E esses bandidos? Ah, esses seguem o destino de sempre! Foram mortos dentro da própria função.

Quando saí do quartel comecei a trabalhar no banco Econômico e a namorar, para casar, uma japonesinha chamada Glória. Já era de conhecimento dos meus pais de criação, e eles faziam gosto que eu casasse com ela. A Glória era moça de família, e seus pais moravam no Jardim Botânico – eles eram de classe média. O pai dela, sargento do quartel do Forte de Copacabana, também fazia muito gosto, pois me achava um bom garoto, uma boa pessoa.

Então, saí da casa de minha mãe branca para casar. Ela foi ao meu casamento e depois tentou fazer com que eu continuasse os meus estudos, fizesse a faculdade. Cheguei até a fazer o primeiro ano, fiz o segundo período de administração na Faculdade da Cidade. Mas não levei pra frente porque não queria mais ficar dependendo dela. Minha mãe branca me deu tudo na vida abaixo de Deus e não achava justo continuar precisando dela. Eu já trabalhava no banco Econômico, tinha minha mãe preta pra cuidar, meus irmãos que ainda sobraram, enfim, tinha muito para fazer e não podia ficar usando o dinheiro dela pro resto da vida.

Eu sei que consegui chegar até aqui por ter força de vontade, por querer ser alguém e me libertar dessa escravidão que é ser pobre, sufocado, com uma vida ruim. E foi ela quem mostrou que eu podia fazer parte desse outro lado da vida. Tenho certeza que fui guerreiro, que sou vencedor. Hoje tenho seis filhos maravilhosos e me orgulho de ter sido um pai de verdade para eles. Eu sou a prova viva de que as pessoas têm outro caminho para seguir, “é só alguém estender a mão”.

E pra finalizar, já que sou eu que estou comandando a bateria agora, vou assumir às vezes do Mauro Guarany e anunciar mais uma peça desse quebra-cabeça que foi o Plano da Rocinha: o meu amigo Ediglé. Esse cearense porreta é mais uma das vozes da Rocinha nessa história e também colocou muita água nesse moinho.

Agora tá com você Ediglé!

6.3.3. Como a história de muitos nordestinos...



Figura 4: Ediglé - arquivo M&T - arquitetura, planejamento e consultoria, Ltda.

Bom, minha história é igual à de todo nordestino que sai do Ceará, Paraíba, Maranhão, Piauí, Sergipe, Pernambuco e Bahia e vem para o sul ou sudeste tentar melhorar de vida. Foi no final de 70, entrando em 71 que eu e minha mulher viemos para cá. Fiz do mesmo jeito que as pessoas faziam, e fazem até hoje: fiquei na casa de um parente que veio antes pra cá e assim que peguei um pezinho segui meu caminho, tentando sobreviver com o trabalho.

Vim pra cá para trabalhar e tentar dar uma melhor condição de vida para a minha mulher e assim poder também constituir família com dignidade. Não consegui ficar rico, mas tenho minha casa e minha família passa bem, com saúde e estudo. Também não saí de dentro da comunidade, até porque a gente quando chega aqui passa a amar a Rocinha. Porque o morador sabe que aqui é um lugar de se viver, trabalhar, criar família e vencer na vida, por que não? Tem muitas pessoas que já se formaram dentro da comunidade: têm médicos, dentistas, engenheiros e tem até milionários dentro da Rocinha. Para vocês terem uma idéia, eu tenho amigos aqui com mais de 10 imóveis dentro da Rocinha. Eles vivem do aluguel, da compra e da venda desses imóveis. Fazem tudo com a documentação daqui, usam testemunha, fazem tudo na formalidade e ganham o maior dinheirão com isso.

Bem, mas continuando minha história, depois de um tempo comecei a me envolver com as associações para ver se conseguia ajudar a resolver os problemas da comunidade.

Mas vou dizer uma coisa para vocês, essa vida de trabalho em associação arranja é um problemão com a família. É o que eu vivi esse tempo inteiro e vivo até hoje. Tenho que admitir... Realmente é muita pressão. Você não pode comprar um carro, não pode comprar uma casa, não pode comprar nada. Caso contrário você pode se preparar para escutar: “Ele está lá se aproveitando da posição de comandante para poder tirar um lucro próprio”. E aí fica difícil. E aí é isso que acontece, a gente trabalha na pressão e a família não aceita isso. E olhem minha situação agora: minha mulher voltou para o Ceará em maio desse ano e não quer voltar, ela quer me tirar da Rocinha. E infelizmente ela vai conseguir, porque vou voltar agora em dezembro de 2008 para o Ceará.

Ela se cansou dessa vida de esposa de líder comunitário. Mas acho que ela se encheu mais rápido depois que me envolvi com o grupo que começou a buscar alternativas depois que aconteceu aquela guerra em 2004. Na época que eu trabalhava na AMAB - Associação de Moradores do Bairro Barcelos e não tinha jeito, todo mundo teve que se envolver e ajudar a mobilizar de uma maneira ou de outra. Fomos envolvidos por aquele ato violento.

_ Já que o Ediglé começou a contar da Guerra de 2004, acho que vale a pena ele dar seu testemunho do que foi essa guerra pros moradores da Rocinha. Isso é muito importante, pois foi a partir desse triste episódio de 2004 que surgiu o embrião do que é hoje o Plano de Urbanização da Rocinha. – interrompe Mauro Guaranyis.

7. SALVE-SE QUEM PUDER: A GUERRA DE 2004

*“Passava como se o tempo /
Nada pudesse mudar /
Passava como se o rio /
Não desaguasse no mar.”²⁴*

A Guerra de 2004 por Ediglé

Já que o Mauro pediu, vou contar por alto o que rolou nessa época. Aconteceu na páscoa de 2004, foi um caos. Na verdade já estávamos sofrendo as antecipações dessa

²⁴ “Onde eu nasci passa um rio”, Caetano Veloso.

guerra desde antes. Desde o começo do ano essa ameaça da briga entre os comandantes do tráfico do Vidigal querendo tomar o ponto dos traficantes da Rocinha já rondava. Antes da tragédia de abril até tentamos fazer uns movimentos como aquele lá na Via Ápia em que a gente pedia paz depois de umas entradas arbitrárias do BOPE²⁵ aqui dentro da comunidade...

Depois que estourou a guerra entre os traficantes do Vidigal querendo tomar a Rocinha a gente não podia mais sair de dentro de casa, todo mundo amedrontado. Além das mortes e do medo toda a vida da comunidade foi prejudicada. O comércio – que é muito significativo dentro da Rocinha, com mais de 1500²⁶ empresas cadastradas no SEBRAE – por exemplo, teve uma grande queda. Ninguém quis sair de casa para nada. Tava todo mundo com medo e não sabíamos se era dos bandidos ou dos policiais armados até o dente, circulando pra cima e pra baixo.

Vocês nem imaginam... E pior é que nos jornais só saía a notícia da mineira que tinha sido assassinada por um grupo de bandidos que a encurralou lá na Av. Niemeyer. Ela tava com o marido e os filhos no carro, e daí os bandidos que queriam invadir a Rocinha fizeram um cerco pra tentar roubar o carro. Foi lá na Niemeyer à noite. O marido dela não quis parar nesse cerco com medo e aí tome tiro! Balearam o carro e machucaram os filhos e o marido, deixando a mineira morta. E esse carro foi um que os malucos usaram para entrar na Rocinha e fazer mais um monte de vítimas. Essas quase não saíram no jornal... Mas a gente aqui dentro sabe muito bem quantas foram e como a vida de mais de 120 mil pessoas foi alterada por conta da barbárie desse povo junto com os policiais. Foram exatamente 17 pessoas da comunidade mortas nessa tragédia.

Na época, nós, líderes da comunidade, fomos atrás das autoridades pedindo pelo amor de Deus pra dá um jeito de frear aquela tragédia. Na época quem tava assumindo a UPMMR – União Pró-Melhoramento dos Moradores da Rocinha – era o William. O cara pegou um pepino enorme nas mãos assim que entrou. Vou chamá-lo pra se apresentar e contar um pouco também do que aconteceu nessa época.

²⁵ Batalhão de Operações Policiais Especiais do Rio de Janeiro.

²⁶ LEITÃO, G., 2008, “Transformações na estrutura sócio-espacial das favelas cariocas, ao longo dos últimos cinquenta anos: a Rocinha como um exemplo”. In: LUCARELLI, F.; DUARTE, C. F.; SCIARRETTA, M. (org.). Favela & Cidade. Napoli, Giannini Editore.

A Guerra de 2004 por William

_ Positivo, meu parceiro Ediglé. Primeiro então deixa eu me apresentar pro povo pra que todo mundo entenda quem que ta contando essa parte da história. Sou nascido e criado na comunidade. Já tenho 37 anos de vida e de Rocinha. E toda minha família é de lá. Para vocês terem uma idéia, minha avó é uma das primeiras moradoras da Rocinha. Fez agora noventa e alguns anos e mora lá há uns oitenta anos. Minha mãe também, esse ano faz cinquenta e oito anos de Rocinha. Elas viram aquilo ali cheio de árvore e espaço. Eu também peguei um pouco dessa época. E hoje já não tem mais isso. O povo hoje só pensa na questão da construção, não pensa no meio ambiente e na qualidade de vida. Você vê que hoje em dia o próprio ar dentro da Rocinha é diferente. Antigamente era uma coisa mais fresca, para você ver se estava ventando era só olhar para uma árvore. Hoje não, é aquele bafo. Eu to até escrevendo um artigo para falar sobre isso. Ele vai se chamar “Ah que saudade da Rocinha”. Era uma Rocinha diferente.

Mas voltando pra minha história pessoal, na realidade eu nunca fui político. Eu era músico, fui DJ de tocar funk e tudo. Comecei a trabalhar com a música em 1984 e mexia com todos os ritmos. Mas quando foi por volta de 94, comecei com os trabalhos sociais. Fui Diretor de Assuntos Comunitários, Diretor de Eventos e depois vice da associação. Em 2004 ganhei a eleição para presidente.

Com quase 3.000 votos tomei posse no dia 16 de fevereiro e quando foi no dia 21, se não me engano, teve a morte daqueles três jovens no baile funk, pelo BOPE, vocês se lembram? E dali começou a nossa guerra com o poder público. Não tinha nem ciência de como era essa questão de segurança pública, afinal a minha coisa era música.

Na época desse assassinato a mídia não nos ouvia. Às vezes até gravava alguma entrevista comigo, mas depois não publicavam. Não saía nada sobre o que a gente achava daquilo tudo, era só a visão do governo e da polícia. Então, na primeira semana eu falei “Ah, não gravo mais não, nada...”

Na semana que aconteceu a missa de sétimo dia dos três meninos assassinados, eu resolvi que tinha que mudar o rumo do negócio. Acho que foi Deus que me deu uma luz. Eu pensei assim:

_ Poxa, a gente está aqui brigando contra uma coisa que é justa, os jovens são inocentes. Não são bandidos como o governo e a polícia estão falando pelos jornais a fora. Como é que eu vou provar que eles são inocentes?

7.1. Notícias de uma Guerra Particular

O negócio era muito sério mesmo. Eu tinha acabado de assumir a presidência da UPMMR e já enfrentava uma barra dessas. E o pior foi ver aquele tanto de jornalista tudo parado lá na entrada da Rocinha doido pra ver o circo pegar fogo e o que a gente falava entrava por um ouvido e saía pelo outro. No final das contas, graças a Deus, eu consegui colocar a imprensa do nosso lado. Mas foi muito difícil.

Eu fiz assim: sentei com a família dos três jovens e começamos a juntar toda a documentação, boletim da escola, testemunhos de pessoas que moravam com eles ou perto deles, das pessoas da feira onde eles trabalhavam e que viam eles lá freqüentemente. Pra vocês terem idéia, um dos meninos já tinha até participado de um programa do primeiro emprego do Governo Federal. Mas então juntamos o que conseguimos e aí fizemos um dossiê com todas essas informações. E como a imprensa dormia lá na porta da Rocinha todos os dias, juntei esse dossiê e mandei um diretor levar lá. Falei assim:

_ Olha aí, mostra para eles esse envelope e fala que é o William, o presidente da associação, que está mandando esse envelope. Esses aí são os meninos que vocês estão chamando de bandido.

E foi isso mesmo. Provamos quem eram os jovens que a mídia tava anunciando como traficante. E olha que isso acontece até hoje, hein? Falô que ta na favela já sai que é bandido. É muito triste. Mas eu sei que depois desse dossiê a coisa mudou. É porque a gente realmente mostrou.

Aí o que a gente tava falando sobre os meninos saiu no jornal, entrevistaram as famílias e até eu falei também. O importante disso tudo é que a partir daí a gente passou a ter um pouco mais de voz e eu falei o seguinte pro povo da imprensa:

_ Vocês querem ver o que está acontecendo na Rocinha?

E como eles concordaram, levei toda a imprensa lá para dentro para mostrar. Aquele monte de cano furado, aquele negócio todo, o desespero dos moradores.

Mas, quando a gente achava que ia respirar daquela violência toda, houve a questão da guerra. Quando foi em abril de 2004, na verdade dia 9 de abril de 2004 – não tem como esquecer daquela tragédia – por volta de meia noite os traficantes da Vidigal quiseram tomar a Rocinha e daí começou a guerra. Quando foi no dia 10 ou 11, enfim, logo depois, eu recebo um telefonema de um cara que trabalhava com o Conde, que na época era Secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano. Ele disse que iria me pegar no dia seguinte por que o Dr. Conde queria falar comigo.

E aí, naquela questão toda fui e levei um ofício com quinze pedidos. Guardei o ofício dentro da blusa e como a imprensa tava lá o Dr. Conde pediu que a gente fosse conversar numa mesa junto com a imprensa. Aí o pessoal da imprensa falou e eles queria saber enfim o que iria ser feito lá pela Rocinha. Aí o Conde falou e eu aproveitei a oportunidade e falei:

_ Inclusive, Dr. Conde, eu trouxe um ofício. – e puxei o documento de dentro da camisa.

E o fato é que ele leu e assinou lá em público. E um tempinho depois disso o Estado organizou lá na Rocinha, lá na Microlins, um Fórum para fazer o Plano Diretor da Rocinha. Escolhemos uns doze ou quinze representantes da comunidade para participar mais ativamente, mas acabou que o negócio aconteceu durante um mês. Mas não deu em muita coisa aquilo lá não. Esse fórum a gente chamava de Fórum dos Pobres, que era o da Rocinha. Isso é porque ao mesmo tempo, depois que explodiu a guerra na Rocinha, o presidente da Associação de Moradores de São Conrado, o Sr. Britz, me ligou e disse:

_ Olá William. Estamos vivendo uma situação muito difícil e estou te ligando porque está na hora de nos juntarmos para mudar isso. Eu estava pensando em fazer o Fórum

Técnico da Rocinha para pensarmos e realizarmos ações nesse sentido. O que vocês acham?

Aceitei o convite prontamente e levei junto comigo o Aurélio e o PC, que trabalhavam comigo na associação. Esse fórum reuniu gente de tudo quanto é jeito e classe e acontecia geralmente lá no Hotel Intercontinental. Por isso a gente chamava esse de Fórum dos Ricos, que, diferente do dos pobres, deu alguns resultados. Pra contar essa parte da história o ideal é chamar o pessoal da AMASCO, no caso o Sr. Britz, que é presidente de lá até hoje.

A Guerra de 2004 por Sr. Britz

_ Obrigado pelo convite William. Estava prestando atenção enquanto você narrava o episódio da Guerra de 2004 e antes de contar como aconteceu o Fórum Técnico da Rocinha queria falar alguns detalhes dessa Guerra e de como ela atingiu não só a Rocinha, mas o seu entorno.

Só para explicar, sou engenheiro, filho de uma família judia e morador de São Conrado há muitos anos e tenho orgulho disso. Assumi a presidência da Associação de Moradores de São Conrado em 2002 e sempre lutei para que o nosso bairro fosse divulgado pelas suas belezas e até mesmo pela sua boa convivência com a Rocinha. Afinal São Conrado e Rocinha estão ligados por laços de trabalho e confiança. Por exemplo, a maioria dos funcionários aqui do bairro são da Rocinha e têm a chave dos depósitos, casas e dependências de onde trabalham. E não temos registro de problemas com isso. Temos uma boa convivência. O problema é que São Conrado já é um bairro pronto e a Rocinha precisa ser arrumada.

Mas foi em 2004 que todos nós fomos surpreendidos por essa guerra. Eu continuava na presidência da AMASCO e presenciei não só como morador mas como dirigente da associação aquele desastre. Durante uma semana ninguém entrava nem saía daqui. Ficamos praticamente ilhados. O Fashion Mall, que é um grande shopping do Rio e que fica aqui em São Conrado, simplesmente parou. Ficou entregue às moscas. Uma das fachadas de um dos condomínios de alto luxo aqui de São Conrado recebeu um monte

de bala no meio daquela guerra. E o governo nisso? Ah, o governo... Na época não procurou nenhum de nós, nem de São Conrado, nem da Barra – que fomos os bairros mais atingidos pela loucura que aconteceu. Nenhuma instância governamental se pronunciou sobre esse absurdo, nem para falar que sim, nem que não. Nada! Foi uma sensação de abandono sem igual.

Quem nos procurava toda hora era a imprensa, como se estivesse fazendo a cobertura de uma zona em conflito, como se fosse uma guerra. Dei inúmeras entrevistas que saíram em diversos jornais e em meio a isso tudo e aproveitando a visibilidade que a imprensa estava nos dando naquele momento eu pensei:

_ Nós da Associação de Moradores de São Conrado temos que fazer algo, já que um serviço público básicos, como a segurança, do qual temos direito não está mais acessível a nós, apesar de pagarmos o IPTU mais alto da cidade²⁷, de pagarmos taxas astronômicas e impostos exorbitantes para o governo... e nada. A única coisa que tínhamos de concreto era a violência que nos isolou do resto da cidade e o valor de nossos imóveis caindo cada vez mais.

Tínhamos de encontrar uma saída!

8. TÍNHAMOS DE ENCONTRAR UMA SAÍDA: O FÓRUM TÉCNICO DA ROCINHA

Pois bem, no meio de toda aquela loucura a imprensa começou a nos procurar como se estivessem atravessando a trincheira de uma guerra. Vinham atrás da AMASCO para saber a opinião dos moradores de São Conrado sobre aquela tragédia. Daí pensamos: já estamos com a idéia de fazer algo para resolver essa situação com as nossas próprias mãos, porque não aproveitar essa procura da imprensa? Concluimos então que toda vez que a imprensa nos procurasse iríamos divulgar nossa proposta de trabalho, nossa idéia de juntar organizações que pudessem propor, com qualidade, idéias que contribuíssem para a melhoria daquela situação.

²⁷ “Segundo a planta de valores da Prefeitura do Rio de Janeiro o metro quadrado mais caro é o da orla de São Conrado, no lado oposto à Rocinha”. Dado acessado no dia 12/12/2008 pelo site: <http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/>

E vocês sabem que é na hora do sofrimento e da dor que as pessoas se unem. E assim foi que surgiu a idéia de chamarmos as Associações de Moradores da Rocinha, que ao todo são três – UPMMR- União Pró-melhoramento dos Moradores da Rocinha, que é a maior; a AMABB- Associação de Moradores e Amigos do Bairro Barcelos, que representa um sub-bairro localizado na parte mais baixa da Rocinha, próximo à estrada Lagoa-Barra; e Associação de Moradores do Laboriaux e Vila Cruzado, que representa os moradores de dois dos sub-bairros mais altos da Rocinha, que quase fazem divisa com a Gávea do outro lado –, para ajudarem a pensar essas soluções. Outra associação de moradores convidada foi a do Parque da Cidade, que é de uma pequena favela que fica do lado da Gávea. Enfim, tentamos chamar todos os personagens diretamente envolvidos nessa história, afinal, tínhamos de encontrar uma saída e ela teria que ser construída de outra forma, pois do jeito que estava não dava para continuar.

E assim foi. Chamei, enquanto presidente da AMASCO, as associações dos outros três bairros vizinhos ao nosso, que também sofreram muito com a situação: a CCTBj – Câmara Comunitária da Barra da Tijuca, que representa uma porção de associações da Barra, a AMALGA – Associação de Moradores do Alto Gávea, e a AMALEBLON, que é associação de moradores do bairro Leblon. Além de chamar essas associações de moradores, convidamos organizações importantes como a FIRJAN – Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, a OAB-RJ – Ordem dos Advogados do Brasil no Rio de Janeiro, o IAB-RJ – Instituto dos Arquitetos do Brasil no Rio de Janeiro, a PUC-RJ – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, o Sinduscon-Rio – Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado do Rio de Janeiro, a EARJ – Escola Americana do Rio de Janeiro, a Ademi-RJ – Associação de Dirigentes de Empresa do Mercado Imobiliário, a Vila Riso²⁸, além de uma agência de assessoria de imprensa.

Gostaria de mostrar para vocês um artigo que saiu naquela época no Jornal do Brasil, nesse período em que convocávamos as organizações para participar do Fórum Técnico. Acho que ele resume bem o que nós da AMASCO pensávamos na época:

²⁸ Casa de fazenda construída em meados do ano 1700 que hoje abriga um espaço de cultura e eventos importante na região de São Conrado.

A Associação de Moradores de São Conrado (Amasco) ainda acredita que é possível dar uma chance à paz. E para evitar que a Rocinha se converta – definitivamente – em feudo armado e drogado pela bandidagem, decidiu mostrar ao governo qual é o caminho das pedras para transformar a favela em espaço habitável. Com segurança e conforto. E não necessariamente cercada de muro e armas.

A idéia da associação – que tem o apoio da Ordem dos Advogados do Brasil e do Conselho Regional de Engenharia – é reunir um corpo técnico em torno de projetos que visem a defesa da comunidade e das pessoas que vivem ou circulam na Rocinha diariamente. Entre as propostas que vão ser levadas às autoridades está a abertura de passagens por dentro da favela e a construção de uma estação do metrô nas proximidades.

Estado e Prefeitura não podem deixar de apoiar. Acima de tudo, não podem deixar de acatar o que é sugerido no calor do rescaldo e do medo de que a tragédia se repita. A intervenção urbanística pode apresentar resultados muito mais efetivos do que a simples presença de policiais armados em tempo integral. O câncer do crime organizado só conseguiu espalhar seus tentáculos na Rocinha e em outras favelas do Rio a partir do momento que o governo – Estado e Prefeitura – permitiu que se criasse no local um imenso vazio de ação pública.

O Rio tem solução. A questão da violência pode ser resolvida, desde que se ponha o narcotráfico para fora dos ninhos onde choca a ninhada de crimes que aterrorizam a cidade. A solução definitiva é a remoção das favelas. Como isso demanda tempo, o conjunto de soluções apresentadas pela Amasco pode ser um primeiro teste posteriormente aplicável a outras favelas.²⁹

Dias depois de publicada essa matéria no Jornal do Brasil, realizamos a primeira reunião para discutirmos e propormos saídas para aquela loucura. Foi no dia 05 de maio, às 9 horas da manhã, no Hotel Intercontinental – que desde o início foi um grande parceiro nosso cedendo o espaço para que essas reuniões pudessem ocorrer. Recebemos representantes de praticamente todas as instituições convidadas.

O objetivo daquela reunião, que chamamos de Fórum Técnico de Urbanização da Rocinha, era “dar andamento à elaboração de soluções para a urbanização da comunidade da Rocinha³⁰”. Nessa reunião alguns pressupostos ficaram muito claros e foi o que balizou a escolha de nossas frentes de ação. A gente definiu que o fórum era essencialmente técnico, “não havendo participação governamental nesse momento”³¹. E que teria como pretendia atingir o seguinte resultado:

Elaborar um projeto urbanístico completo com plano de implementação pra a Rocinha que a transforme num bairro com toda a infra-estrutura de serviços

²⁹ Matéria publicada no Jornal do Brasil de 21/04/2004 sob o título Favelas: Vazio do Estado (2).

³⁰ Documento da AMASCO: Ata da reunião realizada em 05 de maio de 2004.

³¹ Documento da AMASCO: Ata da reunião realizada em 05 de maio de 2004.

e centros planejados de comércio contemplando a realocação das famílias em área de risco e o reflorestamento de seu entorno, visando ainda que conduzam à regularização fundiária. O plano deve incluir também soluções viárias que visem aumentar a segurança de pedestres e motoristas, especialmente nas áreas de saída do Túnel Zuzu Angel até o viaduto sobre a Av. Niemeyer, assim como soluções na área de transporte público de massa.³²

Nessa primeira reunião, além de definirmos o que tínhamos como metas a serem atingidas, organizamos o Fórum em áreas de atuação, para que em grupos menores, as distintas ações contempladas na nossa meta pudessem ser pensadas, discutidas, propostas e desenvolvidas. Foram definidos os seguintes grupos: Urbanismo, Transporte e Infra-estrutura; Meio Ambiente; Institucional; e Educação, Saúde, Cultura e Esportes.

O grupo de Urbanismo foi o que deu mais resultados e para falar mais detalhes desse grupo vou chamar de volta quem foi o coordenador dele: o Mauro Guarany.

8.1. Encontros, reencontros e desencontros

O rio deságua no mar /
Já tanta coisa aprendi /
Mas o que é mais meu cantar /
É isso que eu canto aqui.³³

8.1.2. As organizações são feitas de gente

Mauro Guarany retoma a narrativa

Esse mundo é realmente uma coisa de louco. Parece que está tudo ligado por uma rede subliminar. Sabem como são essas coisas? Vou tentar explicar melhor essas minhas divagações.

Para esse Fórum Técnico da Rocinha o Britz convidou oficialmente as instituições. Mas vejam só o que estava por trás. No meu caso, por exemplo. Eu estava lendo o jornal que

³² Documento da AMASCO: Ata da reunião realizada em 05 de maio de 2004.

³³ “Onde eu nasci passa um rio”, Caetano Veloso.

falava sobre as atrocidades que estavam acontecendo na Rocinha e em São Conrado na época daquela Guerra de 2004. Lembro-me até que estavam contando detalhes do assassinato da mineira durante a semana santa lá na Niemeyer. E logo abaixo vejo uma entrevista com o presidente da Associação de Moradores de São Conrado com uma foto dele ao lado. E qual não foi minha surpresa:

_ Olha aí! Meu amigo Britz no jornal. E como presidente da AMASCO!

Na verdade, o Britz fez CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – comigo e eu já o conhecia de outros carnavais. Nesse momento não tive dúvida. Eu já tinha muita vontade de trabalhar praquela região. Mesmo sendo professor na Universidade Santa Úrsula eu já incentivava os alunos a desenvolverem suas pesquisas na Rocinha ou em comunidades com aquelas características. E então pensei que seria uma ótima porta de entrada para desenvolver algum trabalho naquela região em que vivi tanto tempo e da qual guardo boas lembranças. Então, busquei na minha velha agendinha o telefone do Britz e liguei para ele.

_ Meu amigo Britz! Quanto tempo. Aqui quem fala é o Mauro, Mauro Guaranys. Tá lembrado?

_ É claro que sim Mauro! E aí? Como vão as coisas com você? Quanto tempo. A que devo a honra de sua ligação?

_ Pois é Britz. Faz muito tempo mesmo que não nos encontramos. Eu nem sabia que você estava em São Conrado. Muito menos que agora é presidente da associação de moradores.

_ Foi por força das circunstâncias. Eu morava já há um bom tempo em São Conrado e decidi que tinha que trabalhar pra mudar as coisas por aqui. Então entrei na chapa que concorria à diretoria da associação.

_ Fico feliz em saber disso. Ainda mais com os últimos acontecimentos... Eu acabei de ler sua entrevista no jornal e achei muito boa sua iniciativa. E é inclusive por conta dela que estou te ligando.

_ Que bom que gostou. Essa entrevista teve uma excelente repercussão. Até porque é bom ver que alguns jornais não estão divulgando só mortes, mas pelo menos dando a oportunidade de colocarmos uma proposta na mesa. Divulgar também que estamos tentando buscar uma solução.

_ E é exatamente dessa solução que quero participar. Eu sempre tive muito interesse em ajudar nesses assuntos, principalmente com relação à Rocinha. Quero muito participar. Como é que eu faço?

_ É muito bom ouvir isso. E eu já sei como é que você vai fazer. Eu convidei o Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) para participar das reuniões. Você ainda ta vinculado ao IAB, não ta?

_ Mais do que nunca. Inclusive, na semana passada o IAB aqui do Rio pediu que eu fizesse uma palestra inaugurando o IAB de Friburgo. Eu continuo lá dentro. Trabalhando intensamente.

_ Pois então. Você liga pra eles e fala que você quer participar disso como representante do IAB e daí vê no que dá. Isso é bom pra gente também, porque aí fortalece institucionalmente o Fórum ter a presença permanente do IAB. O que acha?

_ Tá fechado. Vou ligar pro presidente do IAB agora e logo, logo te dou ma resposta. Muito obrigada e boa sorte aí nos trabalhos.

_ Obrigada Mauro. Tenho certeza que vamos fazer um ótimo trabalho.

_ Então, até breve.

Agora vejam só. Não é muito interessante tudo isso? De repente estava eu lá, no telefone com o presidente do IAB falando do meu interesse em participar desse trabalho da AMASCO e da Rocinha. E na mesma hora o presidente me disse:

_ Toma que o filho é todo seu. Vou pedir para a secretária mandar um ofício para a AMASCO indicando seu nome como representante do IAB. Será importante estarmos

vinculados a isso. E a partir da hora que começarem as atividades você vai nos dando um retorno do que está acontecendo.

E assim foi. Dessa forma simples e “casual” estava eu vinculado enquanto representante do IAB ao meu amigo Britz, na verdade, ao presidente da AMASCO para ajudar naquela coisa louca que estava a Rocinha com aquela guerra. A mesma Rocinha do meu outro grande amigo Gilberto.

Mas as “coincidências” dessa rede subliminar não acabaram por aí não. Outra instituição que participou ativamente do Fórum foi a ADEMI – Associação de Dirigentes do Mercado Imobiliário –, que é a associação do pessoal de empresa do mercado imobiliário. O representante da ADEMI era o David Cardeman, pessoa que vocês ainda vão escutar bastante o nome ao longo dessa história. Ele e o Britz são amigos a sessenta e tantos anos. Estudaram juntos desde pequeninhos e com isso freqüentavam o mesmo círculo de amizade. Quando o Britz convida a ADEMI ele conta para o Cardeman e reforça a importância da presença de um representante da instituição, no caso, o próprio Cárde-man.

E é interessante, pois como enfatizei logo no começo dessa história e reforço agora, todo esse processo só faz sentido se forem ressaltados os “quens”. Existem mais duas pessoas que fizeram parte do Fórum Técnico da Rocinha, fora as outras que já foram apresentadas anteriormente, que tiveram também papel muito importante. Essas pessoas foram o Maiolino, diretor da AMASCO, e a Raquel Coutinho, que na época era coordenadora do Programa de Arquitetura da PUC-Rio. Eles são peças importantes nesse quebra cabeças pois, na minha opinião, o grupo de Urbanismo só vingou porque as pessoas que representavam as organizações que o compunha estavam em sintonia. Abraçaram a idéia. E para contar o desenrolar desse fórum técnico da Rocinha, e especialmente o trabalho do grupo de Urbanismo eu vou chamar o Maiolino, que é morador de São Conrado e um dos diretores da AMASCO, cuja habilidade empresarial e humana fizeram uma diferença nessa história.

8.1.3. Projeto bem carioca

Pois bem. Sou Francisco Maiolino e na época do Fórum Técnico da Rocinha o Dr. Britz me chamou para coordenar a organização das reuniões e do andamento geral do fórum. Quando me perguntaram como eu resumiria o que foi esse trabalho, a única resposta que me veio à mente foi que esse era um projeto bem carioca. Primeiro porque foi democrático. Na primeira reunião lá no Intercontinental tinham representantes desde instituições de grande poder e influência como a FIRJAN, até representantes de associação de moradores, fossem elas da Barra, Rocinha ou São Conrado. O mais bonito é que realmente todo mundo tinha vez. Nessa primeira reunião foi dado um tempo para que cada representante se apresentasse bem como falasse quais eram suas expectativas de resultado daquele fórum. Ficou metade da manhã desse jeito e tudo era registrado. A gente organizou tudo como se fosse um *workshop* de empresa. Na segunda metade da manhã tentamos chegar num denominador comum de quais seriam as frentes de atuação do fórum que, depois veio a se tornar os grupos temáticos que o Britz explicou para vocês.

Não tinha como sair com muitas resoluções de uma reunião daquele tamanho, mas todos saíram dali pelo menos com a sensação de que tinham dado um primeiro passo rumo a construção de alguma coisa em conjunto. Depois daquele encontro escrevi um email para todos os presentes com a ata da reunião e com a formatação dos grupos e uma sugestão de calendário para dar início aos trabalhos.

De repente, uma nova personagem entra em cena: Raquel Coutinho

_ Desculpe interromper Maiolino, mas tenho que valorizar muito o seu trabalho. Eu mesma quando saí da reunião fiquei um pouco com a sensação de que seria apenas mais

um encontro. Quem iria coordenar aquelas ações? Alguém tinha que pelo menos facilitar o desenvolvimento do trabalho.

Também peço desculpas à vocês leitores por eu ir entrando na história assim sem me apresentar. Meu nome é Raquel Coutinho, sou carioca filha de mãe cearense e pai pernambucano. Fiz arquitetura na década de 60 o que marcou muito a minha forma de ver as coisas e o mundo. Na época do Fórum eu havia pedido licença do Proarc da UFRJ e fui chamada para coordenar o Curso de Arquitetura da PUC-Rio. Com o convite da AMASCO, o pessoal da PUC-Rio perguntou se eu poderia participar do Fórum como representante e eu, como estava envolvida na temática da informalidade, achei uma excelente oportunidade.

_ Não tem problema nenhum você interromper Raquel. Acho até bom, porque assim você pode me ajudar a contar o andamento do fórum. Afinal, você participou ativamente das atividades.

_ Na verdade eu participei do grupo de urbanismo. Os outros não continuaram se reunindo, continuaram Maiolino?

_ O de meio ambiente continuou.

_ Ah, é mesmo. Lembrei agora. Eles chegaram a levar as idéias que surgiram durante as reuniões para que o grupo de urbanismo contemplasse, não foi?

_ Isso mesmo Raquel. Os outros grupos não continuaram se encontrando. Eu acredito que seja até elo fato de no momento estarmos com maior prioridade nessa questão da urbanização. O de meio ambiente, coordenado pela grande Dona Marlene, da AMASCO, chegou numa determinada situação que as idéias que eles estavam pensando só seriam possíveis se trabalhadas de forma integrada com o urbanismo. Foi por isso que eles pararam de se reunir. Mas acho que um dos resultados mais interessantes desse grupo de meio ambiente foi perceber que a Rocinha também tinha preocupação ambiental. Eles também sentiam falta do verde de antigamente, enfrentavam no dia a dia o problema do lixo e da insalubridade devido à construção de casas muito próximas umas das outras. Eles também manifestaram a vontade de mudar isso. E assim ficou

claro para o grupo que as atividades propostas nesse sentido teriam uma grande adesão da Rocinha como um todo.

Mas antes que eu me perca, tinha começado a falar do porque eu achava esse projeto bem carioca e não apresentei o segundo motivo, que está diretamente ligado a você. É que além de ser democrático, o produto do grupo de urbanismo foi em sua grande parte pensado em uma mesa de bar.

_ É verdade. E isso o Mauro também é testemunha disso. Hahaha! Seja no “Paz e Amor” em Ipanema, seja nos bares da Rocinha, o local em que as idéias do “Plano de transformação progressiva do espaço habitado” da Rocinha foi sempre permeado por mesa, comida, bebida e amigos. As vezes éramos só eu, você e o Mauro. As vezes encontrávamos com o Cardeman, algumas outras com o Britz. E muitas vezes com o PC, Aurélio e Ediglé. Foi uma troca constante.

_ Claro que chega uma hora que alguém tem que empurrar o lápis e desenhar, e disso temos que dar todo o mérito ao nosso amigo Mauro Guarany. Na verdade acho que seria injusto não chamar a atenção para o papel do Mauro nessa história toda, pois se minha organização ajudou a guiar as coisas, a experiência e idéias do Mauro deram o tom do negócio. Claro que esse plano foi resultado de muitas conversas, divagações, e acima de tudo idéias de um futuro melhor para a Rocinha, mas que o Mauro foi quem deu o tom desse plano, isso foi.

_ E foi interessante como as coisas foram acontecendo. Inicialmente éramos um grupo muito grande, até difícil de operacionalizar. Depois nos tornamos um grupo de uns oito que estavam realmente envolvidos com a proposta e dispostos a aprender uns com os outros. Porque não adiantava nada eu ser arquiteta se não tivesse as colocações como a “Urbanização de cabeças” do Aurélio ou a noção do Ediglé de qual era o tamanho necessário dos apartamentos do “Espaço Semente” para que a população não ficasse chateada de sair da sua casa nas áreas que demandariam maior intervenção.

_ Por falar em “Espaço Semente”, acho que seria interessante explicar brevemente qual era a idéia que a gente propunha. Devido a constatação da falta crônica de espaço na Rocinha para realização de obras de maior porte se pensou na construção de um espaço

chamado “Espaço Semente”. Esse seria um ambiente de transformação que abrigaria por cerca de dez meses os moradores das áreas com condições precárias de habitação. O diferencial dessa proposta é exatamente a idéia do Aurélio de que as mentes da Rocinha precisavam ser Urbanizadas, que as pessoas precisavam ter contato com outros pensamentos e idéias que as auxiliassem no compartilhamento de um pensamento ecológico e de convivência urbana. O Espaço semente seria composto não só pelas Moradias com Tempo Determinado – MTD, mas também por uma área de trabalho – AT, Horta Orgânica Planejada – HOP, e por um Centro de Convivência, Comunicação e Cultura – C4. Essa área de trabalho poderia conter desde restaurantes até oficinas de serigrafia, pequenas creches ou até mesmo cooperativas para fornecimento de mão-de-obra especializada. A Horta orgânica, por sua vez, estimularia não só a consciência ecológica dos moradores, como também abasteceria as famílias que ali estivessem morando durante os dez meses.

_ E não dá para esquecer do C4, não é Maiolino? Esse fecha com chave de ouro a idéia do Espaço Semente. Todo construído com rampas opcionais de acesso para os moradores das moradias temporárias poderem ir direto para ele, o C4 seria um espaço em que as pessoas conviveriam com a possibilidade de desenvolvimento pessoal, familiar e pessoal. Nele teria biblioteca, teatro, salas de aula, galerias de arte, creche e restaurante. Um espaço incrível!

_ E a cada ciclo de obras, ou seja, a cada espaço reformado fisicamente na Rocinha, retornariam para ele grupos de famílias que também haviam passado por um processo de transformação provocada pelo contato com novas idéias, pensamentos e realidades potencializadas pelo Espaço Semente.

Eu vou ser sincera. Até hoje sou fã desse projeto.



Figura 5: Projeto Espaço Semente - arquivo Mauro Guarany's.

_ Eu também Raquel. E me lembro que depois de um ano de reuniões e discussões chegamos a conclusão que poderíamos apresentar essa proposta para tentar financiamento para seu desenvolvimento.

_ É Maiolino. Cabe lembrar que até esse momento ainda não havíamos contactado o poder público, seja ele federal, estadual ou municipal.

_ Além de todo o grupo trabalhar voluntariamente, as coisas que a gente precisou, como as fotos aéreas da Rocinha, forma todas conseguidas com parcerias conseguidas pela AMASCO.

_ Lembro que no caso das fotos o pessoal da Rocinha avisou pro povo lá dentro que uma empresa que estava com eles iria fazer as fotos com um helicóptero bem baixo na comunidade e que não era para ninguém estranhar aquilo. As fotos inclusive ficaram ótimas!

_ É verdade. Mas chegou o momento em que não dava mais para levar paralelamente. Tínhamos que colocar a boca no trombone e tentar conseguir um financiamento para desenvolvermos aquelas propostas. Apresentamos primeiro no Intercontinental, depois

fomos na FIRJAN, acho que em maio de 2005, e apresentamos para um monte de empresários.

_ Mas o problema não era só o dinheiro!...

_ Isso mesmo Raquel. Todas as ações eram pensadas para intervenção em espaço público, precisava se pensar em saneamento, coleta de lixo, dentre outras atribuições governamentais. E então decidimos marcar uma reunião com o então Secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano, o Luiz Paulo Conde. Foi a partir dessa reunião que a história mudou seu rumo.

9. O MUNDO DO RIO NÃO É O MUNDO DA PONTE³⁴

9.1. O mundo da ponte: o concurso.

A reunião com o Conde foi uma grande decepção, uma ducha de água fria. Ele enfatizou que já tinham feito um fórum na Rocinha, que tinham um plano. Para o Conde o problema era fazer. Fomos embora dessa primeira reunião muito chateados e depois o PC e o Mauro foram a mais uma reunião dessas com o Conde, mas eu não participei. E por conta disso, se a Raquel me permite, vou chamar o PC agora para contar essa parte da história.

_ Claro Maiolino. Com vocês de volta o narrador PC!

Maiolino e Raquel passam o bastão de volta para o PC

_ Pois é gente... Quanta água já passou por baixo dessa ponte, né? Eu tava mesmo na segunda reunião com o Conde. Foi no começo do segundo semestre e levamos o projeto impresso para apresentar. Lembro direitinho dele falando que já tava negociando com o

³⁴ Frase de Guimarães Rosa no conto “Orientação”. In: GUIMARÃES ROSA, J., 1967, **Tutaméia – Terceiras estórias**. Rio de Janeiro, José Olympio.

IAB uma proposta de um concurso de idéias para a urbanização da Rocinha. Tanto é que ele tirou de dentro da gaveta um papel que já tratava desse assunto.

Essa segunda reunião não foi muito diferente. Saímos com uma sensação de trabalho perdido. Mas essa sensação durou pouco, porque reunimos de novo nosso grupo de Urbanismo e decidimos que a gente ia dar um jeito de utilizar essa história a nosso favor. Primeiro a gente pensou que podia entrar com a AMASCO concorrendo no concurso, mas depois o Dr. Britz chamou a atenção que a AMASCO não tinha nem estrutura física, nem técnica e muito menos documentação para assumir uma coisa dessas. Foi quando o Mauro tocou num ponto importante:

_ Temos outro problema também. Se for do jeito que geralmente acontece os concursos de arquitetura, só teremos jurados técnicos e sem conhecimento profundo da realidade da Rocinha. Isso dificulta a análise da melhor idéia, afinal a Rocinha é muito complexa e a pessoa tem que mergulhar naquela realidade para saber avaliar com maior qualidade.
– completou Mauro.

_ E se a gente falar com o IAB para deixar a Raquel ou o Mauro serem os jurados? – perguntou Ediglé.

_ Melhor ainda. – completou Maiolino – Temos que pressionar o IAB para colocar um representante da Rocinha no júri.

_ Ótimo! – todos concordaram prontamente.

_ Mas além disso, como é que a gente faz pra que as idéias que a gente pensou entrem no concurso? – eu perguntei.

_ Temos que marcar uma reunião com o IAB para discutirmos isso. Se não me falhe a memória o Jerônimo Moraes, presidente do IAB, estava naquela apresentação que fizemos na FIRJAN e nos procurou ao final para falar que ele não sabia muito bem o que fazer. Pois ele, na verdade o IAB, estava desenvolvendo um concurso de idéias para o Conde e não imaginava que o Plano em que estávamos envolvidos tinha avançado tanto. – lembrou Raquel.

_ É verdade Raquel. Acho inclusive que podemos marcar uma reunião com o próprio Jerônimo e se possível chamando o Conde. Nessa oportunidade podemos expor o que temos e nossas intenções. – completou Mauro.

_ Vamos tentar! – reforçou Britz.

E foi assim que aconteceu. Marcamos a reunião lá no IAB e lembro que ficamos discutindo por um tempão. Fizemos a maior pressão de que deveria ter pelo menos um representante da Rocinha no júri, deixando claro que o ideal eram ter três, para representar as três associações de moradores do bairro. Mas como era um grupo de jurados muito pequeno e eles já tinham alguns membros definidos, entramos no acordo de ter um representante da Rocinha, que é algo que nunca tinha acontecido. Outra coisa que conseguimos nessa reunião – até por conta da insistência do Maiolino, Raquel e Mauro – foi que o nosso projeto fizesse parte da documentação fornecida a todo mundo que participou do concurso. Além disso, ficou combinado da gente fazer uma apresentação para todos os participantes. Essa apresentação aconteceu mesmo e foi feita em conjunto pelo Aurélio e pelo Maiolino lá no IAB para todos os concorrentes.

Voltando para a Rocinha, lá eles, na verdade as associações, resolveram eleger o Aurélio para fazer parte do júri. Todo mundo achou melhor ele ir porque ele é bem crítico e tinha participado das discussões do fórum técnico sobre a urbanização da Rocinha. E querem saber? Eu acho que a Rocinha foi bem representada, afinal ele tava por dentro das necessidades da comunidade.

E assim que aconteceu. O decreto do concurso saiu no dia 24 de outubro de 2005 e a partir daí já começaram a fazer cartazes e divulgar pro Brasil todo. Quem preparou o concurso foi o IAB por encomenda da SEMADUR e quem ganhasse a princípio seria contratado pelo governo do estado para “elaboração dos projetos arquitetônicos, urbanísticos e complementares”. Isso aí tava escrito na chamada pro concurso pra todo mundo ver e a idéia é que a equipe fizesse a inscrição e pensasse durante um pouco mais de dois meses em idéias para urbanizar a Rocinha. As equipes tinham que entregar as idéias em seis pranchas lacradas e sem nome de quem fez no dia 23 de janeiro de 2006, e os jurados iam avaliar aquelas que tinham mais a ver com a Rocinha e com o

que o concurso pedia. Quem fazia a inscrição ganhava uma lista de coisas que servia pra ajudar nas idéias e dentro desse material tinha tanto o que saiu escrito do fórum do Conde lá na Rocinha como também o que a gente tinha feito junto com a AMASCO.

E foi a partir dessa hora, desse concurso, que surge um novo personagem, que vai mudar não só o rumo dessa história como a de muitas outras.

E com ele não vai ser diferente... Vou chamar esse cara aqui pra se apresentar, falar só algumas coisas da vida dele. O resto eu acho que vocês vão concluindo quando forem lendo daqui pra frente. Porque muito do caminho que essa história vai tomar tem a ver com o jeito desse cara, que juntando com o jeito das pessoas que vocês conheceram até agora, explica muito do “como” esse Plano de urbanização chegou aonde chegou e do jeito que chegou.

Surge um novo narrador: Toledo

_ Poxa vida PC. Desse jeito eu fico até sem graça. Mas sem churumelas o que eu tenho pra falar de importante sobre mim? Bem, acho que uma coisa que eu não posso deixar de falar é do meu pai. Um arquiteto incrível e pessoa fantástica, que junto ao carinho de minha mãe fez que me tornasse o que sou hoje, tanto na vida vivida, quanto na profissional.

Sou carioca nascido na Rua Guaicurus, no Rio Comprido, onde no final tinha a favela Morro do Fogueteiro. Essa casa e o contato direto que tinha com o Morro também balizaram muito a forma como hoje enxergo a vida e, acima de tudo a cidade. Revivendo e revisitando a memória e levando em consideração quais foram os caminhos que fui trilhando, uma coisa eu vejo sempre constante: os encontros com as pessoas. Grande parte da minha trajetória profissional foi não só inspirada pelos encontros com pessoas que admirava, quanto por amigos que fazia em determinado momento e que tempos depois iria me contatar novamente chamando-me para um trabalho diferente. Foi assim, por exemplo, quando trabalhei no CNPI-Cosórcio Nacional de Planejamento Integrado – onde tive a oportunidade de participar do Plano de Desenvolvimento Local Integrado do Município de Petrópolis, do Plano Diretor de Corumbá e de diversos Estudos Preliminares que antecederam outros Planos Locais de

Desenvolvimento. Outro caso que gostaria de citar ainda na linha dos encontros foi quando montei o escritório que até hoje trabalho o M&T – Mayerhofer e Toledo Arquitetura, Planejamento e Consultoria.

Esse foi fruto de um feliz encontro com o Marcos Mayerhofer que primeiro me chamou para ser seu vice-presidente na chapa que disputaria e ganharia as eleições no IAB e que tempos depois viemos a montar um escritório. Infelizmente, por um golpe do destino, só tivemos a oportunidade de trabalharmos juntos por pouco tempo, pois após seis meses do escritório funcionando o Marcos morreu num acidente de carro. E acho que por esses encontros, e de certa forma desencontros, sempre terem sido importantes desde pequeno que acabo privilegiando-os ao longo do tempo.

É muito engraçado ver isso, mas tenho a impressão que muito do que aconteceu na Rocinha, ou seja, do que vou ajudar a contar daqui para frente tem a ver com encontros. O que reforça aquilo que acredito.



Figura 6: Toledo e PC - arquivo M&T.

9.2. O mundo do rio: das pontes surge uma equipe.

9.2.1. Na Ponte Rio-Niterói

As coisas acontecem assim, sem conseguirmos explicar.

Vejam só. David Cardeman – aquele que estudou na mesma escola do Dr. Britz da Associação de Moradores de São Conrado e que fez parte do grupo que deu os primeiros passos rumo a um Plano de Urbanização da Rocinha – e eu estávamos voltando de uma reunião com a prefeitura de São Gonçalo, que estava interessada em fazer uma revisão do Plano Diretor – que nós mesmos tínhamos feito. E foi numa conversa informal, atravessando a Ponte Rio-Niterói, que uma das principais e mais fluídas pontes dessa história se construiu.

Era outubro de 2005, e diálogo foi mais ou menos assim:

_ Você está sabendo desse Concurso Nacional de Idéias que o Conde criou. – indagou Cardeman.

_ Tô sabendo... Apesar das minhas últimas experiências com favela terem me frustrado muito, acho que a Rocinha é um caso de amor mal acabado que eu tenho. Sabe como é?

_ Mais ou menos. Mas porque essa desilusão com o trabalho em favelas? Você já não trabalhou em três Favelas-Bairros, o da Pavão-Pavãozinho, Cantagalo e Vila Mangueira. Não deu uma boa repercussão?

_ Boa repercussão é uma coisa, o custo-benefício é outra. É um desgaste financeiro e psicológico tremendo e a burocracia, a politicagem e a má vontade de muita gente deixam as coisas um pouco mais complicada. Além do mais, essas intervenções são mais pontuais e o que está me atraindo nesse concurso é a possibilidade de se pensar mais globalmente. Entende?

_ Acho que entendo.

_ Mas como te disse meu caso com a Rocinha é diferente. Você não se lembra daquela novela que foi a construção da Vila Olímpica da Rocinha em uma Placa que daria continuidade ao Túnel Zuzu Angel?

_ Não me lembro muito bem. O negócio não deu muito certo?

_ Depende da parte de quem você pergunta. Para mim foi uma grande tristeza, eu havia assumido um compromisso com toda a comunidade. Para construir essa área plana na saída do túnel que abrigaria a Vila Olímpica da Rocinha eu acabei conversando com um monte de gente. Fiz reuniões com vários grupos que mexiam com a área de esporte, cultura e lazer da Rocinha. Você tinha que ver... tava ficando um negócio muito chique! Tinha desde a Escola de surf da Rocinha até grupo de teatro. E o mais legal seria a possibilidade de se criar uma “franja” de interação entre Rocinha e São Conrado, em que os moradores pudessem construir outro tipo de relação, ampliar a superfície de contato.

_ Ah! To lembrado de você comentar algo parecido. Mas porque que não deu certo mesmo?

_ Nem me lembre uma coisa dessas. Foi uma experiência que me deixou até de cama. Mas depois me cobra de te contar essa história, porque como daqui a pouco estamos chegando ao Rio, queria fechar uma coisa com você. O que você acha de participar do concurso junto comigo? Participar da equipe, hein?

_ Pode contar comigo! Mas com o combinado de você me contar mais detalhes sobre essa experiência. Acho que vai ser legal, afinal funcionamos bem em equipe.

_ Concordo plenamente e já que é para participarmos, quero ir com tudo... entrar para ganhar. Tem que ser a melhor equipe. Tem que ter gente boa nas áreas específicas de um Plano de Urbanização. Mas acho que podíamos tentar buscar pessoas que já tivessem algum contato com a Rocinha. Não é fácil. Mas acho que isso é um grande diferencial.

_ Pois é... e você não sabe por que eu comecei esse assunto do concurso com você? Faço parte de um grupo que se reúne desde que aconteceu aquela tragédia da guerra de 2004 na Rocinha. Está lembrado?

_ Claro que sim.

_ Então! Esse grupo é formado por gente da Rocinha, do IAB, da PUC, enfim, tá bem misto, mas com muita sinergia. E quem tá coordenando os trabalhos lá é o arquiteto Mauro Guarany, você o conhece?

_ Já ouvi falar, mas não o conheço.

_ Acho que seria ótimo você conversar com ele. Tenho certeza que ele vai te dar informações incríveis e quem sabe não tenha interesse em compor a equipe?

_ Que ótima notícia David! Pode deixar que ligo para o Mauro hoje mesmo.

_ Então ligo antes para ele contando sobre a nossa conversa e mais tarde você já pode ligar que ele saberá do que se trata. Tudo bem?

_ Negócio fechado David!

9.2.2. Mesa, comida e amigos: espaços de transformação

O retorno do narrador Mauro Guarany

Agora tenho condições de retomar o que eu, Mauro Guarany, estava tão apreensivo para falar naquele bar. Vocês se lembram? Aquele bar para o qual estava indo antes de começar a contar toda essa história. Eu, PC e Ediglé éramos amigos, irmãos... prontos

para dar mais um passo nesse caminho novo ainda a ser desvendado. Estou nesse bar da Rocinha, nesse bairro ou cidade, como queira o leitor.

_ Meus parceiros. Como nossa principal discussão nos últimos tempos é como faríamos para entrar nesse concurso – já que concordamos que não vamos desistir no meio do caminho – trago para vocês um convite e tanto! – já cheguei anunciando enquanto bebíamos uma cerveja gelada e esperávamos o prato farto de bife com batata frita do “Garota da Via Ápia”.

_ Ué Mauro. O que você está tramando? Já tentamos com a AMASCO, mas eu tava lá e ouvi da boca do Dr. Britz que a associação não tinha estrutura jurídica e física para entrar num concurso dessas proporções. – disse Ediglé.

_ É... tenho que concordar com o Ediglé. O máximo que a gente conseguiu até agora foi que o Conde colocasse o que a gente produziu dentro do Fórum Técnico como material de apoio do concurso. Mas fora isso, foi só tiro n’água. – reforçou PC.

_ Pois é. Ontem falei com o David Cardeman. Lembram dele?

_ Claro. O da Ademi que tava no Fórum lá da AMASCO.

_ Esse mesmo. Ele me ligou dizendo que um arquiteto amigo ia participar do concurso e que tinha o chamado para participar da equipe.

_ Ham?!

_ Calma gente... Na verdade eu também conheço esse arquiteto. O nome dele é Toledo. Eu nunca trabalhei diretamente com ele, mas já trombei em alguns eventos no IAB e sei que ele andou metido nuns projetos do Favela-Bairro e numas coisas até aqui na Rocinha mesmo.

Pois então. Nessa conversa, o David contou do Fórum e do que produzimos por aqui.

_ Que bacana. Continua... – completou PC fazendo um sinal afirmativo com a cabeça.

_ Ah? Começaram a se interessar, hein? Hahaha. Tô brincando... só para aumentar a ansiedade. – brinquei, depois que vi a cara de curiosos dos dois. – Bem, e daí que o Toledo ficou muito interessado e me ligou logo depois que o David desligou o telefone comigo. O David havia dado meu telefone para o Toledo e disse que eu fui o coordenador do grupo e tal.

_ E como foi essa conversa? – agora interrompe Ediglé curioso.

_ Eu falei como é que foi o processo e que tinham dois caras que eu achava que ele devia conhecer, no caso vocês dois. Na verdade eu nem contemplei o Aurélio porque ele ta aí nos casos de participar do júri, não é?

_ Isso mesmo Mauro. Mas e aí? O que ele achou de falar com a gente? – perguntou PC.

_ Aí é que vocês entram de cabeça nessa história!

_ Nós? – indagaram PC e Ediglé num tom de coro, como se estivessem começando a enxergar uma luz bem lá no fim do túnel.

_ Ele falou que tava entrando no concurso para ganhar. E para isso precisávamos ter um olhar o mais aprofundado possível sobre a realidade, sobre os problemas e as potencialidades da Rocinha. E no final dessa introdução ele falou pra mim:

“Mauro! Já que esses dois caras tão desde o começo e conhecem o negócio desse jeito, o que você acha de já chamarmos eles para batermos um papo mas já pra entrar na equipe do concurso. Acho que eles vão agregar muito nesse espaço curto de tempo que temos para formular idéias pra um lugar tão complexo quanto a Rocinha.”

E antes que o PC e Ediglé pronunciassem o “e aí?” que estava estampado na cara deles, já emendei:

_ E aqui estou eu parceiros! Reproduzindo essa conversa para vocês com uma grande alegria em fazer o convite para irmos jantar com o Toledo ainda essa semana. O que acham?

Foi muito bom ver a cara daqueles dois. É como se eles realmente tivessem visto uma luz no fim do túnel. E assim seguimos. Marcamos o jantar com o Toledo para dois dali dois dias, num restaurante em São Conrado, ali pertinho da Rocinha. Achei que foi muito boa a conversa, o Toledo saiu animadíssimo após ouvir vários detalhes não só do que havíamos feito no Fórum da Amasco, mas também sobre um pouquinho da história de vida de cada um ali. Posso falar o mesmo pelo PC e Ediglé, que estavam radiantes com a hipótese de chegarem mais perto de ver aquelas idéias se transformarem em realidade.

Aquela noite marcou o começo de muita coisa... Ainda me lembro do diálogo que tive com o Toledo quando voltávamos para a casa:

_ Gozado Mauro... Olha como é que as coisas acontecem. Acho que bar, restaurante, biosca ou o que seja que tenha mesa, comida e gente em volta acaba sempre em samba. Eu to muito animado com esse papo que acabamos de ter com o PC e o Ediglé. Acho que vamos fazer um trabalho e tanto.

E sabe que hoje cedo eu tive também comendo com mais um membro da equipe... de novo meio que por acaso. Você conhece o Hilton Berredo?

_ Pois é. Eu estava no Parque Lage com a minha mulher assistindo a uma apresentação de dança. Você conhece a Luciana, minha mulher?

_ Ainda não.

_ Ela é bailarina. E não sei se você sabe a esposa do Berredo também é. Então a gente vira e mexe acaba se esbarrando nessas apresentações de dança pelo Rio. E hoje de manhã isso aconteceu de novo. Estava sentado em uma mesa assistindo a apresentação e comendo aquele café da manhã delicioso do Parque Lage quando o Berredo vem até minha mesa me cumprimentar e perguntar se eu ia entrar no concurso da Rocinha. E sabendo da experiência daquele arquiteto super artista-plástico, não pensei duas vezes e perguntei o porquê do interesse. E mais. Acrescentei um “você não ta querendo participar também?”. E como nada é por acaso nesse mundo, eu ali, sentado naquela mesa, com amigos e uma comida deliciosa vi a equipe sendo reforçada pela presença do Berredo.

Você sabe que ele trabalhou desde o corredor cultural de Santa Tereza, até com artes plásticas belíssimas com alto valor em várias partes do mundo, não sabe?

_ Sei sim Toledo. E sabe que tenho que concordar com você mesmo. Afinal, todo o plano que fizemos durante o Fórum da Amasco foi pensado e discutido ou na mesa do bar Paz e Amor de Ipanema, ou em mesas dos vários bares da Rocinha. E pelo visto, acho que isso não vai mudar, não é?

9.3. O mundo do rio: “a rocinha sabe o que quer ; a rocinha sabe o que não quer”.

Toledo segue contando a história

Após o jantar com o Mauro, PC e Ediglé, e depois de todos os contatos que fiz desde a conversa com o David, finalmente a equipe estava formada. Convoquei uma primeira reunião no meu escritório mesmo, na Rua da Glória. Todos se sentaram à mesa. Os 32 participantes tinham a mesma importância e era fundamental que isso ficasse claro. Abri a reunião pedindo que cada um se apresentasse e coloquei em linhas gerais o objetivo do concurso e o porquê eu estava reunindo especificamente aquele grupo: eu só vou entrar se todos acreditarem, junto comigo, que vamos ganhar.

Dito isso, e tendo a aprovação de todos, começamos a verificar os pormenores. Falei que o concurso previa seis pranchas e que eu havia convidado o Berredo para já conceber, desde o início, todo o material como uma obra de arte, que deveria agradar as mentes, olhos e corações. E daí surgiu coisas incríveis... Recordo-me do encontro seguinte, quando Berredo chegou eufórico me envolvendo com suas idéias:

_ Quando penso na Rocinha me vem à mente gente. Temos que privilegiar as pessoas não só durante todo o processo como você enfatizou Toledo, mas temos que registrar isso nas pranchas.

_ Ótima idéia Berredo. Vamos conversar com o pessoal e, após a visita oficial à Rocinha, tentaremos imaginar uma forma de isso ocorrer. Acredito que o PC e o Ediglé possam dar uma boa contribuição.

Pois é. E foi nesse clima, tentando abrir ao máximo para as contribuições mais diversas que seguimos o trabalho. O terceiro encontro seria na Rocinha mesmo. Previsto dentro das regras do Concurso, todos os escritórios inscritos iriam fazer uma visita técnica pela Rocinha, marcada para o dia 28 de novembro de 2005. Antes dessa visita, nos reunimos ainda mais uma vez para identificarmos o que era essencial de se observar e levar. Mas, acima de tudo, reforçamos que todos deveriam ir com os sentidos abertos para captar e se envolver com essa atmosfera, que caso já não seja nova, que seja redescoberta, e sendo uma experiência nova, que estejam abertos à transformação.

Pois bem, e assim fomos... Confesso que foi muito bom voltar a Rocinha, reencontrar algumas pessoas e, acima de tudo, auxiliar na construção de algo mais global, que transformasse de verdade aquilo tudo. E foi envolvido nessa sensação que propus na reunião que se seguiu à visita que nosso escritório durante o concurso fosse organizado dentro da Rocinha. Nesse espaço conseguiríamos dar continuidade a todas as sensações e idéias que surgiram a partir de uma breve visita oficial a Rocinha. Pois foi isso que aconteceu: todos estavam cheios de idéias, curiosidades e, acima de tudo, vontade de pensar algo que conseguisse abarcar o máximo de dimensões possíveis daquele todo complexo que era a Rocinha.



Figura 7: fotografias realizadas durante a visita - arquivo M&T.

Dessa forma, contei alguns detalhes da experiência que eu havia tido na produção dos Planos Diretores da região serrana do Espírito Santo, dizendo que seria muito

importante que pensássemos nesse escritório lá dentro da Rocinha, mas não só isso. Nessa reunião tivemos sugestões incríveis:

_ Pessoal, não adianta só as nossas idéias, temos que saber o que a Rocinha quer e o que ela não quer. – eu reforcei quando de repente fui interrompido pelo Mauro Guarany.

_ O melhor seria tentarmos marcar uma reunião com algumas pessoas da Rocinha para ouvirmos o que elas acham.

_ Eu falei inclusive com o Toledo que seria legal representarmos essas pessoas nas pranchas. – disse Berredo.

_ Olha só. Temos que ir com calma com relação a uma coisa: o sigilo e discrição. Não podemos nos esquecer que estamos nos preparando para um concurso e que se qualquer idéia vazar, podemos perder toda o diferencial de nossas propostas. Temos que pensar numa forma discreta de levantar o que é importante ou não de ser transformado, mantido ou fortalecido e claro, sempre buscando uma perspectiva de longo prazo, afinal, um Plano de Urbanização surte efeito principalmente depois de um tempo de aplicação. – eu enfatizei

_ Então, se essas idéias saírem do papel, quem vai sentir a diferença de verdade vai ser meus netos quando tiverem mais crescidinhos? É isso, não é? – disse Edigle, sem se dar conta da descoberta incrível que ele nos levou a fazer.

_ Isso mesmo Ediglê. E você acaba de trazer uma idéia ótima. Não há nada melhor do que perguntarmos as crianças de hoje o que elas querem e o que elas não querem na Rocinha de amanhã. O que acham?

_ Eu achei muito boa essa idéia. E quer saber mais uma coisa. Eu já sei até que crianças a gente pode entrevistar. Tem o Mestre Manoel da capoeira que tem uma roda de capoeira só de crianças. Ele se reúne no Largo do Pastor Almir toda semana. Posso tentar negociar com ele um dia para a gente fazer uma entrevista com as crianças. – falou PC, excitado com a idéia.

_ Mas como vamos fazer uma entrevista com essas crianças? – perguntou curioso David Cardeman.

_ Simples. – respondeu Daniela, arquiteta da Arquitraço (um escritório parceiro nosso), que deu boas idéias na concepção do processo participativo. Vamos usar uma linguagem acessível, mas acima de tudo instrumentos que elas já estão familiarizadas, como o desenho, para que elas manifestem o que elas realmente acham e querem.

_ Então esse ponto nós já resolvemos. PC, você pode organizar tudo com o Mestre Manoel da capoeira? Outra coisa. Com essas informações em mãos, mais as observações do PC e Ediglé, podemos montar uma proposta e deixar em aberto para ser apresentada em um pequeno fórum de moradores. Com isso podemos ver se eles concordam e o que eles acham que pode mudar, completar ou ampliar. O que acham? – perguntei para o grupo.

_ Mas e o sigilo. Mesmo que a gente avise pro pessoal que não pode falar nada para ninguém, é muito difícil garantir que as informações não vão vaziar. – ressaltou Ediglé resabiado.

_ Isso não é problema. Vamos fazer essa apresentação faltando 15 dias para o concurso. – respondi.

_ Mas é impossível Toledo. Como vamos fechar todas as pranchas em 15 dias. Esse prazo pode realmente evitar que os concorrentes usem as nossas idéias, mas pode prejudicar a qualidade do nosso trabalho, pois teremos só quinze dias para entregar tudo. – disse Daniela, sempre muito disciplinada com os prazos e organização.

_ Aí só depende de nós. E sei que a gente consegue. – respondi com uma risada convidando a todos para o desafio.

O que pude sentir é que todos me responderam com o rosto sorrindo e afirmando que topavam aquela loucura. Isso é sensacional. Não era só eu o louco, tínhamos ali uma equipe disposta a subverter as regras. Seja na proposta ousada de participar de um

concurso com prancha construídas de forma participativo-sigilosa, seja na corrida contra o tempo para garantir que essa nova forma se efetivasse.

E assim fomos. No dia seguinte PC encontrou uma birosca que funcionava como depósito de um bar. Empurramos as caixas de cerveja, juntamos algumas mesas do bar e estava pronto nosso escritório que ainda tinha um grande ponto positivo: era só esticar o braço e pegávamos uma cerveja!



Figura 8: Escritório improvisado durante o concurso - arquivo David Cardeman.

Foi nesse escritório que levei para o PC a lista com as características que havíamos identificado, a partir das determinações do concurso, que deveriam constar dentro da área exemplar. Em minha opinião, a escolha dessa área era muito importante, pois dentro do Termo de referência do concurso dizia que uma das etapas da produção do Plano de Urbanização da Rocinha seria a definição do Projeto básico. Ou seja, “após criteriosa análise do material apresentado e discussão com a projetista, com os representantes da comunidade e demais participantes do Fórum, será definido o setor do qual serão executados os projetos básicos, contendo os componentes apresentados no Plano Geral”³⁵. E nas discussões com a equipe surgiu a idéia: já que vamos pensar desde o início todo o processo de uma forma participativa, porque não já identificarmos, a partir do que levantarmos de idéia, uma área exemplar em que possamos encontrar numa esfera menor a grande maioria das características da Rocinha como um todo. Ou

³⁵ **Edital Concurso Público Nacional de Idéias para Urbanização do Complexo da Rocinha.** Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2005.

seja, tínhamos que encontrar uma área em que nossas propostas para a Rocinha como um todo pudessem ter um ponto de partida. E não é que existia esse espaço? E foi aí que o PC revelou sua excelente visão espacial.

Mostrei a lista das características identificadas e de repente o PC indica:

_ Olha só. Se for pensar em área plana aqui na Rocinha, a gente tem que ir para as garagens de ônibus. E se a gente usar a Rua 4 e o Caminho dos Boiadeiros como limite, a gente consegue cercar essas áreas planas, pegamos a Creche, vamos margeando a Estrada da Gávea, com a curva do “S” e tudo. Além disso, a gente não pega as partes que já foram as mais atendidas pelo governo nos últimos tempos e podemos dar a chance do pessoal do final da Rua 4 – lembra aquela que acaba num túnel – de ter como circular, e tal. Outra coisa que você falou que era importante era todo mundo poder chegar nas coisas que forem criadas nesse lugar. Então, fica no meio da Rocinha. E aí Toledo, o que é que você acha?

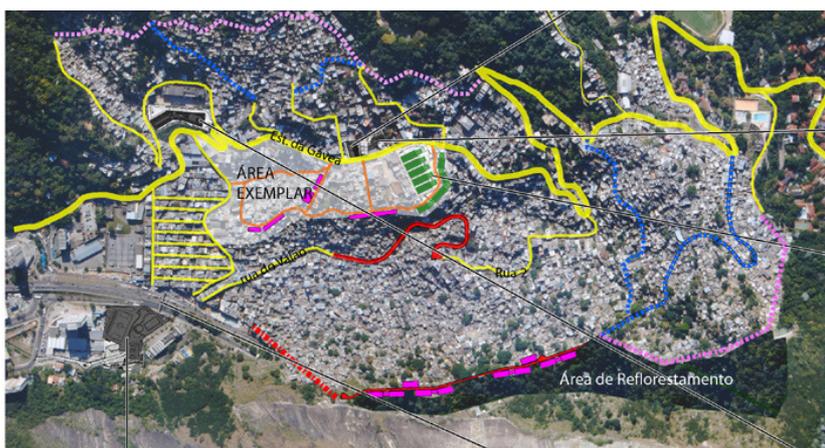


Figura 9: Demarcação da Área Exemplar na Rocinha - arquivo M&T.

Confesso que me emocionei. Para ele era claro algo que seria impossível detectarmos de forma tão simples. Ali eu tive certeza: eu estava vivendo uma experiência única na minha vida... e aquela experiência me revelava coisas que ao longo de tantos anos de projeto urbanístico eu jamais havia vivenciado de uma forma tão bonita: os saberes distintos que, juntos, fazem um novo todo.

9.3.1. “Brincando a Sério”

Essa experiência merece ser contada com riqueza de detalhes. Não é a toa que depois que essa atividade que realizamos tornou-se pública, diversos jornais nos procuraram, saiu uma reportagem sobre isso no O Globo e um programa na BBC de Londres. Foi muito interessante, e ao mesmo tempo revelador, para não dizer chocante, ver aquelas crianças da Rocinha falando e desenhando de forma crítica o olhar delas sobre a comunidade em que viviam.

Foi no dia 17 de dezembro de 2005 que nos encontramos com 40 crianças no Largo do Pastor Almir. O PC já tinha organizado tudo. As crianças se encontravam toda semana ali naquele mesmo lugar para jogarem capoeira com o Mestre Manoel da capoeira. Quando chegamos todos já estavam aguardando nossa chegada. O negócio aconteceu mais ou menos assim:

_ Bom dia garotada! – iniciou PC num tom de animador de auditório.

_ Bom dia! – respondeu a meninada em coro.

_ Esse aqui é o Tio Toledo e ele veio conversar umas coisas com a gente. – explicou PC quando foi interrompido pelo mestre que já tratou de fazer um adendo.

_ Vamos conversar, vamos desenhar, tenho certeza que vocês vão gostar de participar disso que o Toledo trouxe pra gente. – arrematou o mestre.

_ Pois bem pessoal. Então o mestre Manoel da Capoeira e o PC já falaram que eu sou o Toledo. Queria saber, Queria saber, antes de qualquer coisa, quem são vocês. Tem como a gente sentar numa rodinha aqui no chão e cada um falar seu nome. Assim a gente aproveita para vocês conhecerem também o resto da equipe. – comecei falando e apontando para o pessoal da equipe se sentar junto à roda.

Ali já começou a descontração. Criança já é elétrica, em se tratando de um espaço aberto e no espaço da capoeira... Tivemos que ir mudando as atividades rapidamente.

Terminada as brevíssimas apresentações chamei a turma para perto de uma parede em que a gente havia colado um cartaz do concurso e uma folha de *craft*. Nesse momento

expliquei o que era o concurso e porque estávamos ali conversando com eles. Tenho que confessar que nunca havia tido a oportunidade de explicar o que era um plano de urbanização para um público infantil, mas já adianta que foi ótimo! E assim fomos.



Figura 10: Reunião com crianças da Rocinha - arquivo M&T.

_ Pessoal! Então agora todo mundo vai sentar em volta dessas mesinhas e desenhar o caminho que faz da sua casa até a escola. É para fazer bem bonito, hein! – expliquei curiosíssimo para ver no que ia dar.

_ Aqui tem lápis de cor, papel e giz de cera. – acrescentou Berredo, encantado com o que estava vendo.

Enquanto a garotada desenhava, Cardeman fotografava cada detalhe e o resto da equipe ficava de prontidão para qualquer dúvida ou bate papo que surgisse das crianças. Tudo que surgisse dali era muito válido.

Um tempo depois a criançada fez várias poses para tirar foto com seu “mapa da Rocinha”. Saíram coisas incríveis dali, como por exemplo uma das meninas que desenhou seu trajeto com uma riqueza de detalhes que vale a pena mostrar:



Figura 11: Criança expondo seu mapa da Rocinha - arquivo M&T.

E antes que dispersassem, já anunciamos qual seria a próxima atividade:

_ Nossa gente, vocês estão de parabéns. Tão colocando muita gente grande no chinelo com esses desenhos. É incrível a noção de espaço que vocês têm. Podem ter certeza que isso vai ajudar muito no Plano da Rocinha! E agora, queria pedir a vocês que fizessem mais uma coisa. – anunciei, após pedir uma salva de palmas para eles. – Como eu falei para vocês, esse Plano de Urbanização é um trabalho que demora para ter resultado. Você mexe numa coisa aqui, em outra ali, e depois de conseguir e mexendo em várias coisas é que devagar se vai notando a diferença. Por isso que eu queria que vocês falassem pra gente aquilo que vocês mais gostam e aquilo que vocês menos gostam aqui na Rocinha. A partir do que vocês falarem, a gente vai tentar fazer um trabalho que fortaleça aquilo que vocês gostam e ajude a diminuir aquilo que vocês não gostam. Pois se esse trabalho é implantado, quem vai pegar os resultados dele serão vocês mesmos, quando tiverem na idade que seus pais estão. Entenderam?

_ Sim!!!! – responderam novamente em coro e já partiram para os papéis e lápis.

Dessa vez, eles podiam escrever e desenhar. E vocês não imaginam a sinceridade dessas crianças, e como a violência e o tráfico estão presentes no seu dia a dia. Em quase todos os desenhos e listas do que não gostavam na Rocinha aparecia o tráfico e a violência.

Em contrapartida, a escola e os esportes como a capoeira, o futebol, entre outros, apareciam como os preferidos da garotada.

A partir do que vimos e registramos naquele dia direcionamos algumas ações do Plano e colocamos alguns desenhos que representavam a vontade e a percepção da maioria daquelas crianças na prancha que chamamos de “A Rocinha sabe o que quer; a Rocinha sabe o que não quer”. Abaixo, ofereço para vocês uma provinha daquilo que vivenciamos. Valeu à pena!

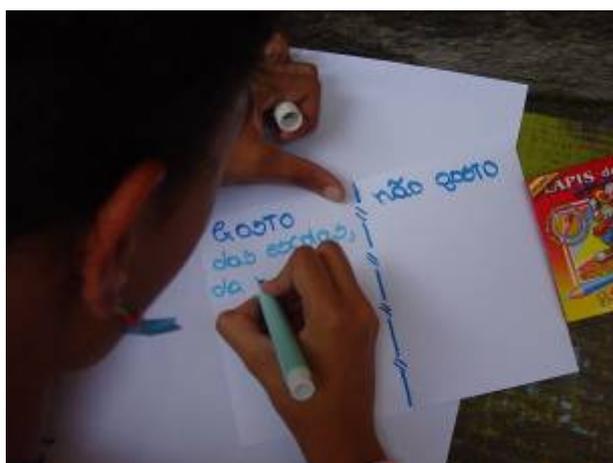


Figura 12: Atividade com as crianças da Rocinha – arquivo M&T.



9.3.2. Seminário AMABB –

Faltando uns quinze dias para o concurso, pra ser mais preciso, no dia 21 de fevereiro de 2006 reunimos moradores da Cidade Nova e Rua 4, que seriam os mais envolvidos nas propostas da área exemplar, para apresentarmos as idéias que gostaríamos de apresentar no concurso. Esse seminário aconteceu lá na AMAB – Associação de Moradores e Amigos do Bairro Barcelos, onde o Ediglé sempre foi atuante. Logo no começo deixamos claro que contávamos com a participação ativa do PC e do Ediglé no desenvolvimento das propostas, para que elas não fossem pensadas de forma desconectada com o que os moradores da Rocinha realmente demandavam. Mas ressaltamos também que aquele momento era fundamental para a finalização da proposta, que ainda não estava em sua última versão.

Após uma breve apresentação de cada um dos presentes, a partir de técnicas que eu inclusive já havia utilizado durante o desenvolvimento daqueles onze Planos diretores participativos lá do Espírito Santo, iniciamos a exposição do que havíamos pensado. Utilizamos o apoio de maquetes que reproduziam as curvas de nível da Rocinha e perguntamos a eles qual era o trajeto que faziam da casa até o trabalho e até os locais principais que ia dentro da Rocinha. Isso foi um sucesso. Porque utilizamos uma técnica para isso que o pessoal sempre adora! Projetamos o mapa da Rocinha na parede e pedimos que o morador fosse passando o dedo lentamente sobre os trajetos que faz regularmente. Enquanto isso, no computador, uma pessoa vai desenhando em vermelho abaixo do dedo da pessoa e demarcando, em tempo real, o trajeto indicado.



Figura 13: Seminário AMABB - arquivo M&T.

Após muita conversa aconteceu uma das principais descobertas que fizemos nesse seminário, e que inclusive contemplamos na proposta do concurso: a questão do

estacionamento. Depois de apresentarmos e discutirmos bastante coisa, uma das moradoras levanta a mão e pergunta:

_ Onde vamos estacionar os carros dentro desse projeto aí?

Confesso que na hora me recolhi a minha insignificância e não acreditei no meu olhar de certa forma pré-conceituoso, afinal, querendo ou não, o nosso pensamento imediato é “pobre não tem carro”. A primeira vista a gente vê aquele tanto de coisa a ser melhorada na Rocinha e não enxerga o que está à frente dos nossos olhos. A Estrada da Gávea muitas vezes fica intransitável por conta dos carros estacionados de tudo quanto é maneira nas suas margens. Sem contar nas ruelas que quase não entram carro. Realmente não tínhamos pensado numa solução para esse problema que gritava aos nossos olhos mas que não queríamos enxergar!

Para nós, e daí já falo em nome do grupo porque depois todos nós comentamos da importância dessa informação trazida pela moradora, esse seminário foi impagável. Foram muitos outros detalhes que burilamos após essa discussão com os moradores e apesar da correria que tivemos devido aos pouco menos de quinze dias para finalizar as pranchas para o concurso, sentimos que valeu a pena. Afinal, o que ficou mais uma vez explícito é que a “Rocinha sabe o que quer, e a Rocinha sabe o que não quer”.

9.3.3. Nos bastidores do concurso

Uma pausa para saber dos bastidores por Mauro Guarany

Quem vos fala agora sou eu, Mauro Guarany. Essa parte eu faço questão de contar, até porque eu sempre fiquei com esse concurso entalado na garganta, pois tinha a expectativa de que nossa proposta do Fórum Técnico fosse aproveitada. Ou seja, que não precisasse ser feito um concurso de idéias, mas sim de desenvolvimento do Plano de Urbanização, pois algumas boas idéias a gente já tinha apresentado. Mas depois da composição do júri para esse concurso e das negociações com o IAB que nos permitiu apresentar para todos os concorrentes o que havíamos desenvolvido dentro do Fórum

Técnico, as coisas se amenizaram para mim. E tem um episódio nessa história toda que me deixou ainda mais contente, provando que uma configuração justa e coerente do júri faz toda a diferença.

O Aurélio conta que desde o dia em que ficou confirmado que seria um dos membros do júri, ele, que sempre foi muito radical em suas posições, mantinha distância das discussões das diversas equipes que volta e meia entravam na Rocinha para colher informações úteis para as propostas do concurso. Pois bem, chegado o dia do júri se reunir, ele foi se encontrar no IAB com os outros jurados. Se não me engano eram 5 jurados, sendo 4 arquitetos e 1 representante da Rocinha, no caso, o Aurélio. Assim como todo concurso, os envelopes foram entregues ao júri sem nenhuma identificação da equipe responsável pelo desenvolvimento da proposta, o que a princípio auxilia na imparcialidade da escolha.

Durante a análise dos trabalhos, Aurélio perguntou aos jurados se eles conheciam a Rocinha para avaliar com mais clareza qual seria a melhor proposta. Após constatar que os jurados não conheciam a Rocinha, solicitou à secretaria do IAB uma Van para levá-los até lá, e foi prontamente atendido.

Após passarem um tempo na Rocinha sendo guiados pelo Aurélio que relatava um pouco do dia a dia daquela comunidade tão famosa, eles retornaram, no dia seguinte, à sala do IAB pra continuarem as análises. O que o Aurélio ressalta é que logo no caminho de volta da van ele já sentiu que um dos jurados já havia mudado de opinião sobre a proposta que ele julgava mais interessante para a Rocinha. E no dia seguinte, a discussão já estava muito mais leve e aberta, inclusive ouvindo mais os posicionamentos do Aurélio. Após longas discussões e avaliações os jurados chegaram a três propostas vencedoras sem ter idéia de quem eram os donos das mesmas.

Chegado o dia do evento para a premiação dos vencedores, que foi no dia 30 de janeiro de 2006, lá no auditório do IAB, os três primeiros colocados foram revelados. Qual não é a nossa surpresa quando vimos nossa proposta como vencedora. Foi incrível, e de certa forma, muito suado e merecido. E uma coisa engraçada é que, segundo o Aurélio a proposta que ele mais gostou, que tinha toda uma prancha destinada a idéia de participação da comunidade e idéias realmente factíveis – no caso a nossa –, ele achava

que fosse do Manuel Ribeiro. Que era responsável por uma das equipes concorrentes e cujo trabalho o Aurélio conhecia e respeitava muito.

No final das contas o que eu sei é que ficamos todos muito felizes com a vitória de nossa proposta e sabíamos que tínhamos vencido a primeira batalha, mas que agora que o bicho ia pegar, que íamos colocar a mão na massa. Ainda bem!

E é com muito orgulho que deixo aqui para vocês a declaração do júri do concurso sobre a proposta vencedora, no caso, a nossa. Uma versão resumida dessa declaração consta nos certificados que todos nós da equipe recebemos, e que o PC vira e mexe mostra com o maior orgulho. Tenho que concordar que foi mesmo muito gratificante participar desse momento.

Declaração do júri do concurso sobre a proposta vencedora:

Aborda todas as temáticas, propostas pelo edital, oferecendo fácil leitura dos aspectos relevantes da problemática local. Trabalhou claramente com a abordagem proposta pelo Termo de Referência ao incluir explicitamente uma Área Exemplar. Destaca-se que no Plano Habitacional relacionou propostas que ultrapassam a produção de novas unidades, incluindo a construção da fábrica de peças pré-moldadas, possibilitando a utilização da mão de obra local e a agilização na construção de novas moradias, além de facilitar o seu transporte e montagem. Entende-se, entretanto, que a opção pela tecnologia a ser adotada, para a confecção das citadas peças poderá a vir a ser mais bem avaliada na oportunidade. A metodologia proposta destaca a participação comunitária, denotando que na elaboração da proposta apresentada, já tenha se ensaiado esta aplicação. Apesar das boas soluções consideradas, o júri ressalva, sem que isto comprometa o resultado do trabalho como um todo, a preocupação em se encontrar alternativas à adoção de habitações provisórias, entendidas como problemáticas, nas experiências conhecidas. Da mesma forma, ressalva a utilização da subestação de energia elétrica, sem que se tenha informação sobre o seu redimensionamento³⁶.

10. E AGORA JOSÉ?

Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou;
quer ir para Minas,
Minas não há mais.
José, e agora?”(Carlos Drummond de Andrade)

³⁶ IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil/ Departamento do Rio de Janeiro, 2006, **Ata dos trabalhos do júri do Concurso Nacional de Idéias para Urbanização do Complexo da Rocinha**. Rio de Janeiro, jan.

10.1. José, e agora?

Toledo narrando emoções

Quem retoma a fala agora sou eu: Toledo. Retomo para relatar os desafios e alegrias que passamos a enfrentar após ganharmos o concurso. Não só a equipe estava eufórica e com todo o gás para dar os próximos passos, como a comunidade que já tinha se envolvido no processo e também já cobrava.

Assim, demos início a uma série de reuniões entre o meu escritório e a SEMADUR – Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano. Foram muitos encontros seja diretamente com o Conde, o então Secretário, seja com seus assessores e equipe técnica. Durante os meses de fevereiro a julho de 2006 participamos de infindáveis reuniões e negociações que tiveram de ser interrompidas devido ao período eleitoral. Ou seja, se fosse sair algum coelho desse mato, teríamos que esperar a posse do novo governador, que só aconteceria dali 6 meses, em janeiro de 2007.

Agora vocês imaginam com que cara eu fiquei junto à comunidade? Bateu lá no fundo um sentimento de “de novo não!”. E foi numa dessas idas e vindas de reunião na SEMADUR que eu, como sempre no carro, continuei a conversa que havia interrompido com David Cardeman lá no começo do concurso... quando atravessávamos a Ponte Rio-Niterói.

_ Caramba Toledo. A sensação que eu tenho é que o negócio não vai pra frente. Tivemos tanto trabalho e envolvemos tanta gente durante o concurso. Será que essa contratação não sai? – perguntou David Cardeman, mais num desabafo do que esperando alguma resposta.

_ Pois é David. Isso me dá um nó na garganta... praticamente um “déjà vu”. Eu te contei da história da Placa que eu ia fazer junto com a Rocinha e que acabou em pizza também né?

_ Não. Na verdade você chegou a adiantar o assunto numa dessas idas e vindas de carro. Se não me engano foi quando a gente atravessava a ponte Rio-Niterói. Mas você disse que me contaria depois... Então, sou todo ouvidos.

_ Nossa mãe. Não gosto nem de lembrar e muito menos de pensar na hipótese de isso se repetir. Meu contato com a Rocinha começou na verdade em 1998 quando minha secretária lá no escritório me avisou, com um tom de certa preocupação, que tinham 3 pessoas meio esquisitas querendo falar comigo. Depois fui entender que o “meio esquisita” era só pelo fato de não serem o perfil de público que geralmente procurava o escritório. Eram três moradores da Rocinha, uma mulher e um homem que eu não to muito lembrado do nome e o terceiro que era o Jorge Mamão. Ele era uma liderança da Rocinha que depois de um tempo virou meu grande amigo e inclusive chegou a ser Administrador Regional da Rocinha... você precisava ver, um cara muito atuante.

Pois bem. Eles chegaram com a seguinte proposta:

_ Somos moradores da Rocinha e estamos aqui porque vamos receber um projeto muito importante que é o Pró-Sanear. Esse projeto do governo do estado vai colocar água e esgoto em grande parte da Rocinha. Só que é tudo por baixo da terra e em cima as coisas estão muito confusas e feias. Por isso estamos aqui: queremos que você desenhe algumas coisas tipo praças, e tal. Para embelezar a Rocinha que agora é um bairro, você sabia?

_ Claro que eu sei. Isso foi muito justo inclusive com as dimensões que a Rocinha tomou. – respondi eu meio inseguro, sem ter certeza se eu realmente já sabia dessa informação.

_ Pois então. O que acha?

_ Olha gente, eu não sou um especialista em favelas. Não sei se vocês sabem, mas acabou de ter um concurso do Instituto de Arquitetos do Brasil, do IAB, para trabalhar com favelas. O primeiro concurso para executar o Favela-bairro. Vários escritórios participaram e foram escolhidos para fazer essas intervenções em favelas. Essas pessoas

estão muito mais capacitadas do que eu para fazer esse trabalho. – respondi na certeza de que estava recusando um trabalho que eu achava não estar preparado para executar.

_ Calma aí. Quer dizer que o senhor esta receitando para a gente um arquiteto de favela?
– perguntou ela indignada.

E, vou ser muito sincero, eu adorei essa frase dela pois era exatamente isso que eu estava fazendo: receitando um arquiteto de favelas! E aí eu respondi:

_ O quê que tem de problema em um arquiteto de favela? É um arquiteto que tem habilidade para enfrentar as dificuldades e as especificidades de uma organização de favela.

E então ela retrucou:

_ O senhor está muito enganado. Nós queremos um arquiteto de asfalto, é mais bonito. E só viemos aqui porque estamos chegando do Méier e nós gostamos do que o senhor fez lá. A gente quer aquilo para a Rocinha.

Agora, David, vê como é que são as coisas. Você sabe o tamanho do ego de arquiteto né? Pois então. Eu tinha acabado de fazer o Méier e Irajá pelo Concurso da prefeitura do RioCidades – primo rico do FavelaBairro – e eles me vêm do Méier dizendo que tinham adorado aquilo e que queriam uma coisa parecida na Rocinha? Foi aí que eles me conquistaram! Hahaha

Mas antes que eu pudesse emitir qualquer opinião sobre isso um deles já me deu outra rasteira:

_ Acho que você é preconceituoso.

_ Olha, não é preconceito... – e antes que eu pudesse continuar a frase o outro completou.

_ Então é “cagaço”! O senhor está com medo de subir lá? A gente sobe com o senhor.

_ Pode até ter uma dose de “cagaço” sim, mas isso nunca me impediria de ir. _ E antes que eles me interrompessem de novo, eu que ainda estava com o elogio do Méier pulsando no meu ego de arquiteto respondi:

_ Podem contar comigo. No próximo final de semana encontro com vocês lá na Rocinha.

E foi assim durante vários finais de semana. Como o trabalho era de graça, eu só podia fazer final de semana. A idéia era que eles, com a proposta em mãos tentariam conseguir junto ao governo federal a verba para aquelas intervenções. Segui assim, pensando em pracinhas, recuperação de ruas e mais algumas coisas pra Rocinha. E assim fui conhecendo as pessoas, fazendo amizades e entregando para eles alguns daqueles trabalhos, que infelizmente nunca foram pra frente.

Depois de uns dois ou três meses circulando por aquelas vielas eu já tinha outros olhos para a Rocinha. Eu tinha aprendido a olhar. Não me espantava só com o lixo, com a violência, com o tráfico – coisas que nunca consegui deixar de me espantar – mas conseguia, além de ver tudo isso, perceber a dinâmica que a favela tinha: a alegria das pessoas, aquele comércio doido que a gente só vê coisa igual no Saara, a criatividade das pessoas para resolverem seus problemas; uma bica onde o pessoal lavava as roupas; outro lugar onde eles as estendiam; a maneira como faziam uma travessa daquelas; quando eles organizavam os mutirões para fazer os degraus, etc, etc. Enfim, meus olhos ficaram mais espertos... eu via aquela vida que existia ali.

Quando em um sábado desses, com um sol de rachar, eu estava descendo – eu já descia desacompanhado, já andava naturalmente, como eu ando hoje, tranquilamente – e comecei a olhar a Rocinha lá de cima. A visão é completamente diferente de quem olha por baixo: você vê aquelas milhares de lajes e, como era um sábado, dia de sol, de cada cinco lajes, tinha pelo menos uma sendo utilizada. Ou com meninas de biquinhos mínimos tomando sol dentro daquelas piscininhas de criança ou em cadeiras de praia; ou um cara tocando violão, tocando bandolim, fazendo um grupinho de música; ou uma mulher estendendo roupa; ou um menino soltando pipa; um cara fazendo churrasquinho; um sujeito sentado lá em cima, quieto, acho que para se livrar da mulher que devia estar

enchendo o saco demais; aquilo tudo tinha uma vida. Eu olhando aquilo, pensava: “Meu Deus, como faltam áreas planas na Rocinha para o povo fazer essas coisas”.



Figura 14: Utilização das lajes da Rocinha - arquivo M&T.

O que aconteceu ali comigo é uma coisa também muito pessoal, acontece com muitos projetos que eu me meto. Eu olhei para baixo e vi um projeto pronto lá embaixo. Era uma placa que ia da beira do túnel até a atual passarela, que vão demolir agora. Ia desde o túnel até a passarela, o que significa mais ou menos uns duzentos metros por trinta e poucos de largura. Nessa placa, que nada mais é do que uma laje ampliada daquelas centenas de lajes em que o pessoal fazia as coisas, eu botaria tudo que a Rocinha precisava em termos de recreação e tal.

Tive essa idéia, cheguei lá em baixo e desenhei um croqui. Então resolvi ligar para o Paulo Conde. Tudo bem que você deve estar pensando: “quem é o Toledo para ligar para o prefeito?” Mas eu dei aula quinze anos com o Paulo Conde lá no Fundão, na Faculdade de Arquitetura da UFRJ.

Então, eu liguei para ele e falei:

_ Eu tive uma idéia e queria te mostrar.

E ele pediu que eu fosse lá para apresentá-la. E na semana seguinte, estava lá. Após apresentar a idéia, ele olhou para a minha cara e falou:

_ Toledo, juro pra você, eu tinha pensado nisso quando ainda estava na faculdade. Vamos apresentar essa idéia! Você desenha isso direito e eu vou chamar a imprensa no final de semana que vem.

Uma semana depois o projeto saiu na primeira página do jornal O Globo, Jornal do Brasil, O Dia e de todos os jornais de favela da época. A chamada era “A Vila Olímpica da Rocinha”. Bom, aquilo era um croqui ainda e depois de toda essa publicidade o Conde pediu ao Sérgio Magalhães, que era o Secretário de Habitação da prefeitura, que me contratasse para desenvolver isso. Então o Sérgio me procurou e combinamos que eu teria seis meses para fechar o projeto com os moradores.



Figura 15: Matéria do jornal O Globo (01/07/00) sobre a "Vila Olímpica da Rocinha".

E assim foi. Discuti com a capoeira, com o boxe – um campeão pan-americano morava na Rocinha –, com o pessoal do surf, do skate e tal. E a partir dessas conversas começaram a surgir coisas que eu nem tinha pensado inicialmente como, por exemplo, colocar, a pedido do Aurélio, um espaço para os grupos de teatro e dança, e uma biblioteca. Projetei também duas quadras de tênis, porque na época o Guga tinha ganhado o Roland Garrot e a Rocinha só queria jogar tênis.

É evidente que devia haver gente na Rocinha que não gostava da placa. Não digo que era uma unanimidade não, mas ela foi discutida com a comunidade e desenhada a partir deles. Esse desenho, eu não sei até que ponto é meu ou deles, porque eles interviam tanto no processo que deu nisso.

_ Engraçado Toledo. Agora to me lembrando dessa história. Lembro de ter visto alguma coisa a respeito nos jornais. – interrompeu David que, nessa altura, já estava parado na porta do carro esperando o final da história para ir embora.

Bom, essa placa chegou a ser licitada e só que o Conde perdeu a reeleição para prefeito e entrou o César Maia. E assim, no segundo dia de governo César Maia o projeto foi cancelado. Eu simplesmente fiquei doente, mas continuei indo na Rocinha, porque, de uma forma muito equivocada, era como se eu tivesse mentido para eles. Na verdade, como eu tinha me envolvido demais, sentia como se eu que tivesse devendo uma coisa para eles. Aquilo foi uma ducha fria que fez com que eu me afastasse daquilo completamente. Tomei uma raiva danada desse tipo de coisa.

_ É Toledo... Compartilho um pouco desse sentimento que você está revivendo agora. Estou me sentindo muito impotente diante da comunidade. Vamos esperar para ver no que vai dar essas eleições para governador. Ainda não quero perder as esperanças. – respondeu David fechando a porta do carro.

Nós dois não fazíamos idéia do rumo que essa história, dias mais tarde, iria tomar.

10.1.1. Eleições

Julho de 2006: entramos no período eleitoral. Cessaram as negociações com o governo do estado e fomos procurados pelo então candidato Sérgio Cabral interessado em colocar a implantação das idéias dos ganhadores do concurso em prática. Sendo muito sincero, acho que só não sou mais pé atrás com essas promessas do que o povo da Rocinha, e realmente quis pagar pra ver. Paguei. E acabei vendo alguma coisa.

Depois de uma reunião com o comitê que organizava a candidatura do Sérgio Cabral, fomos, no dia 23 de julho para um evento na Rocinha no qual ele assumiu publicamente que, se fosse eleito, iria executar o projeto. Teve todo um floreio. As pranchas do concurso estavam na parede de fundo e eu, o William – que ainda era presidente da

UPMMR – e mais alguns representantes de instituições da Rocinha apertamos as mãos junto ao Sérgio Cabral nesse “acordo público”.



Figura 16: Campanha eleitoral Sérgio Cabral na Rocinha.³⁷

Acreditem ou não, mas só sei que no dia 18 de janeiro de 2007 estávamos eu e o William assistindo ao Lula e ao, agora governador do Estado, Sérgio Cabral no Palácio das Laranjeiras aqui no Rio. Eles assinavam a medida provisória³⁸ em que o governo federal liberaria 60 milhões de reais e o estadual, em contrapartida, 12 milhões para o desenvolvimento das idéias que sugerimos no concurso.

Estávamos sem palavras. Não dava para implantar tudo mas já era um começo. Daria para pensarmos um Plano Diretor para a Rocinha, contemplando pelo menos algumas das variáveis de uma realidade tão complexa. E o melhor: eles concordaram que deveria continuar de forma participativa.

Saindo da reunião no Palácio das Laranjeiras já fui direto para a Rocinha. Agora sim eu ia poder entrar lá com a cabeça erguida. Podíamos dar um retorno para aquele mundaréu de gente que eu havia me comprometido. Não estava nem acreditando que íamos poder começar a fazer algo. E assim fomos.

³⁷ Foto acessada no dia 05.01.09 pelo site <http://segundo.sergiocabral15.com.br/>

³⁸ MEDIDA PROVISÓRIA Nº 336 DE 07 DE DEZEMBRO DE 2006. Acessada no dia 05.01.09 pelo site http://www.dji.com.br/medidas_provisorias/2006/mp-000336-000-07-12-2006.htm

10.2. José, para onde? O outro lado da mesma moeda

Sozinho no escuro
qual bicho-do-mato,
sem teogonia,
sem parede nua
para se encostar,
sem cavalo preto
que fuja a galope,
você marcha, José!
José, para onde?
(Carlos Drummond de Andrade)

Demos continuidade as nossas ações junto à comunidade e menos de 1 mês depois do evento no Palácio das Laranjeiras organizamos um seminário na Rocinha em que não tinha mais onde colocar gente, lotou. Pra vocês terem uma idéia esse seminário, que aconteceu no dia 15 de fevereiro de 2007, estava marcado no Salão Paroquial da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem e foi chegando gente e chegando gente... que tivemos que transferir para a parte do fora da igreja. Eram mais de 500 pessoas querendo saber o que ia acontecer na Rocinha.



Figura 17: Reunião no pátio da Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem - arquivo M&T.

A reunião prosseguiu num clima ameno com diversas lideranças se manifestando, o Ícaro como representante do Governo do Estado, o Aurélio através de uma fala brilhante

e sem a virulência que temia e finalmente eu. Acho que foi ótimo ter falado e apesar de não ter podido chegar ao final, em decorrência da chuva, pude expor as principais idéias do projeto e, mais do que isso, tranquilizar os ouvintes, principalmente os da Rua do Valão, que achavam que teriam suas casas derrubadas.

Depois dessa reunião continuamos nossas apresentações e discussões pela comunidade. No entanto, mesmo com todas essas atividades que estávamos dando seguimento, o mês de fevereiro – depois do evento no Palácio das Laranjeiras – foi marcado por uma longa ausência de notícias. A imprensa, graças a Deus, se esqueceu um pouco da Rocinha e estava se dedicando inteiramente ao aumento vertiginoso da violência em nossa cidade, que parecia cada vez mais ter nas crianças, seu alvo principal. Se este esquecimento por um lado era bom, já que eu não tinha que me descabelar com sucessivas entrevistas e com a avidez dos repórteres pelas más notícias, por outro lado parecia ter ajudado a quebra do ritmo que vinha sendo dado pela EMOP a nossa contratação e conseqüentemente, ao início ao trabalho.

Essa demora começava a me preocupar assim como ao resto da equipe e principalmente as lideranças da Rocinha que começavam a imaginar que mais uma vez a favela seria passada para traz, por iniciativas tipo fogo de palha, ou quem sabe por mais um desses factóides.

Mas não foi bem isso o que aconteceu. No dia 14 de março fui chamado para participar de uma grande reunião em Brasília que contou com a presença do próprio Ministro das Cidades, do Vice Governador do Rio, do pessoal da EMOP, da Secretaria Nacional de Habitação, além da turma da Caixa Econômica de Brasília e do Rio e de mais alguns técnicos do Ministério das Cidades, entre os quais o diretor do programa de regularização fundiária em curso na Rocinha.

Nesta reunião os fatos se precipitaram não só pela perspectiva do trabalho finalmente começar, como também pela possibilidade de se obter novos investimentos para a Rocinha que garantiriam se não a conclusão, pelo menos a implantação de grande parte das intervenções sugeridas no concurso.

Dois dias após essa reunião, já no Rio de Janeiro, combinei com o Ícaro, que desde Brasília assumira um ritmo de trem expresso, ou melhor, de rolo compressor, que a assinatura do contrato seria feita no final de março, durante a segunda apresentação do trabalho para a comunidade, a se realizar na quadra da escola de samba.

E assim, no dia 22 de março de 2007, mais de um ano depois de ganharmos o concurso, eu estava lá no galpão da Acadêmicos da Rocinha assinando, na frente de um mundaréu de gente, o contrato com a EMOP – Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro. Nesse papel, teoricamente, eu estaria me comprometendo a desenvolver um “Plano de Desenvolvimento Sócio Espacial do bairro da Rocinha” a partir das idéias apresentadas no concurso.



Figura 18: Reunião na quadra da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha - arquivo M&T.

Mas, acreditem ou não, o contrato de verdade eu só fui assinar meses depois... Tive que esperar os trâmites burocráticos da entrada do PAC na história e mais essas coisas que eu não sei muito bem e que não dava para explicar para a comunidade que já tinha assistido eu assinar um contrato. E foi assim que eu quase fui para o buraco... Mas isso eu conto depois.

10.2.1. Rumo ao PAC

Um fato interessante foi a Rocinha ter dinheiro do PAC. Na verdade, o dinheiro inicial era fruto de uma medida provisória do começo de 2007, fruto do primeiro acordo entre o Lula e o Sérgio Cabral. A entrada do dinheiro do PAC foi uma decisão posterior, em que foi necessário fazer um aditivo a verba de inicialmente 60 milhões de reais – na verdade 72 milhões (60 da União e 12 do Estado) – que depois virou 182 milhões (R\$ 82,5 milhões da União e R\$ 27,5 milhões do Estado³⁹). Isso inclusive é um dos motivos do grande atraso do meu efetivo contrato e pagamento. Foi uma loucura essa demora, mas não impediu que eu fizesse as coisas dentro do prazo, mesmo que para isso eu tivesse que pegar dinheiro emprestado no banco.

Confesso que no começo dessa história do PAC me senti um pouco atropelado pela velocidade com que as coisas teriam que acontecer. Mas num segundo momento eu pensei na minha antiga derrota na época da placa que tinha causado tanto descrédito, e então pensei: “Deus que me livre de perder uma oportunidade desta”, mesmo que só faltassem algumas coisas. Pensei que se tivesse a oportunidade de fazer sair do papel pelo menos as idéias mais prioritárias, isso daria uma credibilidade muito grande a esse trabalho. E foi por isso que aceitei participar do detalhando alguns dos projetos escolhidos pelo PAC – que eram todos eles as idéias do concurso.

Na verdade, nem tudo que foi desenvolvido no concurso está sendo contemplado e assim como nem tudo que o plano diretor, que daqui um tempo iremos entregar, também está sendo contemplado. Porque a idéia é que no dia que tivesse mais projetos, teria o PAC2, o PAC3 e o PAC4. No entanto, com a volta que o mundo deu agora [crise], não sei de nada, mas essa é a história.

Tem outra coisa também que não posso deixar de contar. Diga-se de passagem isso até foi divulgado pelo Sérgio Cabral. Para contar essa história vou começar com um recorte de uma fala do Cabral para o jornal:

– Logo depois de eleito, mandei, via e-mail, o projeto para o presidente Lula e ele gostou tanto que me ligou de volta para dizer que iria fazer as obras

³⁹ Dado retirado do site do Ministério das Cidades acessado no dia 05/01/09. <http://www.cidades.gov.br>

previstas no projeto. Depois que assumi, formalizamos a parceria e não só colocamos o projeto da Rocinha no PAC como incorporamos novas ações e os investimentos iniciais de R\$ 60 milhões chegaram aos atuais R\$ 180 milhões - lembrou Cabral, acrescentando que o modelo serviu de base para a formatação dos projetos das outras localidades financiadas pelo PAC, como os complexos do Alemão, Manguinhos, Pavão-Pavãozinho e Proventório.⁴⁰

E foi isso mesmo. Lembro do dia em que o Fichtner, o mesmo que me ligou na época das eleições e que é Secretário da Casa Civil do governo Sérgio Cabral, me ligou:

_ Bom dia Toledo, aqui é o Fichtner, Secretário da Casa Civil, tudo bem?

_ Estou ótimo. – respondi um pouco resabiado, como se estivesse prestes a receber um puxão de orelha por alguma coisa que ainda não sabia bem o que. – Em que eu posso te ajudar?

_ Bem Toledo, você sabe que conseguimos inserir a Rocinha no PAC, não é?

_ Sim.

_ E estamos usando o que já temos produzido na parceria com vocês para desenvolvermos intervenções em outras favelas do Rio, como Manguinhos e Alemão.

_ Pois não, e no que posso ajudar?

_ Queria saber o que você acha de fazer algo similar ao plano da Rocinha para o complexo do Alemão e Manguinhos?

Vocês imaginam o meu coração naquela hora? Eu quase caí da cadeira – porque por sorte eu estava sentado. E, tentando recobrar as forças tentei explicar:

_ Sabe Fichtner, a Rocinha já é um caso complexo demais e é humanamente impossível fazer algo de qualidade em outra comunidade... Pra você ter uma idéia, antes de contratar a equipe que está trabalhando comigo, eu pedi para todos que se

⁴⁰ Parágrafo da Matéria “Obras do PAC na Rocinha começam segunda-feira” publicada na Revista FatorBrasil do dia 08/03/08. Acessado dia 05/01/09. <http://www.revistafatorbrasil.com.br>

comprometessem apenas com a Rocinha, que não pegassem outro projeto de favela... pois é algo que demanda muito, suga até a alma!

_ Entendo. Mas então temos um problema... – falou Fichtner, mais pensando o que iria falar do que compartilhando esse problema.

_ Mas eu sei que a prefeitura do Rio fez um concurso há um tempo atrás, antes mesmo desse concurso da Rocinha, para um Plano de urbanização para Manguinhos e Alemão. Inclusive, o arquiteto que ganhou eu conheço e você pode ligar para ele te dar mais detalhes. O nome dele é Juareg.

E, como o próprio Sérgio Cabral disse na reportagem, foi a partir da experiência e o contato com a Rocinha que se construiu os PACs do Alemão e de Manguinhos.

11. A PONTE É ATÉ ONDE VAI O MEU PENSAMENTO

“A ponte não é de concreto, não é de ferro
Não é de cimento
A ponte é até onde vai o meu pensamento
A ponte não é para ir nem pra voltar
A ponte é somente pra atravessar
Caminhar sobre as águas desse momento”⁴¹

11.1. É um bom sinal: O Plano do Laboriaux

Acho bom enfatizar as coisas que deram certo ao longo desse processo de construção do Plano. Imagina então as que deram certo sem a gente nem dar um empurrãozinho! Antes de começar a contar o que aconteceu depois que resolvemos, aos moldes de Tom e Vinícius, arrumar a nossa “Estrada da Gávea, 487” – que não chegava a ser uma “Rua Nascimento e Silva, 107”, mas rendeu muita história pra contar – vou falar pra vocês de uma coisa que nos deu um gás pra começar o trabalho na Rocinha. Foi o Plano Estratégico do Laboriaux, o sub-bairro mais alto da Rocinha, e que, em minha opinião era um bom sinal... sinal de que as coisas podiam dar certo.

⁴¹ “A ponte”: Lenine e Lula Queiroga, <http://letras.kboing.com.br/lenine/a-ponte/>

Era uma segunda-feira de janeiro daquele ano de 2007 que prometia muito trabalho e surpresas quando o presidente da Associação dos Moradores do Laboriaux, o Carlos Costa, vulgo Carlinhos, me ligou:

_ E aí Toledo? Como vão as coisas?

_ Caminhando Carlinhos... mas a gente chega lá!

_ Pois é Toledo, estávamos conversando aqui na associação e tivemos a idéia de fazermos um Plano de Urbanização especificamente aqui para o Laboriaux. Daí pensamos: porque não chamarmos o Toledo e a equipe dele para participar dos grupos temáticos que vamos criar? E por isso resolvi te ligar. O que você acha?

Naquele momento, devo confessar, veio um mix de satisfação, orgulho e entusiasmo. Não sei nem explicar a sensação de ver surgindo naturalmente algo que lutamos muito para tentar começar. Era uma mudança... ou pelo menos a semente da mudança. E nós estávamos apenas sendo convidados para participar. Era fantástico!

_ Será um grande prazer Carlinhos. – respondi em êxtase. E como surgiu essa idéia?

_ Pois é. A gente tava pensando em aproveitar que tamo agora entrando em 2007 e renovar as idéias. Precisamos pensar melhor o que a gente quer e como a gente pode se organizar pra isso. Pensar mais pra frente, sabe? E todo mundo concordou. Na verdade, acho que você e a sua equipe poderiam dar uma força na hora da discussão dos grupos, sabe? A gente vai dividir os grupos por área que a gente quer pensar: tipo turismo, moradia, educação, saneamento... mais ou menos assim. – respondeu Carlinhos, esbanjando conhecimento sobre o assunto.

_ E que dia vai ser a primeira reunião?

_ Vai ser na próxima sexta e sábado, dias 26 e 27 de janeiro. Posso então contar com vocês?

_ Claro! Estamos fechados.

Com essa confirmação, desligamos o telefone e corri para a equipe, convidando aqueles interessados em participar para irem comigo na próxima sexta e sábado na reunião do Plano de Urbanização do Laboriaux! E qual não foi minha alegria quando recebi o retorno do Berredo, David Cardeman, PC, Ediglé e Mauro Guarany's dizendo que faziam questão de acompanhar esse trabalho do Laboriaux.

E assim fomos, auxiliamos nas discussões e nos enchemos de energia e entusiasmo para enfrentarmos a longa jornada que vinha pela frente.



Figura 19: Seminário Laboriaux - arquivo David Cardeman.

11.2. Estrada da Gávea 487

Logo em abril, começamos a mexer os pauzinhos para fazer o negócio andar. Em paralelo as atividades de discussão com a comunidade do que poderia ser esse plano, fizemos uma força tarefa para construirmos a filial do escritório M&T na Rocinha. Teria tudo o que um escritório de arquitetura tem direito e com um grande diferencial: estaria dentro do lugar para onde todos os esforços estavam direcionados: a Rocinha. O negócio foi a toque de caixa e vocês nem imaginam a belezura que ficou. Em maio já estava tudo funcionando na Estrada da Gávea, número 487, em frente à Ótica Céu e Luz – onde outro dia mesmo comprei uma armação para substituir meu óculos para perto que tinha quebrado. Colocamos ar condicionado, dois computadores, impressora a laser, um *ploter*, mesa de reunião, bancadas de trabalho e muitas cadeiras.

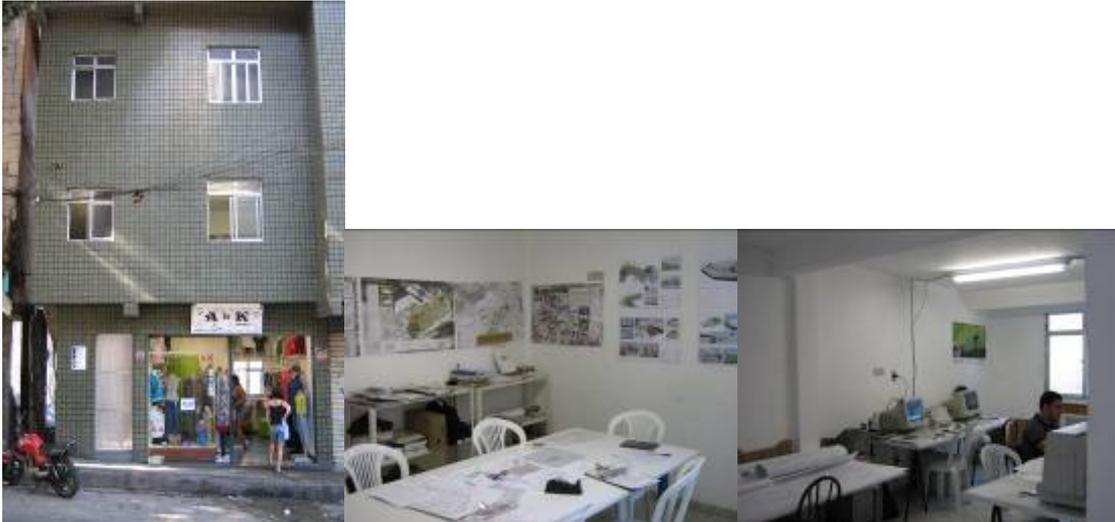


Figura 20: Escritório da M&T na Rocinha - arquivo M&T.

As muitas cadeiras puderam materializar, além do projeto, algo que já tinha em mente a um tempão: um curso de História das Cidades, que às quartas feiras passou a reunir vários interessados em estudar um pouco sobre urbanismo. O nome era UrbanizaMentes, cunhado por Aurélio ainda na época do Fórum da AMASCO. Não sei se alguém já contou isso para vocês. O que sempre surgia na hora de se discutir a urbanização da Rocinha era que, antes de qualquer coisa, as pessoas tinham que mudar a forma de pensar o seu espaço, tinham que pensar a Rocinha como um bairro com direito a ter acesso a tudo. Precisava-se então de urbanizar as mentes da Rocinha antes de qualquer plano. E foi daí que surgiu o nome.

Em abril de 2007 fui a um seminário da Fundação Bento Rubião lá no salão paroquial da Igreja da Rocinha. Estavam discutindo o negócio da regularização fundiária na Rocinha, que era a principal atividade desenvolvida pela Bento Rubião lá. Em meio à discussão, o Aurélio, com sua raiva santa de sempre – a cada dia que passa escuto com mais atenção seus discursos, permeados de indignação com a situação de exclusão dos jovens da Rocinha, com a desatenção pela cultura, segundo ele e ele tem toda a razão, privilégio dos bairros chiques da cidade – chamou a atenção de todos os presentes para uma questão importante: toda a vez que são abertas novas oportunidades de trabalho na Rocinha poucas pessoas da comunidade são chamadas para trabalhar. Oportunidades de trabalho como as criadas por eventos do porte da Regularização Fundiária e do Plano Diretor geralmente não são preenchidas pelos moradores do local que escutam sempre a mesma desculpa: que não são capacitados. E aqueles que são aproveitados geralmente já

tenham um emprego, ou seja, o projeto vai pra dentro da Rocinha mas não gera novos empregos para a Rocinha.

Nessa oportunidade então que percebi que minha idéia de dar um curso de evolução urbana – História das Cidades – , nos moldes que dou para meus alunos da UERJ, realmente seria uma boa idéia. Com o escritório na Rocinha pronto, já comecei a preparar cartazes para anunciar o curso com aulas uma vez por semana. Nessa hora já não me agüentava de curiosidade de ver a cara do pessoal quando a gente fosse conversar sobre o horror que os Gregos tinham da hipótese de uma cidade crescer de forma exagerada, ou então do papel libertário de algumas cidades medievais. E foi como eu esperava: incrível!



Figura 21: Curso de História Urbana na Rocinha - arquivo M&T.

11.3. Operários em Construção

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
– Exercer a profissão –
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.⁴²

⁴² (trecho da música “O Operário em Construção”, de Vinicius de Moraes)

Acho que não tem nada melhor do que esse poema de Vinícius para explicar como foram os seis meses intensivos com o escritório e mais 32 pessoas atuando ativamente dentro da Rocinha. Isso porque tudo e todos estavam “em construção”: eu, a Rocinha e seus moradores, a equipe como um todo e até mesmo as políticas de urbanização em espaços como aquele em que estávamos trabalhando.

Um dos exemplos bacanas, e que em minha opinião é super coerente com o que pretendíamos dentro da Rocinha foi a seleção de estagiários. Fizemos uma seleção dentro e fora da comunidade e formamos um grupo de 12 universitários para estagiar na parte do diagnóstico da Rocinha, sendo 6 da comunidade e 6 de fora. Quem estava intimamente ligado era o PC e o Ediglé, que ao longo de todo o diagnóstico acompanharam os meninos pela comunidade. Eles também participaram do curso de formação realizado para esse grupo, que não só explicava o que deveria ser levantado e qual a forma de registro dessas informações, mas também tinha um espaço para, a partir da visão do PC e Ediglé, refletir sobre as características e especificidades do local.



Figura 22: Ediglé guiando grupo de estagiários durante diagnóstico - arquivo M&T.

O resultado desse diagnóstico foi compilado e analisado junto às informações coletadas ao longo das discussões com a Rocinha. A opinião da comunidade vinha de diversos canais, seja por meio das reuniões participativas por sub-bairro – que acabaram não acontecendo em todos os sub-bairros – ou pelos canais abertos na rádio e em alguns jornais comunitários e até mesmo diretamente no escritório da Rocinha.

Isso é outra coisa que vale a pena ser contada. Conseguimos com o Elias, responsável por uma das rádios comunitárias da Rocinha, – que, em minha opinião, é o exemplo vivo de que com boa vontade é possível fazer muito mais coisa do que imaginamos – a produção de um programa de rádio que se chamava: “Elias pergunta e Toledo responde”. Esse espaço foi muito legal, pois a comunidade encaminhava para o Elias as dúvidas sobre o que seria o Plano de Urbanização da Rocinha e ele repassava durante o programa para que eu tentasse responder. Tivemos um retorno incrível e deu para identificar muitas opiniões interessantes a serem contempladas no Plano.

Além da rádio, tivemos também um grande apoio da TV Roc – a TV da Rocinha – que passava várias vezes ao dia algumas tomadas do que estávamos fazendo, de reuniões participativas, do que eram as idéias do concurso e por aí vai. Eu sei que nessa época, seja por meio de alguns jornais comunitários, seja pela TV Roc, seja pela Rádio do Elias, as pessoas acabavam pelo menos sabendo que algo diferente estava acontecendo dentro da Rocinha e, a partir dessas notícias, poderiam, se tivessem interesse, buscar mais informações sobre o que estava acontecendo e sugerir algum ponto.



Figura 23: Divulgação do Plano de Urbanização na Rocinha - arquivo M&T.

E como eu adiantei, além dessas coisas todas aí que eu contei que deram uma força na divulgação das idéias e na abertura para contribuição e discussão de todos, tivemos os seminários participativos por sub-bairro, que deu resultados, mas também deu muita dor de cabeça.

11.3.1. A participação aos trancos e barrancos: Os seminários

A idéia era que discutíssemos com grupos menores por toda a Rocinha quais eram as principais demandas daquela região a serem enfrentadas numa ação conjunta entre a população e o governo. Tentávamos mediar o debate e organizar esses seminários em grupos de discussão que não só discutiam os problemas, mas detectavam soluções indicadas pela comunidade.

Após aquelas duas grandes reuniões participativas – uma na igreja e outra na quadra da escola de samba – e com o escritório instalado na Rocinha, fizemos um cronograma de reuniões quinzenais por sub-bairros. A abertura dessa seqüência de seminários foi no dia 16 de junho de 2007, no CIEP Bento Rubião⁴³ e já deu uma pequena amostra do que enfrentaríamos nessas reuniões menores. Isso porque já havia saído nos jornais que seria liberada uma grande verba para desenvolver ações urbanísticas na Rocinha e já nessa reunião no Bento Rubião, as principais perguntas giravam em torno de: “quanto vão pagar pela minha casa?”; “você vão me tirar da casa que construí e que moro há 50 anos?”; “para onde vão nos levar?”.

E assim seguimos. O primeiro seminário foi no dia 25 de junho de 2007 nos sub-bairros Laboriaux e Vila Cruzado, e contou com 40 pessoas. Nesse seminário dividimos as pessoas em grupos temáticos para que fossem discutidas e propostas ações para as áreas de “Cultura e educação”, “meio ambiente e transporte” e “infra-estrutura/ lazer e esporte”. Quinze dias depois, em 09 de julho, o seminário foi na região do bairro Barcelos e Campo da Esperança e tinha aproximadamente 50 pessoas.

⁴³ Centro Integrado de Educação Pública Bento Rubião é uma escola municipal localizada dentro da Rocinha.

A partir do terceiro e quarto seminários ficou ainda mais difícil, pois as pessoas cada vez mais queriam saber como iriam ocorrer as intervenções urbanísticas e a resposta a essas perguntas deveria ser dada por representantes do Governo Estadual, que desde a primeira reunião foram convidados. A falta de respostas gerou grande insatisfação entre os participantes das reuniões, o que prejudicou seu principal objetivo que é o de recolher informações, sugestões e demandas que pudessem enriquecê-lo tornando-o efetivamente participativo. Por conta dessa situação a equipe se viu obrigada a interromper o processo de reuniões quinzenais enquanto a presença de representantes do Governo do Estado não fosse garantida.



Figura 24: Esquema de distribuição dos seminários pela Rocinha. Arquivo Marat.

Sabíamos que dentro do próprio estado muitas das perguntas que eram feitas durante os seminários também não tinham respostas, porque eles ainda estavam se organizando para articular uma política que integrasse várias instâncias não só do Estado, como do governo federal e municipal. No entanto, não tinha mais como fazermos reunião para discutir coisas que não tínhamos como responder. Infelizmente ficaram faltando seis reuniões participativas. Tentamos minimizar esse impacto com a presença maciça de nossa equipe na comunidade, seja durante o diagnóstico, seja pelos oradores que faziam parte da equipe, seja pelo escritório montado e aberto para quem quisesse ir.

E no final das contas acabamos levantando um grande acervo de informações dos moradores sobre quais eram os principais desafios a serem enfrentados e quais as possíveis soluções, sejam elas relacionadas ao lixo, ao abastecimento de água e luz, ao transporte, ou a outras tantas questões abordadas ao longo de nossa convivência na Rocinha.

11.3.2. O Fórum Cultural

O Berredo é bom pra contar essa parte

Depois do primeiro esforço realizado na época do concurso para pensar idéias na área cultural chegou a hora da “Bom, estamos contratados realmente, o que vamos fazer em termos de plano cultural?” Para explicar como respondemos a essa pergunta vou chamar o Berredo, o arquiteto e artista plástico que já havia apresentado à vocês mais no começo dessa história.



Figura 25: Hilton Berredo - arquivo M&T.

_ Fico feliz em explicar essa parte Toledo, afinal foi um trabalho que mexeu muito comigo e com outras tantas pessoas envolvidas nisso tudo.

Pois bem. Naquela época tivemos que pensar novas estratégias, pois não era mais só dar idéia. Tínhamos que ouvir o que as pessoas tinham a dizer e também promover discussão a respeito das propostas da equipe. Definimos que tínhamos que aprofundar na realidade cultural e histórica da Rocinha para o desenvolvimento de um Plano Cultural de verdade, vislumbrando, inclusive, a questão da preservação da memória. E só abrindo um parêntese, isso foi uma coisa que achei muito legal na equipe, na hora de

formá-la o Toledo chamou um cara super fera nessa área de tombamento e preservação, o José Simões Pessôa. E acho que isso reflete muito do que aquele plano pretendia para a Rocinha. Na época já existiam, se eu não me engano, dois bens tombados por ali. Mas na verdade, eles dizem respeito à memória da formação da cidade, e não sobre a memória daquelas pessoas que moram e vivem ali.

Mas fechando o parêntese, nós precisávamos procurar a memória daquela cidade chamada Rocinha e ao mesmo tempo tínhamos de preparar o caminho que culminasse em um seminário cultural que acabou se chamando Fórum Cultural da Rocinha. Esse caminho tinha que definir o que realmente seria discutido, quem eram as pessoas que precisavam participar dessa reunião, enfim, detectar mil razões que nos auxiliassem a delimitar um Fórum realmente representativo da cultura local.

Então o que a gente fez? Primeiramente, disse para o Toledo que não dava para trabalhar sem que eu entrasse com minha cara lavada ali na Rocinha. E não falei isso para o Toledo com medo da questão da segurança, de onde posso ir ou não, até porque isso o PC poderia auxiliar perfeitamente. O que eu precisava era de alguém que estivesse ali também dedicado a fazer um trabalho de reconhecimento. Que me ajudasse a descobrir quais são os pontos, os nós, dessa rede cultural – se é que era uma rede.

Pois bem, essa pessoa foi o Aurélio Mesquita. E porque ele? Simplesmente pelo fato do Aurélio já trabalhar com teatro e conhecer a fundo os meandros culturais da Rocinha. Como tinha sido do júri na época do concurso, ele não pôde participar da equipe. Mas quando passamos a trabalhar dentro do contrato, não teve problema nenhum, e o Aurélio passou a ser a pessoa que dizia assim: “Olha, o cara ali faz grafite, o outro é um morador que ainda tem a memória do velho samba”.

A partir de então, o que fiz com o Aurélio foi criar mais ou menos um roteiro das coisas que a gente queria saber e entrevistar as pessoas que faziam e aconteciam nessa área cultural dentro da Rocinha. Foram basicamente três questões que fazíamos para os entrevistados: “se fosse demolida a Rocinha inteira, o que você acha que devia sobrar?”; “Qual era a atividade cultural dessa pessoa?”; e finalmente, “como ela mantinha aquela produção, enfim, qual era a situação dessa pessoa, desse produtor, desse agente cultural

ali naquela comunidade?”. Uma última informação que tentávamos levantar com os entrevistados era qual seria o melhor dia para fazer o tal encontro, o fórum cultural.

Foi uma experiência incrível. Fizemos umas trinta ou quarenta entrevistas. Desde o garçom, que é cantor, ao ator do “Roça, Caça e cultura”. Entrevistamos cada figura, cada pessoa... Tinha a produtora-pesquisadora da TV Tagarela, a Sara Barbara; o professor de percussão Carlinhos; o cara da imprensa local, do “Rocinha Notícias”; a poetisa Aline Chagas; o Cabo Chico, que é um velho freqüentador das rodas de samba anteriores a ascensão da escola de samba Acadêmicos da Rocinha; gente da capoeira; da rádio comunitária; o Li da Cachopinha – que é um cara impressionante, que mal sai da redondeza, mas que num velho barraquinho de 2x2m, conseguiu um computador daqueles Atari antigos, e uma TV para ensinar as crianças a ler através do computador, com joguinhos. Além desses, entrevistamos também a escola de samba da Rocinha; o Ramiro dos teclados; vários grupos de teatro; o Favelarte, que é um pessoal que faz alpinismo e grafite; a Escola de Música da Rocinha; artistas plásticos; o Jorge Bastos, Professor de balé; artesãos; o tio Lino, com maquetes sensacionais; Banda de rock e hip hop; o Aurélio, é claro; o Mestre Manuel da capoeira; um grupo de poetas em busca de publicar suas poesias; um grupo de fotógrafos, o Olhares do Morro, que tem o que eles chamam de fotógrafos correspondentes da Rocinha. Nossa senhora! Era tanta gente que esses que citei são uma pequena amostra da diversidade que encontramos. Foi bem legal.

**PLANO SÓCIO ESPACIAL
DO BAIRRO DA ROCINHA**

**1º FORUM
CULTURAL
DA ROCINHA**

SÁBADO DIA 21 DE JULHO
DAS 9:30 ÀS 12:30 HORAS
ABERTURA
DAS 14:00 ÀS 16:30 HORAS
APRESENTAÇÃO E DEBATE
PLANO CULTURAL
LOCAL: IGREJA METODISTA DO
CAMINHO DO BOIADEIRO, 29

SÁBADO DIA 28 DE JULHO
DAS 9:30 ÀS 12:30 HORAS
APRESENTAÇÃO E DEBATE
CENTRO DA CULTURA
DAS 14:00 ÀS 16:30 HORAS
APRESENTAÇÃO E DEBATE
IMAGENS
LOCAL: IGREJA NOSSA SENHORA DA
RUA VIAGEM, ESTRADA DA GATA, 445

CERTIFICADO PARA OS PARTICIPANTES

SPDO

| | | |
|-----------------------|-----------------------|---------|
| SE0 | ENOP | INDICAR |
| SECRETARIA DE CULTURA | SECRETARIA DE CULTURA | UPFMMR |
| SEC | RST | AMA/RB |
| SECRETARIA DE CULTURA | SECRETARIA DE CULTURA | A L V C |

Figura 26: Cartaz divulgação Fórum Cultural da Rocinha - arquivo M&T.

E foi a partir das informações levantadas nessas entrevistas que o fórum aconteceu nos dias 21 e 27 de julho de 2007. Fizemos uma divulgação bem ampla, utilizando desde os motoboys até as rádios comunitárias. O Fórum teve direito a *coffee break* e presença de autoridades, mas acima de tudo foi o espaço para apresentação das idéias coletadas e de discussão dessas informações pelos principais representantes da cultura na Rocinha. Outra coisa que discutimos foi a missão do Centro Cultural que o Mauro tava projetando. Até porque, por mais que o arquiteto imagine que aqui vai ser a sala disso, aqui vai ser a sala daquilo, a comunidade tem que se apropriar daquilo e ninguém melhor que os donos do negócio para falar qual seria a finalidade daquele espaço.



Figura 27: Fórum Cultural da Rocinha - arquivo M&T.

O resultado de todo esse trabalho foi entregue para quem está atualmente levando adiante o plano cultural, não sei que nome eles deram para essa história, mas é a Secretaria de Cultura do Estado. Eu acho que esse trabalho de mobilização do fórum serviu exatamente para que quando o projeto acabasse, não acabasse a idéia.

Pra vocês terem uma idéia, eu sei que eles estão se reunindo até hoje toda terça-feira, inclusive o Mauro continua fazendo parte desse grupo e uma vez ou outra traz notícias do trabalho. Fico sabendo dessas coisas não só pelo Mauro – que tem sempre a preocupação de manter o caráter transdisciplinar da cultura – mas pelo Aurélio também, que continuam ativos na reflexão sobre a cultura da e na Rocinha.

11.3.3. A Passarela da Rocinha

Toledo faz questão de contar essa parte

“Não é o ângulo reto que me atrai. Nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual. A curva que encontro (...) no corpo da mulher amada”⁴⁴

Essa parte faço questão de contar! Sou eu novamente, Toledo, que, apesar das críticas que ouvi de alguns – afinal não tem como agradar a gregos e troianos –, contarei com o maior orgulho essa parte do plano. A Rocinha delinea a Estrada Lagoa-barra, que começa logo depois do Túnel Zuzu Angel, ou Túnel Dois Irmão como alguns costumam chamá-lo. A Estrada Lagoa-Barra possui um fluxo contínuo de veículos e possui uma passarela para sua travessia que foi inclusive fruto de uma mobilização grande da Rocinha no final da década de 70. Pois bem, de um lado da passarela é a Rocinha e do outro tem um CIEP – Centro Integrado de Educação Pública, que é um projeto do Niemeyer. A Placa Esportiva de Integração, ou Centro Esportivo da Rocinha – aquele cuja idéia tinha surgido lá na época em que o Conde era prefeito, no final da década de 90 e que depois foi repensado durante o trabalho desenvolvido nesse tempo que ficamos lá dentro da Rocinha – fica bem do outro lado da Lagoa-barra, na entrada da Rocinha. Um dos pontos que já haviam sido colocados pela população é que fosse pensada uma nova passarela adequada a pessoas com dificuldades de locomoção, cadeirantes, dentre outras características que garantissem que ela fosse utilizada por todos.

E foi a partir desse cenário que tive uma idéia: porque não pedir ao Niemeyer para projetar para a Rocinha uma nova passarela? Imagino que vocês devem estar pensando quem sou eu para ir atrás do Niemeyer, mas tem um por quê. O Niemeyer era amigo de papai, que como contei anteriormente também era arquiteto. Com isso, desde menino o conheço e o admiro. E foi assim então que botei a proposta do Centro Esportivo da Rocinha embaixo do braço e fui até o escritório do maior arquiteto brasileiro.

_ Boa tarde Niemeyer.

⁴⁴ “Poema da curva” – Oscar Niemeyer, fevereiro de 1988. Acessado no site <http://www.fisica-interessante.com/fisica-relatividade-niemeyer-poema-da-curva.html> dia 04/01/09.

_ Olha só se não é o Toledo, filho de meu grande amigo Aldary Toledo. – respondeu Niemeyer já apontando para uma cadeira logo a sua frente e pedindo que eu me sentasse. – A que devo a sua visita?

_ Muito obrigado. Não consigo disfarçar minha admiração e ao mesmo tempo emoção de estar aqui. Não só por sempre admirar seu trabalho, mas pela lembrança de meu pai que vem quando lhe vejo. Bem, mas deixando isso de lado eu vim aqui lhe fazer uma proposta.

_ Pois não. Estou lhe ouvindo.

_ O senhor está sabendo do Plano de Urbanização que da Rocinha?

_ Fiquei sabendo sim Toledo. Inclusive é o seu escritório que trabalha nisso, não é?

_ Exatamente. E é por isso que vim até o senhor. Precisamos fazer outra passarela para a Estrada Lagoa-Barra e eu concluí que não tenho condições de projetar nada em frente ao seu CIEP. – disse seu CIEP, pois foi ele quem projetou e tem o maior carinho pela idéia.

_ Prossiga. – disse Niemeyer com um sorriso de quem já antevia o que eu iria propor.

_ E é daí que tive a idéia de convidá-lo para projetar a passarela da Rocinha.

_ Não vou projetá-la sozinho. O projeto é seu e podemos então fazer isso juntos. – retrucou Niemeyer.

_ Não acho uma boa idéia. Sabe por quê? Porque senão posso me acostumar e só conseguir projetar se for com você. – e nisso nós dois soltamos uma boa gargalhada e senti que o semblante dele estava mais leve e pensativo.

_ Tudo bem Toledo. Eu vou pensar só porque é para a Rocinha e depois eu te ligo.

_ De qualquer forma já agradeço imensamente a atenção. Afinal, não é todo dia que a gente conversa com o maior arquiteto brasileiro.

_ Chega disso Toledo e vamos embora porque temos muito trabalho a fazer.

E acreditem ou não, uns três dias depois dessa conversa chegou para mim o desenho da passarela. Na verdade eram umas linhas curvas que nos deram um trabalhão para transformar em maquete, mas que quando bati o olho me emocionei. Não tinha melhor passarela para colocar em frente à Rocinha. Isso porque ela lembrava aquele símbolo da praça da Apoteose, do carnaval. E essa passarela liga exatamente o lado da Lagoa-Barra que tem a Rocinha para o outro lado que, além do CIEP, tem a quadra da Escola de Samba Acadêmicos da Rocinha. E uma coisa eu gosto de deixar bem clara, ele não cobrou nada por isso. Foi um presente do Niemeyer para a Rocinha.

Isso corrobora com a minha idéia de que as intervenções urbanísticas em favelas tem que ser pensadas com um olhar diferenciado, com o objetivo de trazer coisas belas e de boa qualidade para esses espaços. A proposta é que não tenha que construir prédio popular, ou “coisas para pobre” dentro desses espaços. O ideal é que a cidade invada a favela e não o contrário. Temos que trabalhar para agregar valor e dar acesso a serviços e bens de qualidade. Isso trabalha inclusive com a auto-estima daquele grupo de pessoas que passa a valorizar seu espaço e conseqüentemente as pessoas que ali vivem.

E só para vocês terem uma idéia de como isso foi importante para a Rocinha vou contar dois episódios que envolviam o Niemeyer. O primeiro episódio foi em uma das reuniões que eu estava discutindo sobre o Plano de urbanização com um grupo da Rocinha. Dentre eles estava o William, que na época ainda era presidente da UPMMR, que não concordando com uma das coisas que eu defendia retrucou:

_ Quem você pensa que é, Toledo? Por acaso está achando que é o Niemeyer?

Essa frase me marcou muito, pois percebi como o Niemeyer era conhecido e reconhecido na Rocinha e o fato dele projetar algo para a Rocinha valorizava todas aquelas pessoas de uma forma que nem eu mesmo tinha dimensão.

O segundo episódio, que apenas reforça que a idéia da passarela projetada pelo Niemeyer foi muito boa, aconteceu no dia da posse do novo presidente da UPMMR, o Claudinho. Nesse mesmo dia foi a comemoração dos cem anos de Niemeyer e como

não podia deixar de ser, saí cedo de casa para ir até as Paineiras, onde ele estava recebendo os cumprimentos. Depois de conseguir cumprimentá-lo, fui direto para a Rocinha, onde eu já imaginava que a festa estava acabando, mas não queria deixar de cumprimentar o Claudinho. E chegando lá qual não foi minha surpresa. Sempre que tem esse tipo de evento na Rocinha fica cheio de faixas de vereador, deputado, entre outras figuras desejando um bom trabalho e demonstrando apoio ao novo presidente da associação. Mas quando cheguei lá e a cerimônia já tinha acabado só havia restado uma faixa que me emocionou muito. Nela estava a seguinte frase:

“Parabéns Niemeyer pelos seus 100 anos. A Rocinha agradece à passarela!”

Acho que com isso eu não preciso dizer mais nada. Na verdade preciso sim. Tem só mais um detalhe. Essa passarela representa bem a Rocinha não só pela imagem da Apoteose, mas também pela fluidez de seus traços e audácia de quem a desenhou. Fluidez e flexibilidade para driblar os desafios do dia a dia e audácia para seguir em frente, essas para mim são marcas fortes da Rocinha.



Figura 28: Projeto da Passarela e Centro Poliesportivo da Rocinha - arquivo M&T.

11.4. Em construção?

Saímos do escritório da Estrada da Gávea em novembro de 2007. Saímos com muitas alegrias e algumas frustrações. Tínhamos realizado o diagnóstico e tantas outras ações em paralelo, mas eu estava endividado até o pescoço pois coloquei 32 pessoas e um escritório todo equipado para funcionar ao longo de seis meses e demorei bastante para receber pelos serviços prestados. Foi uma loucura!

Mas saímos de lá com muitas alegrias e, acima de tudo, aprendizado. Conhecemos pessoas e uma realidade que transformou grande parte da equipe. Posso afirmar isso porque tive a oportunidade de conversar com cada um deles depois dessa fase de imersão na Rocinha e em quase todos os casos senti que aquela experiência tinha formado não só profissionais diferenciados, mas novas pessoas.

Agora, mais de um ano depois de deixarmos o escritório da Rocinha e continuarmos trabalhando, só que agora dispersos, consigo ver com mais clareza alguns dos principais desafios que ainda temos a enfrentar. Coloco “temos” porque falo aqui como um membro da comunidade da Rocinha que acredita que alguma coisa vai acontecer para melhorar o bairro, ou melhor, a cidade. O desafio lançado demanda grandes transformações que começam nas pessoas envolvidas e reflete na mudança estrutural do sistema como um todo, seja ele o governo ou a sociedade. O que vemos hoje é um caldeirão ainda em ebulição cuja solução é como uma moeda no fundo de toda essa água quente. Com o tempo, permitindo que a água esfrie e não fazendo o contrário, pode ser que consigamos pegar essa moeda no fundo com maior facilidade. Hoje vejo muitos impasses e pontas que precisam ser arrematadas, que precisam dialogar, se encaixar. Meu esforço aqui vai ser de dar alguns exemplos dessas incongruências mas com o objetivo de aprendizado e reflexão, pois acredito que só assim vamos conseguir fazer as coisas andarem. A partir de uma reflexão conjunta. Vejamos...

11.4.1. O lixo

Quem já entrou pelas ruelas da Rocinha sabe do que estou falando quando afirmo que o lixo é um dos problemas mais sérios daquele lugar. Se você for olhar os dados da

Gerência de Vigilância Epidemiológica da prefeitura sobre a incidência de doenças como leptospirose e verificar junto ao posto de saúde os casos de contaminação da Rocinha vocês vão ver como a situação do lixo no bairro causa problemas seriíssimos para a população.

Como aqui eu tenho a oportunidade de mostrar os bastidores da história, essa é uma que vale contar. Depois de contratados para desenvolver o Plano Diretor da Rocinha eu já estava á procura de alguém para integrar nossa equipe que fosse fera nessa parte de lixo. Mas não adiantava ser fera e não ter experiência em espaços complexos como o da Rocinha. Tinha que ser alguém disposto a mergulhar naquela realidade e propor soluções factíveis. Pois não é que os anjos me ouviram! Estava eu conversando com uma amiga de minha mulher, a bailarina Carmen Luz – que tem trabalhos na área de direitos humanos a partir da dança – sobre a Rocinha e toquei no assunto do lixo. E ela, que ouvia o que eu contava atentamente, interrompeu dizendo:

_ Meu filho é engenheiro ambiental e trabalha com isso.

_ Mas seu filho ainda é muito novo. Ele já tem experiência nessa área? – perguntei desconfiado.

_ Garanto que é a melhor pessoa para você conversar sobre isso. E não estou falando porque é meu filho não. – ela enfatizou num misto de orgulho de mãe e seriedade de profissional. – Para você ter uma idéia ele agora está na África trabalhando com um Plano de coleta de lixo para um local de uma pobreza inenarrável.

_ Nossa Carmen. Tenho certeza que não é a toa que nossa conversa foi direcionando para esse lado. Estou muito animado para conhecer seu filho!

Na manhã seguinte enviei um email para o filho da Carmen, o Cauam Cardoso. A resposta veio logo depois já marcando uma reunião nossa assim que ele voltasse pra o Brasil. E assim foi. Fizemos uma reunião eu, ele e um parceiro dele, o Bruno Duarte, que após escutarem minha descrição do desafio que eu colocava, concordaram empolgadíssimos em compor a equipe.

Esses meninos subiram e desceram a Estrada da Gávea não sei quantas vezes pendurados no caminhão de lixo. Fizeram várias reuniões com a Comlurb⁴⁵, que inclusive deu todo o apoio para as atividades que eles estavam desenvolvendo. Após três meses de imersão na Rocinha eles apresentaram um diagnóstico riquíssimo em detalhes e uma proposta não só viável para a resolução do problema do lixo na Rocinha, como também extremamente barata para os cofres públicos.

É engraçado porque nós não tínhamos a dimensão real do que era a coleta de lixo na Rocinha. É uma quantidade absurda de lixo produzida e que cruzando com os dados que levantamos por meio da quantidade de lajes da Rocinha só nos levou a confirmar que os dados populacionais do censo de 2000 – que indicava 56 mil habitantes – eram incoerentes com a quantidade de lixo produzida. O número de habitantes da Rocinha ao qual chegamos, de aproximadamente 116 mil habitantes era condizente com a quantidade de lixo detectada. E o mais incrível é que as pessoas à primeira vista pensam que o lixo não é coletado devido à quantidade de resíduos que você ainda encontra largado nas ruas, mas isso é inverídico. O diagnóstico realizado pelos meninos só confirmou que existe toda uma estrutura de caminhão, que sobe e desce a Estrada da Gávea mais de seis vezes ao dia – e que colaboram para o trânsito caótico daquela rua que apesar de ser a Rua principal da Rocinha, é estreita, mão dupla, com carros estacionados em vários pontos, com circulação permanente e incessante de ônibus e motoboys – e de pequenos tratores que coletam o lixo nas vielas menores. Além disso existem os Garis Comunitários, gerenciados pela Associação de Moradores com verba da prefeitura, e os Guardiões dos Rios que também trabalham ativamente na coleta de lixo.

⁴⁵ Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro.



Figura 29: Situação do lixo na Rocinha - arquivo M&T.



O grande desafio encontrado é que além dessas frentes não obedecerem a um Plano integrado de coleta do lixo, “a forma precária como o lixo é diariamente disposto para a coleta, a ausência de lixeiras, a falta de acesso dos caminhões a maior parte da comunidade, o baixo nível educacional de moradores que atiram impunemente toneladas de lixo nas valas e a enorme quantidade de lixo retirada pelos Garis Comunitários e pelos Guardiões dos Rios em mutirões regulares, explicitam uma realidade dura.”⁴⁶

Para vocês terem uma idéia, “segundo relatório da Comlurb, são coletadas em média 85 toneladas de lixo – diga-se resíduo doméstico, comercial e entulho – por dia. (...) Ao analisarmos a quantidade de lixo recolhida e a estimada para uma população de 116 mil habitantes – aproximadamente 98 toneladas com produção de 0,85 kg por pessoa – fica

⁴⁶ M&T- MAYERHOFER & TOLEDO. Plano de Coleta de lixo. In: M&T- MAYERHOFER & TOLEDO. Relatório dos produtos declarados no Plano de Trabalho para o desenvolvimento do Plano Sócio-Espacial da Rocinha. 23 de janeiro de 2008, p. 53.

explícito um passivo diário de 13 toneladas. Esse lixo é acumulado nas valas, em terrenos baldios e na interface da comunidade com a floresta, sendo retirado em mutirões de limpeza organizados por órgãos atuantes e no gradeamento das duas caixas de contenção locais.”⁴⁷

A solução que esses meninos encontraram, e que depois apresentamos para o governo do estado e em outras reuniões com pessoas da prefeitura, é mais de cunho gerencial do que de aquisição de materiais. A principal proposta gira em torno de colocar a Comlurb como responsável pela gestão dos Garis Comunitários, sem tirar a responsabilidade da Associação de moradores de cadastrar as pessoas da comunidade interessadas em prestar esse serviço. A proposta é cheia desses detalhes, propõe um sistema de coleta seletiva e praticamente não contempla a execução de obras.

Não teria como eu passar todos os detalhes propostos, porque são muitos – o que não indica que são de difícil aplicação. Eu considero uma das ações prioritárias na Rocinha, mas infelizmente ainda não consegui gerar nenhum eco nos governos. Pelo que andamos lá dentro e acompanhamos do desenvolvimento desse plano, ele não teria resistência dentro da Comlurb – que enfrenta essa barra diariamente – e muito menos dificuldades financeiras, visto que é um investimento baixo para o retorno – redução de gastos – proporcionado. Em minha opinião o principal desafio agora é chamar a atenção de nossos governantes sobre a prioridade disso, porque em toda oportunidade que tenho, não canso de enfatizar a importância desse plano, que ainda não saiu da gaveta.

Fico sonhando com esse plano implantado e minha expectativa é ouvir um dia um morador do Leblon⁴⁸ falando: “eu quero um sistema de coleta seletiva igual ao da Rocinha”.

11.4.2. Decreto N° 28341 de 21/08/07

Com quase quatro meses de funcionamento a pleno vapor do escritório na Rocinha, e em vias de finalizar o diagnóstico detalhado do uso efetivo do solo recebemos uma notícia que no primeiro momento nos desapontou. No dia 21 de agosto de 2007 a

⁴⁷ Idem, P. 61.

⁴⁸ Bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro.

prefeitura do Rio publicou o Decreto N° 28341 que definia as condições necessárias para novas construções e garantia que as já existentes também pudessem se regularizar, desde que atendendo às condições exigidas⁴⁹.

Desde nossas primeiras intervenções na Rocinha tivemos o cuidado, e até mesmo o interesse, de irmos até a RA – Região Administrativa da Rocinha para apresentarmos as idéias do concurso e demonstrar nosso interesse numa atuação da prefeitura junto ao desenvolvimento do Plano. Sabemos que a RA conta com uma equipe enxuta, principalmente no POT-Posto de Orientação Técnica que é o responsável pelo apoio e fiscalização urbanística da Rocinha. Sabemos também que os técnicos do POT estão desde o final da década de 90 na Rocinha e que com certeza tinham uma grande quantidade de informações coletadas. Mas o fato é que ao cruzar o decreto com os dados do diagnóstico que havíamos acabado de fazer algumas exigências do desse novo regulamento não condiziam com a realidade.

Um ponto positivo nessa história toda é que fui convidado pela Secretaria de Urbanismo do município para participar da reunião do Conselho Municipal de Política Urbana – COMPUR. Nessa oportunidade, que se não me engano foi no dia 13 de dezembro de 2007, apresentei o trabalho desenvolvido na Rocinha, a metodologia utilizada e os resultados que chegamos, reforçando ao final que esses resultados podiam ainda contribuir para o Decreto publicado em agosto.

Com a ajuda do David Cardeman, que é fera nessas coisas de legislação urbanística, peguei o número de pavimentos definidos pelo decreto e cruzei com os pavimentos que havíamos identificado. Com essas informações sobrepostas tivemos condições de enfatizar que alguns eixos cujo decreto delimitava no máximo 4 pavimentos, tinham na realidade uma média de 5 pavimentos. Em outros eixos, por sua vez, que pelo decreto poderiam ter até 3 pavimentos, tinham em média 2. Outro ponto importante foi que, com a densidade populacional existente e o número de pavimentos permitido pelo decreto, não tinha como promover o reassentamento da população. Durante minha exposição citei o exemplo do bairro Barcelos que se redesenhado de forma a respeitar um percentual de 25% de área livre, chegaríamos ao número de 10 pavimentos caso o

⁴⁹ Trecho adaptado do folder de divulgação do POT – Posto de Orientação Técnica da Rocinha.

reassentamento da população fosse feito no mesmo local. Ao final da reunião o Secretário Municipal de Urbanismo encerrou sugerindo um encontro entre a equipe da SMU – Secretaria Municipal de Urbanismo e o pessoal do escritório, para que trocássemos idéias quanto ao trabalho desenvolvido⁵⁰.



Figura 30: Alguns desafios encontrados na Rocinha quanto ao número de pavimentos – arquivo M&T.

Infelizmente uma reunião para discutir isso nunca aconteceu, acredito inclusive que pela quantidade de coisas que surgiram após isso. Pois uma coisa tenho que enaltecer: a Secretaria Municipal de Urbanismo montou uma comissão na época em que o projeto do Centro esportivo ficou pronto para aprová-lo com mais rapidez. No entanto, exatamente esbarrando nessas questões do decreto, o projeto dos prédios para realocação de alguns moradores de áreas de risco ou de alargamento de ruas ainda não foi aprovado. Isso porque o número de pavimentos que sugerimos para o prédio é maior que o permitido pelo decreto. Mas essa questão da construção das moradias é uma novela que depende da articulação de várias instâncias burocráticas. Isso aí mostra como é importante se pensar uma legislação urbanística específica para áreas como a Rocinha, com especificidades distintas da chamada “cidade formal”.

Até março de 2009 vamos entregar para os governos uma contribuição belíssima que será uma proposta de legislação urbanística para a Rocinha. Na verdade a nossa idéia é que a Rocinha tenha um PEU – Plano de Estruturação Urbana aliado a um Projeto de Alinhamento – PA para as principais ruas da Rocinha, coisa que todo bairro tem. Um PEU seria para definir tanto os pavimentos quanto o mínimo de estruturação urbana do

⁵⁰ Trecho baseado na Ata COMPUR de 13 de dezembro de 2007. Disponível em http://www2.rio.rj.gov.br/smu/compur/atas_13122007.asp. Acessada em 07 de janeiro de 2009.

bairro, o PA, por sua vez, definiria um alinhamento do logradouro público – calçada e via pública – o que acaba definindo um recuo mínimo das casas que seria implantado quando tivessem reformas que atingissem mais de 2/3 da casa. Com isso, lentamente, as principais ruas da Rocinha estariam se abrindo sem precisar remover um grande contingente populacional.

Tenho que chamar a atenção para duas questões. A primeira é que essa idéia de criar um PEU e um Projeto de alinhamento para a Rocinha não é só coisa da nossa cabeça não. O David Cardeman, em suas pesquisas, descobriu que no Plano Diretor da Cidade de 1992 já existia um artigo que dizia da necessidade de se criar um PEU para a Rocinha⁵¹. Quanto ao Projeto de Alinhamento, esse já está previsto na lei que delimitava a Região Administrativa da Rocinha em 1993⁵². Ou seja, na legislação urbanística de favelas nada se inventa, mas quase tudo se esquece.

Além disso, a segunda questão que queria chamar a atenção é para o fato da Rocinha em 2001 ter sido considerada uma Área de Especial Interesse Social – AIES, o que permite que ela seja legislada por decretos. No entanto, o que estamos propondo é a base para o

⁵¹ Como última abordagem o Plano Diretor dispõe em seu artigo 227:

Art. 227 – Até que seja elaborado **Projeto de Estruturação Urbana** específico para a área, fica vedada a edificação de novas construções na Rocinha, exceto aquelas de iniciativa e responsabilidade dos poderes públicos.

⁵² A Lei n. 1995 de 18 de junho de 1993, delimitou a XXVIII Região Administrativa – Rocinha, criou e delimitou o bairro da Rocinha, alterando a delimitação da VI RA – Lagoa e dos bairros da Gávea, São Conrado e Vidigal, subdividindo o bairro da Rocinha em áreas segundo especificidades.

Em seu artigo 7º a Lei 1995/93 dispõe que o bairro da Rocinha será objeto de programa especial que abrangerá: I – regularização fundiária; **II – regularização urbanística**; III – urbanização; IV – reassentamento da população moradora em áreas de risco e de proteção ambiental; V – recuperação das condições ambientais locais.

§ 1º -A regularização urbanística ocorrerá nas áreas passíveis de urbanização e compreenderá:

I – aprovação de Projetos de Alinhamento – PA; II – edição de legislação específica de uso e ocupação do solo; III – reconhecimento dos logradouros, na forma peculiar às características locais; IV – implantação de sistemas de fiscalização do uso e ocupação do solo; V – elaboração de cadastro de lotes e edificações para regularização fundiária; VI – lançamento dos lotes e edificações no cadastro imobiliário do Município; VII – edição de legislação de parcelamento da terra.

§ 2º – A urbanização será executada com base em **projeto urbanístico especial** e compreenderá: I – implantação de sistema de abastecimento de água; II – implantação de sistema de esgotamento sanitário; III – implantação de serviços permanentes de remoção de resíduos sólidos; IV – eliminação dos fatores de risco; V – implantação de equipamentos urbanos; VI – tratamento das vias; VII – implantação de sistema de drenagem pluvial; VIII – implantação de iluminação pública e melhoria da existente; **IX – implantação de projetos de alinhamento**; X – reflorestamento.

desenvolvimento de um PEU e um PA para a Rocinha, com todas as etapas que são necessárias: desde a discussão dessa legislação em Audiências Públicas até a votação na câmara. Claro que isso é uma proposta, pois se trata de algo a ser encabeçado pela prefeitura. Mas se desenvolvido dessa forma, garantimos inclusive a apropriação por parte dos moradores da Rocinha de normas tão importantes, e de certa forma tão demandada por eles.

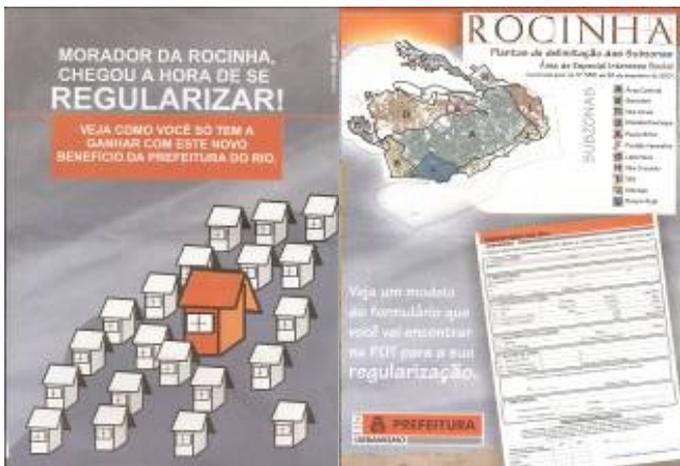


Figura 31:Folder de divulgação do Decreto 28.341 : Posto de Orientação Técnica da Prefeitura do Rio



11.4.3. O desafio da moradia

Olá pessoal. Sou eu de volta, Paulo César, mais conhecido como PC. Pedi a fala pro meu amigo Toledo porque tô muito envolvido nessa discussão das moradias. Isso já tá virando uma novela e só Deus sabe a barra que nós tamo tendo que segurar aqui com a comunidade. Primeiramente, tenho que explicar pra vocês como é que eu continuo envolvido nessa história ainda.

Depois que o escritório do Toledo já tinha saído daqui e o pessoal do consórcio Novos Tempos, que ganhou a licitação para fazer as obras propostas no plano, já estava se organizando para começar suas atividades eu fui contratado pela Agência 21 para trabalhar na parte social do PAC da Rocinha. Na verdade, o que acontece é que tem uma lei que obriga a empresa que vai executar o plano a investir 2,5 % do valor aplicado na obra como um todo num trabalho social. Esse trabalho social vem com a idéia de que não dá pra chegar à cidadania com obra física e sim com a participação da população. Então eles contrataram a Agência 21, que é uma empresa que mexe com essa coisa de fazer o meio de campo entre a obra e os técnicos dela, com a população, que seria a real dona do negócio como um todo. A Agência 21 pegou o trabalho social do PAC todo. Ela tem um escritório central que fica lá na Praia do Flamengo e tem o que eles chamam de “Canteiro Social” dentro de cada comunidade que ta tendo o PAC: no Alemão, em Manguinhos e aqui na Rocinha.



Figura 32: Folder de divulgação do Canteiro Social na Rocinha.

Mas voltando a como eu continuei nessa história, o que aconteceu é que o pessoal da Agência 21 perguntou pro Toledo se ele não indicava alguém da comunidade que tivesse jeito para esse trabalho social e com conhecimento do plano de urbanização. Ele na hora indicou o meu nome e o do Ediglé. Eles fizeram uma entrevista com a gente e em abril de 2008 a gente tava aqui continuando a dar nosso suor pra esse projeto. Outra pessoa que trabalhou como estagiário na época do escritório do Toledo na Rocinha e

que hoje é gerente do trabalho social do PAC na Rocinha, também pela Agência 21, é o Marat Troina.

O Ediglé saiu daqui do Canteiro Social em dezembro de 2008 e voltou pro Ceará, porque a mulher dele foi pra lá e fez a maior pressão para ele voltar. E vocês já viram, nessas horas família sempre fala mais alto. E agora estou aqui, tentando segurar esse rojão que acredito que Deus vai ajudar a resolver na hora certa. Tem tanta coisa acontecendo, ou melhor, tem tanta coisa que já devia ta acontecendo e que embola no meio de campo com essas burocracias todas que vocês nem imaginam. Vou contar pra vocês só a novela da construção dos prédios pro pessoal que vai ser realocado por conta da abertura de ruas ou por morarem em área de risco.

Quando ainda estávamos discutindo o plano com a comunidade, na época do escritório aqui dentro da Rocinha, uma das coisas que ficou combinada com todo mundo é que ninguém seria tirado de sua casa sem que os prédios para moradia fossem construídos. Porque assim teria onde realocar o pessoal durante as outras obras. Claro que desde o início ficou claro que seriam três as opções para o pessoal que teria que sair de suas casas. Ou ele receberia uma indenização no preço da sua casa, ou ele iria morar nos novos prédios construídos dentro da comunidade, ou ele escolhia a compra assistida, que é o Estado comprar uma casa que tenha um valor parecido com a que você morava.

Pois bem, é aí que começa a novela. Até hoje, e isso eu to falando de fevereiro de 2009, o governo não conseguiu desapropriar as garagens de ônibus onde vão ser construídos não só os prédios, mas a Unidade Pré-hospitalar (Centro Integrado de Atenção á Saúde) e a Creche. A partir daí vocês já imaginam a confusão que a gente ta enfrentando. As únicas obras que conseguem sair do papel é a do centro esportivo e a da passarela lá embaixo. Isso aí já dá espaço pro povo falar que só tão construindo coisas pra fora da favela e para aparecer pro povo que passa de carro na Lagoa-Barra. Mas o buraco é mais embaixo. Já fizemos várias reuniões de comitê do PAC, que é uma reunião que o Canteiro social organiza toda semana com os moradores para discutir o PAC na Rocinha, para tentarmos pensar em alternativas para essa situação. Mas como que começa o alargamento da Rua 4, por exemplo, sem estar com os prédios construídos? E o pior é que esse negócio de negociar com a garagem de ônibus tinha que ser mais rápido. O dono da garagem ta colocando um monte de exigência durante o processo de

desapropriação e acaba atrasando a obra toda. Essa negociação toda ainda tá andando mas a única coisa que posso falar é que essas leis são boas não sei para quem.

Pra vocês terem uma idéia, tem outra coisa nessa história dos prédios que também tá ligado as leis que estabelecem as regras de urbanização. O Toledo me contou que logo quando ele tava na fase de projetar os prédios, o pessoal da EMOP – empresa estatal responsável pelas obras – pediu para ele desenhar um prédio que fosse todo sustentável. Que tivesse a preocupação com o meio ambiente e que acabasse sendo mais barata a manutenção. Isso porque ele não ia colocar energia elétrica, ia ser a solar. A água também tinha um esquema de aproveitar a chuva e tal. Eu sei que o prédio que o grupo dos arquitetos do Toledo desenhou era algo de dar inveja em muita gente da zona sul. Até porque ele sempre falava que tinha que trazer coisas de qualidade pra dentro da favela, fazer a cidade invadir a favela. Além disso, o prédio tinha sido todo pensado com estruturas pré-moldadas, porque aí não ia precisar fazer fundações muito profundas – até porque o relevo da Rocinha não permite -, nem subir com caminhões e tratores que produziram o negócio lá em cima. Já levaria a estrutura pronta e isso seria uma ótima adaptação às ruas estreitas e sempre movimentadas da Rocinha.



Figura 33: Matéria publicada no Jornal O Globo (29.01.07) sobre os prédios “ecologicamente corretos”

Mas e aí o que aconteceu? Essa é muito boa! O pessoal da Caixa Econômica Federal, que é quem libera o dinheiro para as obras, disse que não tinha nenhum regulamento na caixa que permitisse a construção de prédios com essas características. Que o projeto

tinha que se adequar a um dos protocolos da Caixa, que nesse caso, só poderia então construir prédios populares. Mas vocês acham que para por aí? Nada disso. As vezes acho que foi isso tudo que acabou deixando o Toledo doente.

Depois de terem que refazer todo o projeto para adequar às exigências de um dos regulamentos da Caixa, o grupo de arquitetos do Toledo recebe mais uma notícia. O tamanho do apartamento que tinha sido definido com a comunidade também teria que mudar. Mudar de novo. Porque no momento da primeira adequação às linhas de financiamento da Caixa, o que antes iam ser apartamentos de 3, 2 e 1 quartos, passou a ser todos de 2 quartos. E agora que já tinham até construído um exemplo do apartamento lá na Lagoa-barra com as especificações que já havíamos revisado surge mais essa. Como o projeto dos prédios do Alemão, feitos pelo arquiteto Mário Jorge Jaureg, foram aprovados pela Caixa, a EMOP decidiu utilizá-lo em todas as favelas. Não sei se é melhor ou pior, só sei que aquilo que já tínhamos acordado e trabalhado não é o que vai ser construído. Agora vocês imaginam como fica a minha cara quando vou explicar isso para a comunidade. É gente, não é mole não!

E no meio dessa história toda eu descobri mais um detalhe. Sabe a compra assistida, que seria uma das três opções para o morador que seria removido? Antes de discutir isso com a comunidade eu fui procurar saber e descobri que para o Estado fazer a compra assistida, a casa escolhida pelo morador realocado além de ter as características e o preço parecidos com a que ele morava, ela tem que ser registrada no RGI, que é o Registro Geral de Imóveis. Ou seja, se esse cara encontrar essa casa na Rocinha, ele pode jogar na loteria que ganha. Porque quase todas as casas aqui da Rocinha não são registradas, se muito elas são registradas na associação de moradores, que aqui pra gente, em termos de compra e venda vale. Mas aí vocês entenderam como que essas leis não foram feitas pra favela? E aí agora a gente ta enfrentando tudo isso. Temos muito trabalho pela frente mas sei que o Cara lá de cima vai me dá a alegria de ver esse projeto acontecer aqui dentro, passando por cima de todas essas dificuldades.

12. FIEL DEFESA

“Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.”⁵³

_ Antes de qualquer coisa, preciso que você responda a duas perguntas: – um dos membros da banca interrompeu o silêncio que ficou quando finalizei a apresentação de minha dissertação. _ Porque a Rocinha? E porque não utilizar as normas estabelecidas para um trabalho científico?

Tenho que confessar que já esperava perguntas como essa, e que de certa forma estava com a resposta na ponta da língua. Não tinha como! Para explicar o “por que” eu tinha que contar como se deu meu contato com a Rocinha e o que me motivou a expor as idéias de uma forma diferente. E é por isso que resolvi reproduzir minha resposta à essa pergunta como um último capítulo da história. O que espero é que após lerem toda a história, vocês cheguem até aqui comigo dispostos a defender o que está nessas páginas. Na verdade não defender o que está escrito, mas o que preenche as letras e exala aquele perfume sedutor que envolve dizendo: “Sim, serei fiel a essa bela história real”. E foi assim que aconteceu...

_ Sei que minha dissertação num primeiro momento pode causar um estranhamento, mas preciso primeiro explicar o contexto em que ela foi descoberta. Acredito que a partir da compreensão das contingências não só de minha identidade como do espaço em que eu me inseri, conseguirei responder às duas perguntas colocadas pela banca e até mesmo outras que possam existir nesse sentido. Para isso, se me permitem, vou dividir minha fala em três partes: “quem estou”, “onde estava” e “onde estou”.

Primeiramente “quem estou”. Gosto da descrição de um amigo que disse que eu “sofro de empolgação”. Acho muito acertada essa descrição e explica um pouco do que me move. Não consigo entrar em nada que eu não acredite de verdade, que eu não sinta meu coração palpitar. E isso é tão verdade, que quando sinto que o negócio não está

⁵³ *Soneto da Fidelidade, Vinícius de Moraes.*

encontrando eco no meu coração, eu adoeço. Vocês riem, mas é verdade. É um tanto quanto complexo. Mas sou assim.

Sou a mais velha de quatro filhos, de pais lindos que estão juntos até hoje e que já sofreram e aprenderam muito com a vida. Quando eu falo muito, é muito mesmo. Com eles aprendi a tentar enxergar sempre o outro ângulo das coisas, pois se está ruim, “tente pensar de outra maneira”. Meu pai é o tipo de cara que levantava 5 horas da manhã para me levar de ônibus pro colégio e que, independente de estar chovendo ou de estar com problemas, sempre abria um sorriso para o motorista e o trocador dizendo “bom dia” com toda a alegria. Minha mãe, por sua vez, é uma das pessoas mais inteligentes que conheci, porque além da razão que sempre preencheu a sua maneira decidida de ver a vida, sempre foi guiada por aquilo que seu coração fala.

Sou uma mineira no Rio de Janeiro – talvez por isso minha admiração pelos poemas de Drummond tenha se tornado mais intensa nos últimos tempos: sinto simpatia pelo certinho do mineiro solto na exuberância carioca. E aqui na cidade maravilhosa conto com meu “amantiamado”⁵⁴ companheiro que é quem me acolhe e dá força para lutar contra alguns moinhos de vento.

E porque estou contando isso? Para ser coerente com aquilo que defendo que é a importância de se pensar os “quens” do processo. Muito do que está escrito nessas páginas e a forma de apresentação escolhida são frutos de um olhar construído e em permanente construção. Minha tentativa com essa brevíssima viagem por “quem estou” é apresentar alguns dos encontros que contribuíram para esse olhar.

Agora passo para a segunda parte de minha fala: “onde estava”. O que posso dizer é que estava perdida. Lembro-me que era setembro de 2008, eu sabia que faltavam seis meses para defender algo que não conseguia começar. Dissertação, pesquisa, método científico. Via-me entre barreiras e limites. Lia e estipulava regras que não conseguia seguir. Mais de não sei quantos arquivos em meu computador com o nome “divagações”, “idéias”, “sumário 1, 2, 3”.

⁵⁴ Neologismo utilizado por Drummond no poema “Elegia carioca”.

Entrei no mestrado querendo entender como funcionam as redes sociais, as redes de relações. Eu tinha certeza que existia uma lógica, que após ser desvendada serviria como uma compreensão transversal às redes de forma geral e que, a partir daí, seria possível a criação de um “método de análise” ou, melhor ainda, um “método de desenvolvimento” de redes de relações. No entanto, a jornada pelo mestrado serviu para descortinar o mundo das incertezas e, com um choque de realidade aliada ao entrelaçado de autores e textos que mostravam e demonstravam diferentes saídas para a mesma coisa que percebi que precisava, parafraseando meu orientador Roberto Bartholo, “aprender a pensar”. Esse processo dolorido levou um tempo, e quando achava que tudo estava começando a ficar claro, vinha novamente uma frase do Bartholo ecoando: “clareza demais ofusca”. Após um tempo percebi que o que ele tentava me ensinar dependia apenas de mim: precisava me entender comigo, ou seja, permitir me perder para me encontrar.

O processo de me perder foi algo mais doloroso ainda, mas realmente processual. No momento em que percebi, já não conseguia criar uma linha de raciocínio lógica para a dissertação. Já não sabia mais o que estudar o que pesquisar e qual o objetivo geral deveria (ou queria) atingir. A partir daí, o processo angustiante de anteriormente ter claro o que queria, mas não saber como desenvolver, dava lugar ao eco de diversas idéias que não se apresentavam como únicas e, de tão dançantes, entrelaçavam com diversos objetivos e rumos que me seduziam, faceiramente enlouquecendo.

Fui apresentada à obra de Larissa Lomnitz, pela qual me encantei. Primeiramente achava que era pelo fato de ela falar de redes de intercâmbio recíproco, ajuda - mútua, confiança, enfim, temas que eu acreditava estar realmente ligados a compreensão de “cómo sobreviven los marginados” – assunto que era de meu interesse. A idéia que ela trazia da relação entre o formal e o informal também me atraíam. E num primeiro momento, buscando um objeto de pesquisa no qual eu pudesse “aplicar” esses conceitos trabalhados por Larissa Lomnitz, dei início a uma verdadeira peregrinação.

O primeiro caso que busquei foi um terreiro de umbanda. Na verdade não era o terreiro em si, mas a responsável por ele, uma mãe-de-santo. Uma líder forte que por meio de seus contatos servia como um fio condutor dos serviços públicos que não chegavam à região pobre. O projeto era belo e verdadeiro, mas possuía alguns pontos que iam de

encontro a certas questões íntimas que impediam meu envolvimento “de corpo e alma” na pesquisa. Coisa que, mesmo sabendo do pretense distanciamento pesquisador/objeto, seria impossível para mim, que preciso sentir meu coração palpitar para seguir em frente.

Pois bem. A partir daí minha busca por um objeto se tornou cada vez mais intensa. Sentia que deveria ser em uma favela, mas como uma mineira pode se envolver em uma favela no Rio de Janeiro, conhecendo a cidade apenas superficialmente? As favelas que conhecia eram de Belo Horizonte, onde atuava na área social. Mas, seguindo sugestões de alguns amigos do mestrado fui parar na Comunidade de Vila Canoas, favela na qual o LTDS (Laboratório de tecnologia e desenvolvimento social) já havia pesquisado sobre uma experiência de turismo sustentável, o projeto “Favela Receptiva”. Com um tour pela favela, guiada por Eneida – liderança da comunidade que toca o projeto “Favela receptiva” – conheci Dona Iraci, moradora a mais de trinta anos da Vila Canoas e presidente da Associação de Mulheres da Comunidade, que me contou sua história. História essa que reflete a realidade de grande parte dos moradores das favelas cariocas: nordestina que veio para o Rio de Janeiro em busca de uma vida melhor e que, se estabelecendo em um local (favela) próximo ao trabalho (doméstica, emprego informal e/ou formal, porém mal remunerado) trouxe outros membros da família para morarem próximo a ela e trabalharem no mesmo local, ou em local indicado por ela.

Nessa conversa que tive com Dona Iraci, o que mais me chamou a atenção foi o discurso que ela pronunciava com muito orgulho: “aqui conhecemos todo mundo, sei a quantidade certa de barracões e de moradores; não podemos mais crescer e ajudamos a prefeitura nisso”. Essa favela guarda segredos. Logo ao chegar você já tem um grande impacto pelo fato de sua entrada ser na Estrada das Canoas, local que a primeira vista não diz “acobertar” uma favela, mas sim as grandes e luxuosas residências de seu lado esquerdo. Os aparentes simplórios estabelecimentos comerciais de poucos ou únicos andares dão lugar a verdadeiros “arranha-chãos”, com mais 3, 4 andares para baixo do nível da rua. Claro que isso você só consegue ver ao entrar por uma pequena ruela por detrás de um desses simples estabelecimentos comerciais. E, imersa nesse contexto Dona Iraci contou algumas formas e alternativas de sobrevivência daquela comunidade que tinha muito orgulho da vista (Pedra Bonita, Gávea Golf Club e um verde exuberante) e uma grande rede de relações que a apoiava: Hotel Intercontinental, PUC-

Rio e Associação de Moradores de São Conrado - AMASCO. Essa última instituição foi a que me chamou mais atenção: Dona Iraci contou que a Associação de Moradores de Vila Canoas fazia parte da AMASCO e que possuía uma boa relação com a associação, inclusive tendo representantes da Vila atuando nessa interlocução.

A partir dessa última revelação fiquei muito interessada em saber como se dava essa convivência, e acima de tudo, quais frutos ela gerava para realidades tão distantes mas que compartilhavam a mesma rua. E assim, encontrei no site da AMASCO o contato do escritório onde a associação funciona e liguei explicando que gostaria de saber mais sobre a AMASCO e sua interface com a Vila Canoas. A pessoa que me atende, passou o celular de Dona Marlene que, segundo ele, era vice-diretora da associação e morava em Canoas, ou seja, teria melhores condições de me dar às informações que buscava. Entrei em contato pelo celular de Dona Marlene e marcamos uma reunião no Fashion Mall – shopping classe A do Rio de Janeiro, localizado em São Conrado – onde funciona a AMASCO.

E qual não foi minha surpresa quando encontro com Dona Marlene e vejo que ela, na verdade, era moradora da Estrada das Canoas, em uma das casas do lado esquerdo da rua. Talvez fosse realmente um erro meu achar que a Dona Marlene era a representante da Vila Canoas na AMASCO. Mas o que realmente me surpreendeu ao longo da conversa foi o surgimento de outro ator nessa história toda: o PC da Rocinha.

Dona Marlene foi muito prestativa e disse que se eu estava interessada em uma verdadeira parceria entre a Associação de Moradores de São Conrado e uma favela, eu tinha que conhecer o trabalho do Fórum Técnico da Rocinha. E dizendo isso, terminou com a frase: “esse fórum foi o pai do PAC (Plano de Aceleração do Crescimento do governo federal) da Rocinha. E acho que seria bom você conversar com o Paulo César, o PC.” Essa fala de Dona Marlene já havia aguçado minha curiosidade, quando ela deu aquilo que considerei a prova maior de que ali existia algo diferente: na mesma hora ela pegou o telefone e ligou para o PC falando sobre meu interesse em conhecer o projeto e ele prontamente marcou um horário para conversarmos.

A partir daí vocês já conhecem a história. Subi pela primeira vez a Rocinha, conversei com o PC, que com seus olhos me dizia o quanto aquele projeto representava na vida dele e o quanto ele acreditava nas pessoas envolvidas nessa história.

E a partir desse encontro eu parto para a terceira parte de minha fala: “onde estou”.

Após conhecer algumas das pessoas envolvidas com o Plano de Urbanização da Rocinha, percebi que a tentativa de ler aquela realidade a partir de uma determinada teoria estava me sufocando. O caso, e as pessoas cada vez mais me encantavam, fascinavam e eu sentia como que cometendo um assassinato tentando encaixar essa história dentro do olhar desse ou daquele autor. Depois de muito pensar resolvi colocar no papel a história e ir lentamente desvendando os mistérios do caso de construção do Plano de Urbanização da Rocinha a partir de seus diversos participantes, de seus diversos atores.

O mais engraçado foi o seguinte: a partir do momento que resolvi chutar o balde para as regras, fui percebendo que o que me chamava a atenção nas obras de Larissa Lomnitz não era esse ou aquele conceito, mas sim o seu compromisso com o outro e com o caso. E lentamente observei que era esse o olhar, era esse o “método”: mergulhar de cabeça em uma dada realidade, percebendo os “quens” que se encontram na construção de algum processo que me intriga, ou melhor, que me seduz. E assim, envolvida na ousadia da antropologia “Laríssica”, que minhas aspirações e inspirações encontraram eco, que escolhi meu objeto e metodologia.

Hoje posso dizer que as pessoas que convivi ao mergulhar nessa história me transformaram. Cada um que eu conversava trazia uma visão diferente que confluía para a mesma história, para os mesmos resultados. E não tinha como. Já me sentia como que vendo o caso a partir de um caleidoscópio, em que a cada ângulo conseguiria descrever o mesmo caso de maneira diferente. E aí entra a concepção de formal e informal: como num caleidoscópio. Percebi que a realidade é entremeada de formalidades e informalidades, que depende de qual é o olhar. E como estruturar essa miscelânea, tentar contemplar uma parcela mínima da complexidade da vida vivida e das relações que a fazem pulsar, se não inserisse outra dimensão nessa dissertação?

Senti a necessidade de transferir para o papel as sensações que tive, o envolvimento, a descoberta, enfim, a magia desses encontros. E assim, envolvida pela idéia da sedução, resolvi transformar isso tudo em algo belo, em algo gostoso de ler, de compartilhar, e, desculpem-me a pretensão, de transformar. E para seduzir não teria como usar a forma universal – sem limites, eterna – e a estrutura imparcial. Não teria como me isentar dessa responsabilidade, desse crime sou culpada. E quanto a minha não pretensão do universal, deixo para Drummond justificar, pois “as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão⁵⁵.”

13. INCONCLUSÕES

Para ser coerente com o que fiz nesse trabalho até o momento, não tentarei apontar conclusões sobre o processo de desenvolvimento de Políticas de Intervenção em favela, ou de atuação junto à cidade informal. Nesse espaço, o meu esforço será compartilhar com vocês algumas das questões que me saltaram aos olhos durante o desenvolvimento e escrita desse trabalho. Acredito que essas questões criam uma atmosfera diferente a nossa volta, que nos força a pensar de outra maneira, que nos força a mover, a atravessar.

“No começo é a relação.” (BUBER 1974: p.20) Essa frase de Buber diz muito do que pude apreender dessa história. Se olharmos com os olhos de ver, notaremos o que a princípio parece óbvio, mas que acontece sem que seja dada a devida atenção: nos interstícios de toda a estrutura formal, existe aquilo que faz com que ela se mova, existe o informal, as relações interpessoais. Sejam elas relações já existentes que fizeram com que instituições como a AMASCO, o IAB e a ADEMI que participaram do Fórum Técnico da Rocinha fossem, na verdade, representadas por amigos como Mauro Guarany, David Cardeman e Britz. Ou mesmo relações que aconteceram ao longo do caminho, a partir do interesse mútuo de algumas pessoas em correr o risco de se transformarem, e conseqüentemente transformarem a maneira de lidar com o que foi chamado de Plano de Urbanização.

⁵⁵ Poema “Memória”. Carlos Drummond de Andrade.

Um olhar atento para essas relações, que foi a proposta desse trabalho, nos permite compreender que existem outras “moedas de troca” na vida vivida diferentes daquelas asseguradas pelas leis e contratos. Ao notarmos que o caso do Plano de Urbanização da Rocinha partiu de outros pressupostos de organização e desenvolvimento, podemos identificar a importância das relações de confiança, sem contratos e avalistas, para o surgimento de outra forma de operar. Claro que essas relações de confiança convivem com as relações baseadas na confiabilidade, asseguradas por contratos e regulamentos. No entanto, o que podemos notar é a importância de se pensar na convivência entre esses dois tipos de relação (confiança e confiabilidade). Isso porque a prevalência de relações de confiabilidade – como ocorreu nos desafios apresentados ao final do estudo de caso, cujas relações de confiabilidade além de prevalecerem, não apresentam flexibilidade para lidar com novas questões – acaba por impossibilitar o surgimento de diferentes soluções para realidades complexas e novas. A prevalência de relações de confiança muito observadas na dita “Cidade Informal”, por sua vez, pode levar a ausência de reconhecimento “formal” de atividades que o demandam, como é a questão da moradia irregular e do acesso a serviços públicos básicos.

Outra questão que o Plano de Urbanização da Rocinha nos revela é a possibilidade de se pensar grande a partir do pequeno, de utilizar os diferentes saberes e olhares para a construção de algo novo a partir das especificidades locais. Mas também nos revela grandes entraves relacionados ao que se tem como “A verdade” hoje, ao que se entende como “O Formal”. Essa verdade, por sua vez, faz parte do vocabulário final daqueles que vivem – a partir dessa concepção – na cidade informal. Pois não é difícil escutar dos próprios moradores frases como “nós éramos e somos ilegais”. Sobre isso, utilizo uma análise de Boaventura de Souza Santos no texto “Notas sobre a História Jurídico-Social de Passárgada”⁵⁶, em que retrata bem o peso de expressões como essa:

A expressão “nós éramos e somos ilegais”, que, no seu contexto semântico, liga o *status* de ilegalidade com a própria condição humana dos habitantes de Passárgada, pode ser interpretada como indicação de que nas atitudes destes para com o sistema jurídico nacional tudo se passa como se a legalidade da posse da terra se repercutisse sobre todas as outras relações sociais, mesmo sobre aquelas que nada têm a ver com a terra ou com a habitação (BOAVENTURA, 1974: p.8).

⁵⁶ Esse texto faz parte de um estudo sobre as estruturas jurídicas internas de uma favela do Rio de Janeiro, a que Boaventura deu o nome fictício de Passárgada.

A concepção de formalidade que permeia expressões como a citada por Boaventura de Souza Santos é a mesma que divide Cidade Formal de Informal, que obriga as idéias pensadas em conjunto – pelo saber técnico (arquitetos), saber tácito (moradores) e pelo que surgiu a partir da descrição e re-descrição entre as pessoas envolvidas nesse processo, sejam elas o que fossem – a se adequarem as regras formais estabelecidas em uma dada contingência, diferente da que preenche o espaço-tempo atual. Ou seja, o formal de hoje é aquele que não contempla o informal de hoje, é aquele que coloca no pacote da informalidade tudo aquilo que não é regularizado. Será que a concepção de formal e informal não está caduca? Será que não existe informalidade em nosso Congresso Nacional, durante as campanhas políticas, nos cartórios, nas ruas construídas e nas casas registradas no Registro Geral de Imóveis? Será que não seria mais coerente com aquilo que vemos hoje chamarmos de informal o espaço das relações interpessoais, ou seja, o espaço em que se assume o Risco de uma transformação radical, de alteração daquilo que você entende como a sua verdade? Será que as normas, regras e leis que são estabelecidas dentro da dita “cidade informal” não seriam, na verdade, uma forma encontrada por aqueles indivíduos de balizar e regular suas relações, para além das relações de confiança?

A partir dessas questões, acredito ser coerente se pensar no informal enquanto o espaço das relações interhumanas balizadas por dimensões simbólico-culturais e não por contratos e regulamentos. Ou seja, espaço onde ocorre o processo de descrição e redescricao para a constante criação, absorção e reinvenção de vocabulários, visto que quem faz uso desse artefato são os seres humanos. A compreensão do formal, por sua vez, seria do espaço composto por formas estáveis de convivência entre vocabulários, asseguradas por contratos e regulamentos que minimizem o risco de se estabelecer uma relação. Partindo-se dessa compreensão de formal e informal, concordaríamos então que eles são partes do mesmo todo e que é fundamental que essas duas dimensões coexistam.

Se a co-existência do formal e informal é saudável à nossa vida em sociedade, o processo de descrição e redescricao de vocabulários seria inerente à transformação e adaptação dos homens ao mundo que o cerca. Na verdade, o que concluiríamos é que a

existência de relações do tipo Eu-Tu, que ocorrem no espaço informal, seriam a condição para a atualização do formal, do mundo do ISSO.

13.1. De volta a Barca

“Caminhar sobre as águas desse momento”⁵⁷

Sentindo que já havia colocado no papel um pouco de minhas ansiedades metafóricas, senti que era hora de voltar à barca, reencontrar o Seu Elias. Ali, sentada no velho banco vi um envelope endereçado para mim em que estava escrito “o mundo do rio não é o mundo da ponte”. Dentro dele havia uma pintura muito leve, linda e diferente. Na verdade nem tão diferente assim, pois a imagem pintada nada mais era que a passarela da Rocinha projetada pelo Niemeyer. O mais engraçado é que ela não estava fixa na Estrada Lagoa-Barra, como o projeto prevê. Aquela ponte sinuosa, caprichosa como qualquer curva feminina, mas de preenchimento fixo como o concreto estava sobre as águas. Mas não eram águas quaisquer, pois elas permeavam, sem inundar, – passando delicadamente no “entre”, como uma ruela de Veneza – casas, prédios, barracos e casebres. Era como se aquela cidade entremeada pelas águas tivesse um misto da “cidade formal” e “informal”. E eu não saberia dizer onde começa o rio e termina o Rio. Não adianta tentar descrever aquilo que se fez presente no momento em que mirei a pintura. Tudo que eu escrever aqui não conseguirá expressar nem uma ínfima parte daquilo que senti. A forma que vejo agora como a melhor para falar daquela obra de arte é ofertando-lhes outra: um poema.

Onde eu nasci passa um rio
Que passa no igual sem fim
Igual, sem fim, minha terra
Passava dentro de mim

Passava como se o tempo
Nada pudesse mudar
Passava como se o rio
Não desaguasse no mar

O rio deságua no mar
Já tanta coisa aprendi
Mas o que é mais meu cantar
É isso que eu canto aqui

⁵⁷ “A ponte”: Lenine e Lula Queiroga, <http://letras.kboing.com.br/lenine/a-ponte/>

Hoje eu sei que o mundo é grande
E o mar de ondas se faz
Mas nasceu junto com o rio
O canto que eu canto mais

O rio só chega no mar
Depois de andar pelo chão
O rio da minha terra
Deságua em meu coração⁵⁸

14. BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, L. S., 2002, **Espaço público e Favelas: Uma Análise da Dimensão Pública dos Espaços Coletivos não Edificados da Rocinha**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2002. Tese (Doutorado)/PPGG.

AGUIAR, N. (org.), 2007, **Desigualdades sociais, redes de sociabilidade e participação política**. Belo Horizonte, Editora UFMG.

ALVES-MAZZOTI, A. J., 2006, “Usos e abusos dos estudos de caso”. In: **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.129, p.637-651, set/dez.

BARTHOLO. Jr., R., 2001, **Você e Eu - Martin Buber, presença e palavra**. Rio de Janeiro, Garamond.

BAUMAN, Z., 2001, **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed..

BUBER, M., 1974, **Eu e Tu**. 2ª ed. São Paulo, Editora Moraes.

BUBER, M., 2007, **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo, Perspectiva.

⁵⁸ “Onde eu nasci passa um rio”, Caetano Veloso.

CARDOSO, A. L.; RIBEIRO, L. C. Q., 1996, **Dualização e reestruturação urbana: o caso do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Observatório de Políticas Urbanas, IPPUR, FASE.

CYPRIANO, A., 2005, **Rocinha**. Rio de Janeiro, Senac Editoras.

DE SOTO, H., 1987, **Economia Subterrânea – uma análise da realidade peruana**. Rio de Janeiro, Globo.

DOS SANTOS, C. N. F., 1981, **Movimentos Urbanos no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

DUARTE, C. R.; SILVA, O.; BRASILEIRO, A. (org.), 1996, **Favela, Um Bairro: Propostas Metodológicas para Intervenção Pública em favelas do Rio de Janeiro**. São Paulo, Pró-Editores.

GUIMARÃES ROSA, J., 1967, **Tutaméia – Terceiras estórias**. Rio de Janeiro, José Olympio.

LEITÃO, G., 2008, “Transformações na estrutura sócio-espacial das favelas cariocas, ao longo dos últimos cinquenta anos: a Rocinha como um exemplo”. In: LUCARELLI, F.; DUARTE, C. F.; SCIARRETTA, M. (org.). **Favela & Cidade**. Napoli, Giannini Editore.

LOMNITZ, L. A., 2001, **Redes Sociales, cultura y poder – ensayos de antropología latinoamericana**. México, Miguél Angle Porrúa.

LOMNITZ, L. A., 2008, “Globalización, Economía Informal y Redes Sociales”. Paper para Conferência **Globalização, Economia Informal e Redes Sociais**, 17 de novembro de 2008, Rio de Janeiro, Brasil.

LOMNITZ, L. A., 2008, **Lo formal y lo informal en las sociedades contemporáneas**. Chile, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO/ SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO, 1999, **Cidade Inteira: a política habitacional da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, A Prefeitura, A Secretaria.

RORTY, R., 2007, **Contingência, Ironia e Solidariedade**. São Paulo, Martins.

SANTOS, B. S., 1974, Notas sobre a história Jurídico-social de Passárgada. Estudo baseado na tese de doutoramento intitulada “**Law against Law: Legal Reasoning in Pasargada Law**”. México, Centro Inter-Cultural de Documentacion de Cuernavaca.

SODRÉ, Muniz, 1988, **A verdade seduzida**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.

UNIÃO PRÓ-MELHORAMENTOS DOS MORADORES DA ROCINHA, 1983, **Varal de Lembranças: histórias da Rocinha**. Rio de Janeiro, União Pró-melhoramentos dos moradores da Rocinha; Tempo e Presença; SEC; MEC; FNDE.

VALLADARES, L. P.; MEDEIROS, L., 2003, **Pensando as Favelas do Rio de Janeiro, 1906-2000: uma bibliografia analítica**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, Faperj, Urbandata.

VENTURA, Z., 1994, **Cidade Partida**. São Paulo, Companhia das Letras.

ZALUAR, A.; ALVITO, M. (org.), 2006, **Um século de favela**. 5ª ed. Rio de Janeiro, Editora FGV.

Documentos

AMASCO – Associação de Moradores de São Conrado. **Atas das reuniões realizadas durante Fórum Técnico da Rocinha**, maio 2004 a julho 2005.

Decreto 5280 de 23/08/1985: criou a XXVII Região Administrativa.

Decreto 6011 de 04/08/1986: criou e delimitou o Bairro da Rocinha.

Edital Concurso Público Nacional de Idéias para Urbanização do Complexo da Rocinha. Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2005.

Folder de divulgação do POT – Posto de Orientação Técnica da Rocinha, 2008.

FÓRUM TÉCNICO DA ROCINHA, 2005, **Rocinha: uma nova realidade - Transformação Progressiva do Espaço Habitado.** Impresso.

IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil/ Departamento do Rio de Janeiro, 2006, **Ata dos trabalhos do júri do Concurso Nacional de Idéias para Urbanização do Complexo da Rocinha.** Rio de Janeiro, jan.

IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil/ Departamento do Rio de Janeiro, 2006, **Relatório de divulgação do I Concurso Nacional de Idéias para Urbanização do Complexo da Rocinha, Clipping.** Rio de Janeiro: 17 de outubro de 2005 a 31 de janeiro de 2006.

IBGE. **Censo 2000.** <http://www.ibge.gov.br/censo/>

IPLANRIO – Empresa Municipal de Informática e Planejamento, outubro, 1996. **Revista Rio Cidade.** Rio de Janeiro: A Prefeitura.

JORNAL O GLOBO, 14/12/2008. “**4 anos em 12 – A Era César Maia**”. p.4.

JORNAL DO BRASIL, 21/04/2004. **Favelas: Vazio do Estado (2).**

Lei n. 1995 de 18 de junho de 1993.

M&T- MAYERHOFER & TOLEDO, 2008, **Plano Sócio-Espacial: Relatório dos produtos declarados no Plano de Trabalho para o desenvolvimento do Plano Sócio-Espacial da Rocinha.** 3a Entrega, Volume Único, jan.

M&T- MAYERHOFER & TOLEDO, 2007, **Plano de Ação: Plano de Desenvolvimento Sócio Espacial do Bairro da Rocinha**. abr.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 04 de junho de 1992, **Lei Complementar número 16 – Dispõe sobre a política urbana do município, institui o Plano Diretor Decenal da Cidade do Rio de Janeiro, e da outras providências**. In: www.camara.rj.gov.br/legislacao/lei16_92.pdf

UNICEF – United Nations Children’s Fund, 1980, **Proposta para ação nas favelas cariocas – Favela da Rocinha**. SMD/ UNICEF, Mai.

Sítios consultados na Internet

<http://www.amasco.org.br/>

<http://abre-surdo.blogspot.com>

<http://www.caetanoveloso.com.br>

<http://www.cidades.gov.br>

http://www.dji.com.br/medidas_provisorias/2006/mp-000336-000-07-12-2006.htm

<http://www.fisica-interessante.com/fisica-relatividade-niemeyer-poema-da-curva.html>

<http://letras.kboing.com.br/lenine/a-ponte/>

<http://www.memoriaviva.com.br/drummond/index2.htm>

<http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/>

<http://www.revistafatorbrasil.com.br>

http://www2.rio.rj.gov.br/smu/compur/atas_13122007.asp

<http://www.rocinha.org/>

<http://segundo.sergiocabral15.com.br/>

<http://vejabrasil.abril.com.br/rio-de-janeiro>

<http://www.viniciusdemoraes.com.br/poesia>